



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LITERATURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

GISELE SOUSA SANTOS

**LITERATURA AFROFUTURISTA: IDENTIDADE NEGRA FEMININA NOS
ROMANCES KINDRED, DE OCTAVIA E. BUTLER E THE UNDERGROUND
RAILROAD, DE COLSON WHITEHEAD.**

FORTALEZA
2024

GISELE SOUSA SANTOS

LITERATURA AFROFUTURISTA: IDENTIDADE NEGRA FEMININA NOS
ROMANCES KINDRED, DE OCTAVIA E. BUTLER E THE UNDERGROUND
RAILROAD, DE COLSON WHITEHEAD.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Letras da Universidade Federal
do Ceará, como requisito parcial à obtenção do
título de mestre em Letras. Área de
concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dra. Fernanda Suely Muller.

FORTALEZA
2024

GISELE SOUSA SANTOS

LITERATURA AFROFUTURISTA: IDENTIDADE NEGRA FEMININA NOS
ROMANCES KINDRED, DE OCTAVIA E. BUTLER E THE UNDERGROUND
RAILROAD, DE COLSON WHITEHEAD.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dra. Fernanda Suely Muller.

Aprovada em 27/02/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Fernanda Suely Muller. (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Dolores Aronovich Agüero
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Francisco Carlos Carvalho Da Silva
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S2351 Santos, Gisele Sousa.
Literatura afrofuturista : Identidade negra feminina nos romances Kindred, de Octavia E. Butler e The Underground railroad, de Colson Whitehead / Gisele Sousa Santos. – 2024.
91 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Fernanda Suely Muller.

1. Identidade Negra. 2. Afrofuturismo. 3. Literatura Comparada. I. Título.

CDD 400

Aos meus mais velhos.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À minha mãe, que lutou para que eu pudesse ter a melhor educação e chegar até aqui. À mãe Sônia, minha mãe do coração, por tudo que fez por mim. Ao meu companheiro, que me apoiou em todas as decisões desse processo. À Inara, minha sobrinha e ao meu amigo Kiko, que me deram abrigo durante as aulas na capital.

Eu sempre ouvi pessoas negras falando como era difícil sobreviver no ambiente acadêmico e não acreditei até chegar a minha vez. Talvez para além das palavras o que mais tenha nessa dissertação sejam lágrimas e epifanias. Por isso, agradeço:

À minha orientadora, pela paciência, cuidado e por encarar os desafios junto a mim ao pesquisar um tema ainda em construção no nosso país.

Aos professores, Carlos Carvalho e Dolores Aronovich por aceitarem embarcar nessa pesquisa conosco.

Aos amigos que consegui fazer apesar da logística, Ewerton, Moacir, Cinthia e Yago. Um verdadeiro grupo de apoio online.

À coordenação e aos professores que tive durante os dois primeiros semestres.

Ele sabia exatamente do que ela estava falando, chegar a um lugar onde você podia amar qualquer coisa que quisesse — sem precisar de permissão para desejar — bom, ora, isso era liberdade. (MORRISON, 2007, p. 162)

Se quiserem ver do que é feita essa nação, é o que sempre digo, vocês têm de percorrer os trilhos. Olhem para fora à medida que acelerarem, e vão ver a verdadeira face da América. (WHITEHEAD, 2017, p.77)

RESUMO

Para falar sobre identidade negra na literatura, mais especificamente em literaturas afrofuturistas é exigido um exercício de pensar a história, sociedade e o mercado editorial. O Afrofuturismo nasceu como uma classificação para histórias de ficção especulativa de autoria negra nos Estados Unidos no final do século XX, mas se transformou em um movimento muito maior. Hoje ele representa toda uma luta contra o memoricídio da cultura negra e africana, através da fabulação de futuros, presentes e passados que tratam da presença negra na história mundial. A compreensão e exploração do Afrofuturismo evocam a reflexão sobre os modos não convencionais de perceber o tempo, a história e o progresso. A partir disso, dedicaremos nossa análise às protagonistas de duas narrativas contemporâneas afrofuturistas, que revisitam episódios do passado da população negra, *Kindred* (1979) de Octavia Butler e *The Underground Railroad: Os Caminhos para a Liberdade* (2017) de Colson Whitehead. Nosso objetivo é compreender como a identidade negra feminina se estabelece nessas personagens, explorando a construção dessa identidade e examinando como as protagonistas configuram seus aspectos em suas trajetórias.

Palavras-chave: identidade negra; afrofuturismo; literatura comparada.

ABSTRACT

To discuss black identity in literature, more specifically in Afrofuturist literature, requires an exercise in considering history, society, and the publishing market. Afrofuturism was born as a classification for speculative fiction stories by black authors in the United States at the end of the 20th century, but it has grown into a much larger movement. Today it represents an entire struggle against the memocide of black and African culture, through the fabrication of futures, presents and pasts that deal with the black presence in world History. Understanding and exploring Afrofuturism evokes reflection on unconventional approaches to time, history, and progress. From this perspective, we will dedicate our analysis to the protagonists of two contemporary Afrofuturist narratives that revisit episodes from the black population's past, *Kindred* (1979) by Octavia Butler and *The Underground Railroad* (2016) by Colson Whitehead. Our aim is to understand how black female identity is established in these characters, exploring the construction of this identity, and examining how the protagonists configure its aspects in their journeys.

Keywords: black identity; afrofuturism; comparative literature.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
2	CAPÍTULO 1: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA AFRO-AMERICANA.....	15
2.1	A personagem na literatura negra.....	27
3	CAPÍTULO 2: EXU MATOU UM PÁSSARO ONTEM, COM A PEDRA QUE ATIROU HOJE: CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O AFROFUTURISMO.....	33
3.1	O Futuro pertence ao senhor: colonialismo e liberdade.....	41
4	CAPÍTULO 3: CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NEGRAS NAS PERSONAGENS DANA E CORA.....	47
4.1	Identidade negra e contexto racial no período escravocrata estadunidense em <i>The Underground Railroad</i>	52
4.2	Cadeias opressivas que atravessam a identidade negra feminina em <i>Kindred</i>	68
4.3	Identidade negra e representatividade próspera.....	79
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
	REFERÊNCIAS	89

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para falar sobre identidade negra na literatura, mais especificamente em literaturas afrofuturistas é exigido um exercício de pensar a história, sociedade e o mercado editorial. Afinal o livro é um produto e que pode reforçar conceitos e opressões enraizadas em nossa sociedade. Ser uma leitora negra de ficção especulativa é como crescer sem espelho. Na infância as únicas histórias que chegavam até mim eram escritas por pessoas brancas e não possuíam protagonistas negros ou sequer personagens negros. Quando criança, podemos não identificar as violências que vivemos como tal, mas identificamos problemas, sentimentos e situações que com o passar do tempo começam a se repetir e a moldar nosso comportamento. Diante disso, eu adquiri um hábito peculiar ao ler ficção especulativa: reescrever cenas em que eu estivesse junto aos protagonistas para me sentir parte daquela história.

No fim da década de 1990 as discussões sobre raça não chegavam até o público infantil. Atualmente esse público consegue se ver em bonecas, personagens de filmes e demais materiais artísticos e comerciais. Não havia sequer a obrigatoriedade do ensino de cultura africana e afro-brasileira, já que a Lei 10.639¹ entrou em vigor apenas em 2003, e não tenho nenhuma lembrança, em todos os meus anos escolares do fundamental, de ter esses tópicos abordados em aulas ou projetos. Anos depois, no ensino médio, tive contato com eventos como a “semana da consciência negra” que as escolas costumam realizar uma vez por ano em novembro.

Quando olho para a ausência de leituras de autoria negra nessa época específica de minha vida percebo que pelo menos naquela época é como se o sistema ou a família indicassem que raça não é coisa de criança. Depois que me tornei professora percebi que as questões raciais devem ser ensinadas e discutidas desde a infância. Foi nesse momento, olhando para essa nova geração e vendo o quanto se parecia com as situações que eu mesma vivi na escola, que decidi entender as violências, estudar e abraçar as identidades negras, mas a literatura negra não havia tomado de conta ainda da minha vida acadêmica.

Eu li autores como Júlio Verne, Philip K. Dick e George Orwell, os clássicos da ficção científica. E quando adulta, em 2017, pude ter a chance de ler o clássico de 1932 *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley. Nessa época eu já estava no segundo ano de faculdade, cursando letras inglês na Universidade Estadual do Ceará e frequentando coletivos

¹ Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

negros. Eu já havia lido alguns livros de autoria negra, como *O Olho mais Azul* (1970), de Toni Morrison, livro sobre o qual produzi meu primeiro estudo sobre identidade negra feminina.

A leitura de *Admirável Mundo Novo* marcou um momento significativo em minha vida, pois foi a primeira vez que percebi questões raciais na ficção especulativa. Nessa narrativa, uma sociedade é estratificada em castas, e uma das características marcantes é a representação das castas por cores. Os Alfas, a elite intelectual, usam a cor cinza, enquanto os Betas usam o roxo, os Gamas o verde, os Deltas o caqui e, por fim, os Ípsilons, a casta mais baixa, usam a cor preta. Essa escolha de cores para a casta inferior, especialmente o preto, provocou em mim reflexões sobre sua associação histórica com a população afrodescendente, remetendo ao legado do sistema escravista e à perpetuação das desigualdades raciais.

Embora não pretenda me aprofundar em uma discussão sobre as intenções do autor ao escolher essa cor para representar a casta subalterna de sua sociedade, é inegável que a literatura pode reforçar conceitos arraigados em nossa realidade social. Considerando que *Admirável Mundo Novo* foi publicado quase 100 anos após o fim da escravidão no Reino Unido, ocorrida em 1833, é possível que Huxley tenha empregado o preto como uma crítica ou como uma representação do senso comum da época.

Após essa situação fiz uma busca sobre autores negros de ficção científica e foi nessa pesquisa que encontrei pela primeira vez o termo Afrofuturismo. A primeira referência sobre o tema foi Octavia Butler que, coincidentemente, teria sua primeira tradução lançada no Brasil em 2017. *Kindred*, de 1979, chegava ao Brasil quase 40 anos após seu lançamento, quando Butler já havia falecido, em 2006, e a grande aposta para trazer livros de ficção científica que tratassem de questões raciais era devido ao sucesso que o lançamento do filme *Pantera Negra* (2018) estava alcançando.

Esse foi o filme que trouxe o Afrofuturismo para o “*mainstream*”, onde desde o seu anúncio em 2016² marcou uma geração de pessoas negras que veriam pela primeira vez um filme solo de um herói africano produzido pela maior indústria do cinema de herói, a Marvel, ou Universo Cinematográfico Marvel, como é chamado o departamento de produção.

O lançamento de *Pantera Negra* possibilitou um novo direcionamento do mercado da cultura pop. A partir daí, as editoras trouxeram histórias do herói em diferentes formatos e passaram a investir na publicação de outras histórias especulativas com personagens negros. Dessa forma, em 2018, o Brasil recebeu traduções de escritoras como Nnedi Okorafor, Tomi Adeyemi e N. K. Jemisin, autoras premiadas que trabalham o afrofuturismo em suas obras de

² A primeira data de anúncio foi em 2005, mas o personagem Pantera Negra só apareceu nos cinemas em 2014. Em 2016 a produção foi anunciada assim como o elenco.

ficção científica e fantasia. O discurso que o Pantera Negra trouxe para o mercado, também possibilitou que escritores negros brasileiros do gênero recebessem destaque, como é o caso de Fabio Kabral, Lu Ain-Zaila, Taiasmin Ohnmacht e Kinaya Black, pseudônimo com o qual assino os livros de ficção que eu mesma escrevo.

Apesar de sermos constantemente procurados para falar sobre o tema em eventos pelo Brasil, ainda não estamos no mesmo circuito de mercado que as traduções. Assim, continuamos sendo majoritariamente publicados por editoras menores ou de forma independente.

Conhecer e compreender todo o cenário que o afrofuturismo propunha para as populações negras e afro diaspóricas foi fundamental para que eu enfim me sentisse presente na literatura, ou até mesmo na cultura pop. O Afrofuturismo nasceu como uma classificação para histórias de ficção especulativa de autoria negra nos Estados Unidos no final do século XX, mas se transformou em algo muito maior. Hoje ele representa toda uma luta contra o memoricídio da cultura negra e africana, através da fabulação de futuros, presentes e passados que tratam da presença negra na história mundial.

Diante disso, a intenção de desenvolver essa dissertação nasce da encruzilhada entre o que o afrofuturismo pode propor e a minha trajetória enquanto leitora negra de ficção especulativa. Desta forma investigamos como as narrativas afrofuturistas abordam as questões de identidade negra feminina. E para isso, o nosso objeto de pesquisa consiste em analisar duas narrativas contemporâneas afrofuturistas, que revisitam episódios³ do passado da população negra, *Kindred* (1979), de Octavia Butler e *The Underground Railroad: Os Caminhos para a liberdade* (2016), de Colson Whitehead.

Os romances em questão também são classificados como narrativas escravas pós-modernas, cuja acepção faz referência ao período das narrativas escravas que deram início à produção literária afro-americana. Por serem obras situadas em um determinado período histórico da realidade humana, conseqüentemente dizem muito sobre ancestralidade, memória e recordação. Através desses dois objetos, que possuem protagonistas mulheres que vivenciam a escravização, queremos compreender os efeitos desse período na vida de mulheres negras no passado e no presente.

Essa dissertação está organizada de forma a construir um caminho de compreensão entre os gêneros literários que atravessam as obras, em como o afrofuturismo se faz presente nas narrativas e as implicações de gênero que une as protagonistas dos romances.

³ Utilizamos o termo “episódio” como forma de indicar que o passado de povos negros não se limita à escravização, mas que vai muito além.

No primeiro capítulo traçamos uma breve apresentação sobre a literatura afro-americana, expondo seu surgimento, temas recorrentes, implicações nos movimentos civis estadunidenses, ramificações contemporâneas e reflexões acerca da personagem negra na literatura.

O segundo capítulo é dedicado ao afrofuturismo, nele é abordado seu surgimento no século XX e sua expansão para outros campos das artes. Também são apresentados seus principais pensadores e seus diferentes conceitos ao longo dos anos. Além disso, refletimos acerca da literatura afrofuturista ser uma resposta ao colonialismo a partir dos pensadores Ytasha Womack, Achile Mbembe e Molefi Kete Asante.

Já no terceiro capítulo, tratamos da comparação entre as duas obras, buscando compreender como o sistema escravista influencia as identidades negras das protagonistas Dana e Cora, nos romances *Kindred*, de Octavia Butler e *The Underground Railroad*, de Colson Whitehead, respectivamente.

2 CAPÍTULO 1: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA AFRO-AMERICANA.

Antes de refletir sobre literatura negra, como um livro ou uma arte feita pela escrita, precisamos saudar a oralidade como forma ancestral de transmissão de conhecimentos e memória. F. Abiola Irele escreve o primeiro artigo da coletânea da *Cambridge Companions*(2011) sobre a literatura Afro-americana. Em seu artigo intitulado *Sounds of a tradition: the souls of black folk*, Irele discorre sobre a importância da oralidade como elemento dominante nos aspectos linguísticos e culturais dos cotidianos africanos, especialmente quando relacionada à literatura como fenômeno. Sua reflexão aponta para duas indagações: em primeiro lugar, sobre o *status* epistemológico da literatura oral africana, reconhecendo-a como uma categoria única na função imaginativa; em segundo lugar, como fundamento primário para a imaginação negra no Novo Mundo.

Isso se refere a uma questão geral de definição e metodologia que é imposta pelos imperativos da análise literária e do discurso crítico na academia ocidental, mas também é inerente às atitudes predominantes em relação à oralidade que foram promovidas pelo privilégio do modo escrito na cultura ocidental. Aqui, temos de lidar com a dificuldade, para aqueles que foram criados em uma cultura letrada, de conceber a oralidade como capaz de sustentar qualquer forma de discurso extenso e, especialmente, de enunciados deliberadamente estruturados que derivam coerência de um projeto imaginativo e estético. Encontramos aqui o mesmo problema que em outras áreas da criação artística africana, na música, por exemplo, onde a ausência de notação levou os observadores ocidentais a ignorar a qualidade intrínseca da expressão musical africana (IRELE, 2011, p.25, tradução nossa)⁴

Como observado, a crítica acadêmica ocidental, não aprecia a criação artística africana, que não se enquadra nas normas convencionais de representação textual. Porém, não nos parece que é apenas a ausência de notação de uma música ou de escrita que faz com que o ocidente desconsidere a criação artística africana e posteriormente afrodescendente, pois, como veremos a seguir, a literatura escrita produzida por negros enfrentou e ainda enfrenta a deslegitimação acadêmica ocidental. É sabido que a literatura desempenha um papel fundamental na representação e reflexão de estruturas sociais e históricas de uma determinada sociedade, e o contexto norte-americano não é exceção. Portanto, podemos identificar,

⁴ No Original: This relates to a general question of definition and methodology that is entailed by the imperatives of literary analysis and critical discourse in the Western academy, but is also inherent in the prevailing attitudes toward orality that have been promoted by the privileging of the written mode in Western culture. Here, we have to contend with the difficulty for those raised in a literate culture of conceiving of orality as capable of sustaining any form of extended discourse, and especially of deliberately structured utterances that derive coherence from an imaginative and aesthetic project. We encounter here the same problem as in other areas of African artistic creation, in music for example, where the absence of notation has led Western observers to ignore the intrinsic quality of African musical expression.

inclusive, como as relações de poder estabelecidas pelo colonialismo são abordadas, questionadas e subvertidas.

Surgindo como uma resposta direta à opressão e exploração enfrentadas pelos afro-americanos durante os períodos colonial e pós-colonial, a literatura afro-americana se tornou uma forma de resistência e reivindicação de identidade. Autoras e autores afro-americanos, por exemplo, trouxeram à tona as experiências e perspectivas de uma população marginalizada, desafiando as narrativas hegemônicas e construindo uma contranarrativa que afirmava a humanidade e a dignidade negra. Através de personagens com diferentes camadas, como veremos na próxima seção deste capítulo, esses abordaram as consequências do colonialismo em suas vidas individuais e coletivas, evidenciando os danos e os resquícios que persistem até os dias atuais.

No entanto, ao analisar a literatura e a história dos Estados Unidos, também é essencial considerar a percepção de castas, a partir do que é apresentado por Isabel Wilkerson. A autora argumenta que a estrutura social americana é moldada por uma hierarquia de castas baseada em raça, que influencia profundamente as experiências e oportunidades das pessoas.

Isabel Wilkerson, no livro *Casta: as origens do nosso mal estar* (2021) aborda uma importante faceta do sistema de castas: a justificação ideológica e religiosa que sustenta sua existência e perpetuação. Assim, Wilkerson explora como as crenças religiosas e as teorias científicas foram utilizadas para legitimar as hierarquias de poder estabelecidas pelas castas nos Estados Unidos, dentre elas a escravização europeia.

A partir da Idade Média, alguns intérpretes do Velho Testamento descreveram Cam com pele negra e traduziram a maldição de Noé contra ele como uma maldição contra todos os seres humanos de pele escura[...] E dessa forma se desenvolveu uma hierarquia no Novo Mundo que eles criaram, na qual os que tinham a pele mais clara foram colocados acima dos que tinham a pele mais escura. (WILKERSON, 2021, p. 112)

Wilkerson revela como as interpretações distorcidas de textos religiosos foram usadas para fundamentar a noção de superioridade e inferioridade de certos grupos sociais. Ao fazer isso, a autora expõe a profunda ironia de como uma religião que prega a igualdade e a fraternidade de todos os seres humanos foi usada para justificar a opressão e a degradação dos afro-americanos, e também destaca como essas crenças e ideologias ainda estão enraizadas na sociedade contemporânea. Ela mostra como as noções de supremacia branca e a legitimação ideológica das castas continuam a influenciar as atitudes e as estruturas sociais, mesmo que de forma mais sutil e disfarçada.

Os Estados Unidos e a Índia viriam a se tornar, respectivamente, a democracia mais antiga e a democracia mais populosa na história humana, ambas construídas sobre

sistemas de castas reforçados por interpretações dos textos sagrados das respectivas culturas. Em ambos os países, as castas subordinadas foram designadas para a base, tidas como merecedoras de sua degradação, por conta dos pecados do passado. Esses princípios, interpretados pelos que se colocaram no topo, se tornariam os fundamentos para a crença numa pirâmide humana segundo a vontade de Deus, uma Grande Cadeia dos Seres, que os fundadores continuariam a entalhar nos séculos seguintes, conforme existissem as circunstâncias. (WILKERSON, 2021, p.113)

Fica evidente a importância de compreender as bases ideológicas e religiosas que sustentam as estruturas de poder opressoras como o sistema de castas, o colonialismo e a escravização. Wilkerson nos lembra também que a luta contra a opressão e a desigualdade não se resume apenas a uma batalha política ou social, mas também envolve uma desconstrução das ideias e crenças arraigadas que perpetuam a injustiça. Além disso, Wilkerson explora como as teorias científicas foram distorcidas e utilizadas para apoiar a hierarquia racial, examinando os estudos raciais do século XIX e início do século XX, nos quais falsas teorias de inferioridade racial foram propagadas. A autora desconstrói o mito da supremacia branca que permeava essas teorias, revelando como elas foram usadas para legitimar a exploração e a marginalização de grupos considerados "inferiores".

As reflexões de Wilkerson podem ser complementadas por Ahmed Shawki em seu livro *Black Liberation and Socialism* (2005), onde o autor afirma que:

O trabalho dos negros, forçados a vir para o Novo Mundo como escravos, foi essencial para o desenvolvimento econômico não só das novas colônias, seja no Caribe, na América Latina ou na América do Norte, mas também das grandes potências do "Velho Mundo". Mas a escravidão não veio inocente de armadilhas ideológicas. Uma ideologia historicamente distinta, criada para justificar e manter a opressão dos escravos, desenvolveu-se com o surgimento do comércio atlântico de escravos. O racismo e a opressão racial têm sido características da vida cotidiana dos negros nos Estados Unidos há mais de 350 anos. (Shawki, 2005, p. 17-18. Tradução nossa)⁵

Analisar esse percurso histórico ilustra a conexão entre exploração econômica, fundamentos ideológicos e a persistente desigualdade racial, ressaltando a urgência de enfrentar e destruir ou alterar as estruturas que ainda mantêm viva a disparidade racial.

Diante disso, a literatura nos Estados Unidos oferece uma arena na qual as dinâmicas do colonialismo podem ser examinadas criticamente. Se traçarmos uma linha do tempo da literatura afro-americana, seremos levados a uma jornada sobre a História e a cultura negra, que é mostrada pelas narrativas oficiais. Desde sua origem no período escravocrata até

⁵ No Original: The labor of Blacks, forced to come to the New World as Slaves, was essential to the economic development not only of the new colonies, whether in the Caribbean, Latin America, or North America, but also the major powers of the "Old World." But slavery did not come innocent of ideological trappings. A historically distinct ideology designed to justify and maintain the oppression of the slaves developed with the rise of the Atlantic slave trade. Racism and racial oppression have been features of everyday life for Blacks in the United States for more than 350 years.

sua contínua relevância no século XXI, a literatura afro-americana revela a luta pela liberdade e a busca por justiça. Ao longo dos séculos, essa forma de expressão artística tem se mostrado vital para a compreensão da experiência negra nos Estados Unidos e para o enriquecimento do panorama literário mundial.

Portanto, a literatura afro-americana é um movimento literário que denuncia as desigualdades, a opressão e a discriminação enfrentadas pela comunidade negra dos Estados Unidos, e tem sido fundamental na documentação e na crítica da experiência negra na América, uma vez que a literatura produzida pelos colonizadores e seus descendentes reforçou estereótipos e visões distorcidas sobre os povos indígenas e afro-americanos. Desde as narrativas de escravizados até as obras contemporâneas⁶, a literatura tem oferecido perspectivas e interpretações que muitas vezes são negligenciadas ou ignoradas pela sociedade de maioria branca.

No período escravocrata, a literatura negra estadunidense teve suas primeiras manifestações em forma de narrativas, que registravam a vida e as dificuldades enfrentadas pelos escravizados. Essas narrativas foram se desenvolvendo ao longo dos séculos, e se tornaram uma forma de denúncia da opressão e da desumanização dos negros, que encontraram na literatura uma maneira de tentar preservar sua história e cultura. Essa literatura oferece uma visão única sobre a experiência negra e pode ajudar a construir pontes entre diferentes grupos e culturas, promovendo a compreensão e o diálogo intercultural.

Nesta época, a voz pioneira da literatura afro-americana, enquanto poesia, foi Phillis Wheatley, que em 1773, publicou seu livro *Poems on Various Subjects, Religious and Moral*, tornando-se a primeira poetisa negra dos Estados Unidos. Nascida na África Ocidental e trazida como escravizada para Boston, Massachusetts, em 1761, Phillis Wheatley teve a oportunidade de estudar e desenvolver seu talento para a poesia com a família Wheatley, seus proprietários.

⁶ Há saltos cronológicos no decorrer desta seção.

Embora tenha sido um marco, considerando-se que na época aos escravizados não era permitido o acesso ao letramento, o que levou ao seu senhor escrever uma carta de consentimento para a publicação, sua obra também foi alvo de críticas, que se concentram em uma suposta conformidade de seus poemas com as expectativas dos colonizadores brancos, retratando um certo grau de submissão e aceitação da escravidão, o que levanta questionamentos sobre a representatividade da verdadeira experiência dos africanos e afro-americanos na América colonial.

Porém, para outros críticos⁷, a análise de Wheatley é feita dentro do contexto de uma sociedade e sistema literário que limitavam a liberdade e expressão de pessoas negras, o que poderia distorcer ou influenciar a interpretação de suas obras, afirmando que a escolha da autora em abordar o tema bíblico em seus poemas era uma forma inteligente de camuflar suas reflexões sobre a escravidão.

No século XIX, os jornais desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento dos movimentos abolicionistas ao mesmo tempo que da literatura afro-americana, proporcionando um meio para a expressão e disseminação de vozes negras, incluindo o surgimento das narrativas de escravizados. Um marco nesse contexto foi o estabelecimento do primeiro jornal negro nos Estados Unidos, o *Freedom's Journal*, fundado em 1827 por John Russwurm e Samuel Cornish. Esses periódicos não apenas abordavam questões políticas e sociais, mas também serviam como espaços para a divulgação das experiências e perspectivas da comunidade afro-americana, contribuindo assim para a formação da literatura afro-americana e para a conscientização sobre a brutalidade da escravidão.

A literatura afro-americana, como um reflexo das experiências e desafios enfrentados pelos afro-americanos nos Estados Unidos, não poderia escapar da influência da Guerra Civil Americana, um dos eventos mais impactantes da história do país. A guerra, que ocorreu entre 1861 e 1865, foi desencadeada por disputas políticas, econômicas e sociais, bem como divisões entre os estados do Norte e do Sul dos Estados Unidos. A principal causa subjacente do conflito foi a questão da escravidão. Shawki (2005) pontua que:

As três décadas que antecederam a Guerra Civil viram o nascimento e o crescimento de um movimento social de massa pela abolição da escravidão. O movimento abolicionista tornou-se uma força significativa na política dos EUA; envolveu dezenas de milhares de membros ativos e mobilizou e influenciou um número ainda maior. O

⁷ No artigo *Racial Awareness in Phillis Wheatley's Selected Poems*, de Manimangai Mani, da Faculty of Modern Languages and Communication, Universiti Putra Malaysia, Serdang, Selangor, Malaysia, a autora faz uma análise crítica dos poemas.

movimento abolicionista continua sendo um dos movimentos sociais mais importantes já vistos neste país. (Shawki, 2005, p. 37. Tradução nossa.)⁸

A prática da escravidão estava profundamente enraizada na economia e na cultura do Sul dos Estados Unidos, onde os plantadores de algodão e outras culturas agrícolas utilizavam a mão de obra de escravizados na manutenção dos seus negócios. Por outro lado, os estados do Norte, que já haviam abolido a escravidão ou estavam caminhando nessa direção, viam a instituição como uma violação dos princípios de liberdade e igualdade sobre os quais a nação havia sido fundada. A discordância irreconciliável sobre a escravidão alimentou as tensões políticas e econômicas entre o Norte e o Sul, culminando na Guerra Civil.

Esse conflito e a literatura afro-americana da época, portanto, estão intrinsecamente interligadas. A guerra serviu como um catalisador para a produção literária afro-americana, impulsionando os escritores a expor as contradições da sociedade e a promover a emancipação e a igualdade. Duas obras significativas que contribuíram para o período pré-guerra civil e os movimentos abolicionistas foram as autobiografias *Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave* (1845) de Frederick Douglass e *Incidents in the Life of a Slave Girl* (1861) de Harriet Jacobs.

Frederick Douglass (1818-1895), abolicionista, orador e escritor afro-americano do século XIX, contribuiu para vários jornais ao longo de sua vida. Ele começou sua carreira como escritor na imprensa abolicionista, contribuindo para jornais como o *Liberator*, editado por William Lloyd Garrison. Douglass também teve sua própria publicação, o *North Star*, que ele fundou em 1847 e que mais tarde fundiu-se com o *Frederick Douglass' Paper*, o mantendo como editor principal. É importante destacar que Frederick Douglass foi um dos mais proeminentes líderes do século XIX. Nascido como escravizado em Maryland, Douglass enfrentou inúmeras dificuldades em sua jornada para conquistar a liberdade. Sua coragem e determinação o levaram a se tornar um incansável defensor dos direitos civis e da abolição da escravidão, deixando um longo legado na história estadunidense.

Além de suas contribuições como ativista, Douglass também desempenhou um papel significativo na condução de fugas de escravizados pela chamada "ferrovia subterrânea". Essa expressão refere-se a uma rede clandestina de rotas e abrigos que ajudavam pessoas escravizadas a escaparem para a liberdade, cuja história tornou-se inspiração para o livro *The*

⁸ No Original: The three decades leading to the Civil War saw the birth and growth of a mass social movement for the abolition of slavery. The abolitionist movement became a significant force in U.S. politics; it involved tens of thousands of active members and mobilized and influenced even greater numbers. The abolitionist movement remains one of the most important social movements ever seen in this country.

Underground Railroad: Os Caminhos para a Liberdade, de Colson Whitehead, um dos objetos de estudo desta pesquisa.

Após esse período, podemos destacar que a literatura afro-americana passou por um importante momento: a Renascença do Harlem, um movimento cultural, social e artístico que ocorreu nas décadas de 1910 e 1930, na cidade de Nova York. Na década de 1910, as migrações de afro-americanos para o norte dos Estados Unidos, em fuga da segregação e em busca de oportunidades, contribuíram para o crescimento da comunidade no bairro Harlem, Nova York, que posteriormente na década de 1920 testemunharia o auge do Renascimento do Harlem, caracterizado pelo surgimento de clubes noturnos, teatros e espaços culturais que se tornaram centros de expressão artística negra. Além disso, um ponto importante para esse período foi o *New Negro Movement* que adquiriu visibilidade com a publicação do manifesto *The New Negro* por Alain Locke (1885 - 1954), um filósofo e crítico literário, que enfatizou a necessidade dos afro-americanos romperem com estereótipos raciais e rejeitarem as limitações impostas pela sociedade branca.

O manifesto propôs uma visão mais progressista e afirmativa do povo negro, destacando a diversidade da herança cultural africana e a contribuição dos afro-americanos para a sociedade. Locke defendia que os artistas e intelectuais negros deveriam se esforçar para criar uma expressão cultural autêntica que refletisse suas próprias experiências e perspectivas. Essa ênfase na autenticidade cultural contribuiu para o crescimento das artes durante o Renascimento do Harlem, inspirando escritores, artistas e músicos a explorar temas e estilos que eram representativos de suas experiências.

Durante a Renascença do Harlem, a literatura assumiu um papel fundamental na expressão e no fortalecimento da identidade afro-americana. Autores como Langston Hughes(1901-1967), Zora Neale Hurston (1891-1960) e Richard Wright (1943-2008) ganharam destaque nesse movimento, contribuindo para a criação da literatura afro-americana moderna. Embora tenha perdido parte de sua efervescência, durante a década de 1940, os objetivos de luta durante o Renascimento do Harlem persistiram, influenciando movimentos subsequentes pelos direitos civis e contribuindo para a afirmação contínua da identidade afro-americana.

Assim sendo, no contexto do Movimento pelos Direitos Civis, a literatura afro-americana assumiu um papel de veículo de denúncia e resistência. Ainda segundo Shawki (2005):

As raízes do movimento pelos direitos civis das décadas de 1950 e 1960 estão nas transformações das condições e da experiência dos negros durante a Segunda Guerra

Mundial. Um grande número de empregos antes fechados para os trabalhadores negros ficou de repente disponível. A migração dos negros para o Norte atingiu uma escala sem precedentes. Até as vésperas da Primeira Guerra Mundial, 90% dos negros viviam no Sul. Em 1940, 77% de todos os negros residiam nos antigos estados escravagistas, em comparação com 27% dos brancos. Em 1950, esse número havia caído para 68%, uma tendência que continuaria até a década de 1960. [...] A urbanização da população negra transformou seu caráter e [...] aumentou a confiança dos negros tanto no Norte quanto no Sul para desafiar o racismo. (SHAWKI, 2005, p. 152. Tradução nossa)⁹

O movimento lutou por igualdade de direitos, acesso igualitário à educação, ao voto, ao emprego e ao sistema judicial, entre outros aspectos fundamentais da cidadania, e foi liderado por figuras icônicas como Martin Luther King Jr. (1929-1968), Rosa Parks (1913-2005), Malcolm X (1925-1965), Angela Davis e muitos outros, resultando em legislações como a Lei dos Direitos Civis de 1964 e a Lei do Direito ao Voto de 1965.

Autores como James Baldwin (1924-1987), Ralph Ellison (1914-1994) e Lorraine Hansberry (1930-1965) exploraram em suas obras questões raciais e sociais, desafiando o sistema de segregação e defendendo a igualdade. Essa literatura é marcada pelo realismo e pela crítica social. Um exemplo, infelizmente, marcante do impacto do Movimento pelos Direitos Civis na literatura afro-americana é o caso do assassinato brutal de Emmett Till, um adolescente afro-americano de 14 anos, em 1955. Esse evento, que ocorreu no Mississippi, teve repercussões profundas na sociedade e na consciência coletiva dos afro-americanos.

O caso de Till foi um símbolo marcante da violência racial e da impunidade que prevaleciam na época. James Baldwin, profundamente afetado por esse acontecimento explorou suas implicações no livro *Blues for Mr. Charlie* (1964). A obra, inspirada no caso de Till, aborda questões sobre racismo, justiça e identidade, e serve como um testemunho da luta contra a violência racial e pela igualdade de direitos. O impacto desse caso específico e sua subsequente representação literária por Baldwin são exemplos da intersecção entre a luta pelos direitos civis e a produção literária afro-americana, na qual eventos históricos e questões sociais são refletidos, analisados e debatidos de forma artística e política.

Apesar da implementação das leis em 1964 e 1965, a brutalidade racial persistia nos Estados Unidos. Durante esse período podemos destacar três acontecimentos que exemplificam

⁹ No original: The roots of the civil rights movement of the 1950s and 1960s lie in the transformed conditions and experience of Blacks during the Second World War. Large numbers of jobs previously closed to Black workers were suddenly available. Black migration to the North reached an unprecedented scale. Until the eve of the First World War, 90 percent of Blacks lived in the South. As late as 1940, 77 percent of all Blacks resided in the former slave states-compared to 27 percent of whites. By 1950, the figure had declined to 68 percent, a trend that would continue into the 1960s. [...] The urbanization of the Black population transformed its character and[...] heightened the confidence of Blacks in both the North and the South to challenge racism.

o ódio da sociedade estadunidense a qualquer manifestação negra. Foram eles: os assassinatos de Malcolm X, Martin Luter King Jr. e Fred Hampton, respectivamente nos anos de 1965, 1968 e 1969.

Tanto Malcolm X, como Martin Luther King Jr., eram líderes influentes. Cada um, no entanto, possuía suas próprias abordagens para combater a injustiça racial. Sobre a morte dos dois líderes Shawki (2005) afirma que:

O assassinato de Martin Luther King Jr. sinalizou o fim de uma era. Para muitos, seu assassinato mostrou graficamente que havia pouca esperança de conseguir uma mudança real nos Estados Unidos por meio de uma estratégia de "amar o inimigo" e dar a outra face. Também era dolorosamente óbvio que os dois líderes mais capazes da luta pela liberdade dos negros - Malcolm X e Martin Luther King. Jr. - haviam sido exterminados no momento em que começavam a desafiar as próprias raízes da desigualdade econômica e racial incorporadas à sociedade norte-americana. Malcolm X e Martin Luther King. Jr. partem de posições políticas muito diferentes. No início da década de 1960, suas políticas eram muito divergentes. Mas, nos meses que antecederam o assassinato de cada um deles, chegaram a conclusões muito semelhantes sobre o caráter do sistema, as limitações das reformas sob o capitalismo e, principalmente, que os Estados Unidos precisavam de uma profunda transformação estrutural para que o racismo e a opressão aos negros fossem superados. (SHAWKI, 2005, p. 204. Tradução nossa.)¹⁰

Martin Luther King Jr., foi um defensor da não violência, destacando por sua visão moral, utilizando estratégias pacíficas como boicotes e marchas. Em contraste, Malcolm X, inicialmente associado à Nação do Islã, adotou uma postura mais “radical”, enfatizando a autossuficiência econômica e a resistência armada em resposta à violência institucionalizada. Uma de suas frases mais famosas “por todos os meios necessários”, dita em discursos, pode ser vista como forma de incentivo e força naquilo que acreditava. Seu assassinato foi um estopim para o surgimento do Partido dos Panteras Negras, uma organização que buscava enfrentar diretamente essas questões por meio de uma abordagem mais combatente, onde chegamos ao terceiro nome citado acima.

O Partido dos Panteras Negras foi fundado em 1966 por Huey Newton e Bobby Seale, o grupo adotou uma postura organizada e armada, acreditando que a autodefesa era necessária para proteger as comunidades afro-americanas contra a violência policial e outros

¹⁰ No original: Martin Luther King, Jr's, assassination signaled the end of an era. For many, his assassination graphically showed that there was little hope of achieving real change in the United States by pursuing a strategy of "loving thy enemy" and turning the other cheek. It was also painfully obvious that the two most capable leaders of the Black freedom struggle—Malcolm X and Martin Luther King. Jr.—had been cut down, just as they were beginning to challenge the very roots of economic and racial inequality built into U.S. society. Malcolm X and Martin Luther King. Jr. start from very different political positions. Their politics in the early 1960s were sharply at odds. But in the months before they were each murdered, they drew very similar conclusions about the character of the system, the limitations of reforms under capitalism, and, crucially, that the United States needed a profound structural transformation if racism and Black oppression were to be overcome.

perigos. “Os Panteras ganharam notoriedade um ano depois por conta de suas atividades para combater a brutalidade policial em Oakland, organizando patrulhas para monitorar a polícia” (SHAWKI, 2005, p. 207, tradução nossa)¹¹. Além disso, desenvolveram programas comunitários, fornecendo assistência médica, educação e alimentos para as comunidades carentes. No entanto, sua imagem muitas vezes era associada à resistência armada e à confrontação com as autoridades, o que levou a uma resposta violenta por parte do governo.

Um dos assassinatos mais brutais de membros dos Panteras Negras foi o de Fred Hampton, que era um líder do partido em Chicago. Hampton foi morto durante uma ação policial que envolveu o FBI (Federal Bureau of Investigation) e a polícia de Chicago. Durante a operação, as autoridades invadiram a residência de Hampton, alegando que procuravam por armas ilegais. No entanto, a ação resultou em um confronto violento, culminando na morte de Fred Hampton e do também membro dos Panteras Negras, Mark Clark. Hampton tinha apenas 21 anos quando foi assassinado.

A trágica e questionável recorrência de líderes negros sendo mortos ao longo da história evidencia uma realidade sombria da violência racial e resistência dos sistemas controlados por pessoas brancas contra movimentos que buscam a igualdade e a justiça. Essas mortes não são apenas eventos isolados, mas sintomas de um sistema enraizado de discriminação e opressão que persiste em desafiar os avanços dos movimentos por direitos civis. Esses assassinatos não apenas tiraram vidas, eles simbolizavam um aviso para silenciar vozes e ações que representavam a resistência e a luta pela emancipação.

Por mais que tenhamos adentrado em um tema que parece ser mais explorado por historiadores, na verdade não saímos das questões ligadas à literatura e de quem a construiu durante estas décadas. O contexto da década de 1960, marcado pela violência dirigida contra líderes negros, obrigou James Baldwin, o renomado escritor e ativista afro-americano, fugir para Paris, França. No documentário *Eu Não Sou Seu Negro* (2017), dirigido por Raoul Peck, é explorado a vida e a trajetória de Baldwin, tocando em sua experiência como negro nos Estados Unidos. O autor, através de suas obras, abordou as camadas do racismo e da identidade negra, além de questões de sexualidade e gênero, e sua decisão de viver em Paris significou uma tentativa de busca por segurança pessoal e uma necessidade de espaço para contemplar, criar e expressar-se livremente.

Chegando próximo do fim das nossas breves considerações, não podemos deixar de lado as décadas de 1970 e 1990, quando a literatura afro-americana se apresenta com uma

¹¹ No Original: The Panthers were to gain notoriety a year later because of their activities in countering police brutality in Oakland by organizing patrols to monitor the police.

notável diversidade de estilos e abordagens, oferecendo diferentes visões das experiências negras nos Estados Unidos. Toni Morrison (1931-2019) foi uma das escritoras pioneiras no desenvolvimento da narrativa pós-colonial, um ponto de vista que funciona em resposta às consequências da colonização, revisando a interpretação histórica e as identidades pós-coloniais. Caracterizada pelo questionamento das narrativas coloniais dominantes, a narrativa pós-colonial destaca o hibridismo cultural, examina questões de identidade e deslocamento, critica o eurocentrismo e busca novas formas de representação linguística. Morrison utilizava estruturas narrativas não lineares e simbologias para explorar o impacto da escravidão, da violência sistêmica e a construção de identidades.

Paralelamente, Alice Walker e outros adotaram o realismo social, abordando questões sociais, políticas e de gênero através do desenvolvimento de personagens redondos¹². A literatura afro-americana da época também destacou uma diversidade de vozes regionais e culturais, representando tanto a vida urbana quanto a rural, assim como as experiências da diáspora africana.

A experimentação em diferentes gêneros literários foi evidente, com autores como Ishmael Reed (1938), incorporando elementos surrealistas, e Octavia Butler (1947-2006) expandindo os limites da ficção científica e afrofuturista. Além disso, percebe-se que a literatura afro-americana desse período focou intensamente na experiência feminina, com autoras como Alice Walker e Toni Morrison explorando questões de maternidade, identidade de gênero e feminismo negro, levando em consideração que foi nesse período que as mulheres negras de fato começaram a organizar suas próprias demandas dentro do movimento. E podemos destacar a própria Angela Davis, que foi membro do Partido dos Panteras Negras e se tornou uma das maiores referências quando se trata de questões sobre raça, gênero e classe.

Na contemporaneidade, a literatura afro-americana continua a refletir os desafios da população negra. Autores como Ta-Nehisi Coates, Jesmyn Ward e Colson Whitehead, por exemplo, incorporam uma diversidade de perspectivas, explorando questões contemporâneas como racismo estrutural, violência policial e identidade cultural. Suas obras carregam um compromisso social, ampliando o diálogo sobre as realidades afro-americanas e seu impacto global.

Ao longo dos séculos, a literatura afro-americana não apenas testemunhou, mas também moldou as narrativas que definem a experiência negra nos Estados Unidos. Desde o Renascimento do Harlem até os movimentos literários mais recentes, os autores afro-

¹² Esse termo será discutido na próxima seção

americanos têm desafiado estereótipos, oferecido novas visões e, principalmente, destacou as lutas e conquistas da comunidade negra. A interseção da literatura afro-americana com movimentos sociais, como os direitos civis, e a contínua exploração de temas contemporâneos demonstra que a literatura permanece como uma ferramenta de reflexão, conscientização política e transformação social.

2.1 A personagem na literatura negra

É inegável que, frequentemente pessoas negras enfrentam a experiência de não encontrar representatividade em grande parte das obras literárias que consomem ao longo de suas vidas. Essa afirmação se baseia em dados provenientes do cenário editorial tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Segundo a pesquisa conduzida pela professora Regina Dalcastagnè do Grupo de Estudos de Literatura Contemporânea da Universidade de Brasília¹³, no período compreendido entre 2005 e 2014, apenas 2,5% dos autores publicados não eram brancos. Além disso, a análise revelou que 6,9% dos personagens representados nas obras eram negros, sendo que apenas 4,5% dessas narrativas conferiam protagonismo a personagens negros. Nos Estados Unidos, dados do Words Rated¹⁴, grupo internacional especializado em pesquisa e análise de dados, indicam que a proporção de autores negros aumentou em 19,29% em 2020 em comparação com 2019. Contudo, é importante pontuar que esse aumento representa apenas um acréscimo de 3,49% desde 2014.

Esses dados refletem um déficit significativo na representação de pessoas negras na literatura, evidenciando a falta de diversidade e de narrativas que abordam nossas experiências e vivências. O desequilíbrio persistente entre a demografia da população brasileira, por exemplo, e a representação literária demonstra um desafio para garantir uma literatura mais inclusiva e uma mudança no mercado editorial. Além disso, há estudos que indicam que a identificação entre o leitor e o personagem é um ponto importante na fruição literária, como os estudos de Eliana Yunes em *A Experiência da leitura* (2003) e Regina Zilberman em *Estética da recepção e história da literatura* (2009), pois quando o leitor se identifica com um personagem, isso pode criar uma conexão emocional que abrange um entendimento das emoções, dilemas e anseios do personagem que ressoam com os do leitor. Para muitos leitores, especialmente para indivíduos que historicamente foram sub-representados na literatura, encontrar personagens com quem se identifica pode gerar um senso de pertencimento e legitimidade.

Na literatura negra, a figura da personagem costuma refletir sobre as experiências, lutas e identidades dessa comunidade. Antonio Candido (1976), crítico literário brasileiro, enfatiza a importância da verossimilhança na criação das personagens, destacando a

¹³ A pesquisa deveria ter sido publicada em 2018, os dados foram mostrados com antecedência e exclusividade no meio eletrônico e podem ser encontrados juntamente com uma entrevista da professora coordenadora da pesquisa em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>

¹⁴ Fonte: <https://wordsrated.com/black-authors-statistics/>

necessidade de transmitir uma autenticidade existencial mesmo em personagens fictícios, quando diz que:

Cada traço adquire sentido em função de outro, de tal modo que a verossimilhança, o sentimento da realidade, depende, sob este aspecto, da unificação do fragmentário pela organização do contexto. Esta organização é o elemento decisivo da verdade dos seres fictícios, o princípio que lhes infunde vida, calor e os faz parecer mais coesos, mais apreensíveis e atuantes do que os próprios seres vivos. (CANDIDO, 1976 p.26)

Candido ressalta a importância da interdependência entre os elementos que compõem a caracterização desses seres imaginários. Essa visão pode ser aplicada na literatura afro-americana, onde as personagens frequentemente são criadas com profundidade capaz de fazer o leitor refletir sobre experiências, sentimentos e desafios enfrentados pela comunidade negra nos Estados Unidos, que por muitos anos foram representadas pelo olhar branco. Desta forma, a escrita de autoria negra assume um papel vital na desconstrução de estereótipos na literatura pois questiona representações simplificadas, historicamente impostas sobre pessoas negras na literatura ocidental, confrontando estereótipos presentes em obras clássicas como em *A Cabana do Pai Tomás* (1852).

Diferentes, mas não menos reveladoras, são as tentativas literárias de “romantizar” a escravidão, de torná-la aceitável, preferível até, humanizando-a e até mesmo valorizando-a. O controle, seja bem-intencionado, seja ganancioso, no fim das contas talvez nem seja necessário. Entendem? É o que diz Harriet Beecher Stowe para seus leitores (brancos). Calma, ela diz. Os escravos sabem se controlar. Não tenham medo. Os negros só querem servir. O instinto natural do escravo, sugere ela, é o da gentileza. (MORRISON, 2017, p.17)

Toni Morrison, em *A Origem dos Outros* (2017), faz uma crítica pertinente e ainda atual, sobre o retrato dos personagens negros em *A Cabana do Pai Tomás* e em outras obras. Morrison aponta que, embora a autora Harriet Beecher Stowe (1811-1896) tenha se dedicado a escrever sobre personagens negros, há evidências de um medo subjacente presente em sua escrita. Segundo Morrison, essa narrativa reflete um temor, onde através da literatura busca-se uma proteção dos valores ocidentais mascarados pela criação de estereótipos. O romance sugere que os escravizados amam seus senhores e estarão sempre disponíveis para servi-los, como se a relação senhor e escravizado não fosse atravessada pelas circunstâncias desumanas em que viviam e eram submetidos. Uma questão interessante sobre esse estereótipo do negro que ama seu senhor é o fato de que, como forma de proteção, os escravizados assumiam, sim, tal sentimento, como registrou Frederick Douglas em sua autobiografia:

“Ei, moleque, a quem você pertence?”. “Ao Coronel Lloyd”, respondeu o escravo. “Bem, e o coronel te trata bem?”. “Não, senhor”, foi a pronta resposta. [...] Foi imediatamente acorrentado e algemado; [...] em consequência de tais fatos que os

escravos, quando perguntados sobre sua condição e sobre o caráter de seus senhores, quase universalmente falam que estão contentes e que seus senhores são bons. Sabe-se que os donos de escravos enviam espiões entre seus escravos, para se certificar de suas opiniões e seus sentimentos em relação a sua condição. A frequência desse gesto teve o efeito de estabelecer entre os escravos a máxima de que uma língua quieta faz uma cabeça sábia. Eles escondem a verdade em lugar de sofrer as consequências de dizê-la, e ao fazê-lo mostram-se como parte da família humana. (DOUGLASS, 2021, p 47)

Esse relato evidencia uma realidade distorcida, na qual a necessidade de ocultar a própria perspectiva era uma estratégia de sobrevivência, o que se assemelha ao que veremos adiante na análise da personagem Dana em *Kindred*, onde é necessário que ela oculte sua identidade negra já consolidada para sobreviver no período escravocrata. Desta forma podemos perceber que a construção de personagens negros possui diferentes perspectivas sobre como devem ser desenvolvidos em uma narrativa e como tais personagens irão ser recebidos por aqueles que representam, o que nos leva a concordar com Beth Brait (1985) sobre a personagem na literatura ser um elemento que vai além do papel que desempenha na narrativa.

Tanto o conceito de personagem quanto a sua função no discurso está diretamente vinculados não apenas à mobilidade criativa do fazer artístico, mas especialmente à reflexão a respeito dos modos de existência e do destino desse fazer. Pensar a questão da personagem significa, necessariamente, percorrer alguns caminhos trilhados pela crítica no sentido de definir seu objeto e buscar o instrumental adequado à análise e à fundamentação dos juízos acerca desse objeto. (BRAIT, 1985, p.29)

Brait ressalta que para entender as personagens, é essencial analisar como o autor as desenvolveu e deu forma a elas na obra. Isso nos leva aos tipos de personagens que aparecem no Vocabulário Crítico do seu livro *A Personagem*, como:

Personagem plana: personagem construída em torno de uma só ideia ou qualidade. Em geral, são definidas em poucas palavras. [...] Personagem redonda: personagem que apresenta várias qualidades ou tendências e, por essa razão, é multiforme, complexa, eliminando qualquer possibilidade de simplificação. (BRAIT, 1985, p.89)

As definições acima não dizem respeito aos tipos de personagens como protagonista ou antagonista, pois ambos podem ser personagens redondos, mas diz respeito à forma como há personagens que são menos desenvolvidas que outras, e isso contribui para o objetivo da narrativa. Em outras palavras, há personagens que se apoiam a apenas uma característica sua ou de sua vida por toda a narrativa, são personagens que não possuem um arco de mudança e desenvolvimento ao longo da história, acatando às mudanças narrativas sem mudar sua estrutura. Muitas vezes também são personagens sobre as quais não temos acesso à sua profundidade psicológica, diferente dos personagens redondos, que possuem diferentes características e mudanças durante a narrativa.

Essas duas definições de personagens são importantes para pensarmos sobre personagens estereotipados e personagens representativos na literatura. Afinal, como personagens negros estão sendo desenvolvidos, como se comportam, quais papéis assumem na narrativa e quais finais são reservados a estes? Pessoas negras se identificam com esses personagens e seus objetivos na narrativa?

Considerando o histórico de personagens negros frequentemente retratados sem profundidade psicológica e intelectual, especialmente nos períodos pré e pós-abolição nos Estados Unidos, compreendemos o motivo pelo qual autores negros exploram extensivamente personagens negros com diversas camadas. Essa tendência é particularmente evidente no contexto pós-modernista, onde há uma relação intrigante entre as histórias e as estruturas narrativas dos romances, destacando uma ruptura com a linearidade temporal convencional. Exemplificando essa abordagem, obras como *O Olho mais Azul*, de Toni Morrison, e o próprio *Kindred* iniciam suas narrativas abordando as repercussões das ações ao longo da trama. Essa prática contribuiu para uma representação mais autêntica de personagens negros na literatura.

Dentro dessa quebra de expectativas está o elemento tempo, que assume diferentes funções nas narrativas afro-americanas. Madhu Dubey e Elizabeth Swanson Goldberg, no capítulo *New frontiers, cross-currents and convergences*, do livro *The Cambridge History of African American Literature* (2011) exploram a relação do elemento tempo e o trauma nas narrativas afro-americanas pós-modernas, afirmando que:

A relação formal do romance com a temporalidade é uma manifestação marcante de uma expressão especificamente afro-americana do pós-modernismo. A rejeição de esquemas temporais lineares e cronológicos também é um aspecto central da literatura que trata de trauma, pois a própria definição de trauma é a incapacidade de distinguir o tempo presente do tempo da ferida traumática e a recorrência da própria ferida por meio de flashback, [...] pesadelo, padrão de comportamento ou necessidade repetitiva de testemunhar. Em um contexto especificamente afro-americano, o lócus do trauma remonta ao início do comércio transatlântico de escravos e ao próprio surgimento de uma identidade coerente marcada como afro-americana. Esse é o passado que exige ser revisitado para que haja o tipo de cura que possa interromper a reversão contínua ao ponto do trauma original. (DUBEY, GOLDBERG, 2011. p. 599, tradução nossa¹⁵)

Sobre *Kindred*, nosso objeto de estudo, os autores afirmam que o elemento tempo está diretamente relacionado ao trauma:

¹⁵ No original: The novel's formal concern with temporality is a striking manifestation of the specifically African American expression of postmodernism. The rejection of linear, chronological temporal schemes is also a central trope of literature dealing with trauma, in that the very definition of trauma is an inability to distinguish present time from the time of the traumatic wound, and a recurrence of the wound itself through flashback, hypervigilant arousal, nightmare, behavior pattern, or the repetitive need to testify. In a specifically African American context, the locus of trauma reaches back to the beginning of the transatlantic slave trade and the very emergence of a coherent identity marked African American. This is the past that demands revisiting in order for the kind of healing that might interrupt the continual reversion to the point of the original trauma.

Outros romances que demonstram essa abordagem específica do tempo e do trauma são *Corregidora* (1975), de Gayl Jones, e *Kindred* (1979), de Octavia Butler (1947-2006). Ambos os romances expõem a história há muito silenciada de estupro e miscigenação na sociedade das plantações, um evento obsessivamente revisitado na narrativa oral das mulheres de *Corregidora*. Essa tradição oral retifica as omissões do registro histórico oficial, que foi propositalmente destruído com o fim da escravidão, mas a estrutura recursiva do romance também esclarece a natureza traumática do imperativo ancestral de continuar testemunhando uma história brutal.

[...] *Kindred*, de Butler, emprega o dispositivo da viagem no tempo para traçar paralelos entre a miscigenação forçada durante a escravidão anterior à guerra e a dinâmica de poder patriarcal dos relacionamentos sexuais inter-raciais na década de 1970. Afirmando essas continuidades entre o passado e o presente, Butler e Jones desafiam as metanarrativas predominantes da história racial dos EUA como um movimento progressista que culmina no Movimento dos Direitos Civis. (DUBEY, GOLDBERG, 2011. p. 599, tradução nossa¹⁶)

Ou seja, a literatura afro-americana não apenas reflete a experiência do trauma, mas também se torna um espaço vital para a reavaliação, compreensão e superação das feridas históricas que moldam a identidade e a experiência coletiva afro-americana. Portanto, a construção de personagens negros na literatura de autoria negra possui uma ação sociológica.

A literatura negra busca reconstruir a História negra utilizando personagens e demais elementos narrativos não apenas como um meio de representação, mas principalmente como uma forma de preservação e redescoberta da própria existência. Os personagens da literatura negra são como cápsulas de registro de experiências para além dos estereótipos históricos de escravidão. Assim, ao criar personagens negros não caricatos e superficiais, a literatura negra desempenha a função de reivindicar a narrativa histórica, promovendo uma compreensão mais ampla da identidade negra.

Isso não significa que devemos considerar a ficção de autoria negra como uma fonte histórica ou um registro preciso dos eventos históricos. Embora muitas narrativas negras reproduzam cenas do período escravocrata com notável fidelidade, é crucial reconhecer que essas narrativas possuem uma estrutura própria e servem como um meio de destacar o lado frequentemente negligenciado nas narrativas hegemônicas e oficiais. São essas narrativas

¹⁶ No original: Other novels that demonstrate this particular approach to time and trauma are Gayl Jones's *Corregidora* (1975) and *Kindred* (1979) by Octavia Butler (1947–2006). Both novels lay bare the long-suppressed story of rape and miscegenation in plantation society, an event obsessively revisited in the oral storytelling of the *Corregidora* women. This oral tradition rectifies the omissions of the official historical record, which was purposefully destroyed at the end of slavery, but the recursive structure of the novel also clarifies the traumatic nature of the ancestral imperative to continue testifying to a brutal history. [...] Butler's *Kindred* employs the device of time travel to draw parallels between forced miscegenation during antebellum slavery and the patriarchal power dynamics of interracial sexual relationships in the 1970s present. Asserting such continuities between past and present, Butler and Jones challenge prevalent meta-narratives of US racial history as a progressive movement culminating in the Civil Rights Movement.

negras que nos desafiam a olhar para o passado, incentivando uma abordagem mais questionadora e reflexiva sobre os eventos históricos.

3 CAPÍTULO 2: EXU MATOU UM PÁSSARO ONTEM, COM A PEDRA QUE ATIROU HOJE: CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O AFROFUTURISMO.

A compreensão e exploração do Afrofuturismo evocam a reflexão sobre os modos não convencionais de perceber o tempo, a história e o progresso. Muniz Sodré, em sua obra *Pensar Nagô* (2017), apresenta uma análise sobre a importância de Exu na cosmovisão africana. Exu é discutido por Sodré em relação à sua ambivalência, como o guardião das encruzilhadas, símbolo de transição e comunicação. Dentro desse contexto, podemos citar um provérbio sobre Exu, fundamental para pensar outras formas de lidar com o tempo e a história: "Exu matou um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje". Segundo Sodré:

O enunciado em tela referente a Exu bem poderia ser interpretado como um axioma moral que busca no presente a chave motriz das ações desencadeadas no passado em contraposição reflexiva à lei de causa e efeito ou à ideia ocidental de progresso como efeito de ações passadas. Seria, portanto, uma valorização do passado, do vigor de fundação do grupo. (SODRÉ, 2017, p. 202-203)

Deste modo, a ideia convencional de causa e efeito, ressaltando uma interconexão entre o presente e o passado, sugere uma dinâmica temporal não linear. O provérbio, intrinsecamente ligado à cultura africana e afrodescendente, desafia conceitos estabelecidos pela branquitude enquanto a forma de lidar com o passado esquecendo-o e olhando para o futuro, apontando para uma valorização do passado, como elemento essencial para a compreensão e fortalecimento do presente e do futuro. Nesse sentido, essa expressão é um ponto crucial para a discussão sobre o Afrofuturismo, tendo em vista a importância da herança cultural, da continuidade histórica e da reconstrução do futuro a partir de raízes ancestrais.

Sodré também discute que a gradual exclusão dos mitos na tradição filosófica europeia reflete um racionalismo filosófico que, ao longo do tempo, contribuiu para diminuir a importância existencial de símbolos significativos, como aqueles que desempenham um papel essencial na vida humana. Esse processo de afastamento e desconsideração não encontra caminho no sistema nagô¹⁷, onde a ligação com símbolos e mitos continua a desempenhar um papel vital na compreensão e na dinâmica da existência.

Nesse sentido, o conceito de Exu, discutido por Sodré, evidencia uma abordagem de personalidade que se distancia do modelo subjetivista tradicional. Sodré sugere que Exu transcende a noção de individualização, um processo que geralmente envolve tornar-se um

¹⁷ Conforme Sodré: "o pensamento nagô não toma o 'eu' como figura do fundamento da subjetividade e sim como uma unidade diferencial e pré-individual (Èşú) investida de uma potência (aşe) cuja intensidade se desdobra no desenvolvimento ontogenético do indivíduo" (SODRÉ, 2017, p. 175)

sujeito isolado em uma singularidade. Esta visão mostra-se em contraste com culturas que abandonaram suas origens integradas em direção a uma sociedade fragmentada e individualista. Logo, Exu representa uma personalidade que está mais conectada com uma teia de relações e interações interdependentes, indo além da percepção restrita do indivíduo para incluir a integralidade do contexto sociocultural em que se insere.

Assim, o afrofuturismo se relaciona intrinsecamente como a discussão do autor, pois representa uma perspectiva visionária que se estende além dos limites tradicionais da identidade individual. Ao invés de restringir-se a fronteiras do "eu" isolado, ele busca uma compreensão interligada da identidade, enraizada em um contexto social, cultural e histórico. Essa abordagem propõe uma visão integrada da identidade, conectada não apenas ao presente, mas também à história e ao potencial de um futuro coletivo. O afrofuturismo, dessa maneira, desafia conceitos tradicionais de individualidade, promovendo uma consciência mais profunda das interconexões entre passado, presente e possíveis futuros.

Ao desconstruir a percepção inicial que vem se consolidando sobre o afrofuturismo ser apenas sobre o futuro, abrimos espaço para a apresentação do seu desenvolvimento e sua trajetória até os tempos atuais. Sua evolução é marcada por um processo de redefinição das narrativas afrodescendentes e da nossa própria autonomia na narração de nossa História. A década de 1990 foi um marco para o movimento de artes especulativas negras nos Estados Unidos com a criação do termo Afrofuturismo que *a priori* obteve uma visibilidade através da pesquisa do escritor e crítico cultural branco Mark Dery sobre a existência de escritores negros de ficção especulativa publicada com o título *Black to the future*, em 1994, e que reuniu entrevistas com Samuel R. Delany, Greg Tate e Tricia Rose, intelectuais negros de diferentes áreas.

Quando iniciou sua pesquisa, Dery conhecia apenas quatro escritores de ficção especulativa, eram eles: Samuel R. Delany, Octavia Butler, Steve Barnes e Charles Saunders. Sua hipótese era “por que tão poucos afro-americanos escrevem ficção científica, um gênero cujos encontros próximos com o Outro - o estrangeiro em uma terra estrangeira - pareceria adequado de maneira única às preocupações dos romancistas afro-americanos?”(DERY, 1994, p. 179, tradução nossa.)¹⁸. A ausência relativa de autores afro-americanos nesse campo, de acordo com Dery, levanta questionamentos sobre as dinâmicas culturais e literárias que moldam a produção de ficção científica e as maneiras pelas quais diferentes grupos são representados

¹⁸ No original: Why do so few African. Americans write science fiction, a genre whose close encounters with the Other-the stranger in a strange land-would seem uniquely suited to the concerns of African American novelists?

ou negligenciados na literatura especulativa, logo ele escreveu a primeira definição de Afrofuturismo classificando-o como:

A ficção especulativa que trata de temas afro-americanos e que lida com as preocupações afro-americanas no contexto da tecnocultura do século vinte - e, mais genericamente, a significação afro-americana que se apropria de imagens da tecnologia e de um futuro prosteticamente aperfeiçoado. (DERY, 1994, p. 180, tradução nossa)¹⁹

Dery reconhece a importância de explorar, em sua pesquisa, como a comunidade afro-americana se apropria de imagens da tecnologia. No entanto, é importante notar que, ao se concentrar em uma visão futurista amplamente influenciada pela tecnocultura, o autor remete ao futurismo europeu, que historicamente minimizou ou marginalizou a perspectiva afro-americana. A questão da imposição de terminologia por pesquisadores brancos para determinar ou classificar produções negras é um aspecto recorrente no âmbito acadêmico. Essa prática tem sido apontada como uma forma de colonialismo intelectual, na qual pesquisadores brancos assumem a autoridade para nomear e definir elementos culturais e artísticos de comunidades negras, sem considerar suas próprias narrativas e formas de expressão. Reynaldo Anderson, professor da Temple University e um dos intelectuais negros a identificar essa questão e a reformular o Afrofuturismo afirma que:

O Afrofuturismo 2.0 é o início de um afastamento e uma resposta à perspectiva eurocêntrica da formulação inicial do Afrofuturismo no século XX, que questionava se a história dos povos africanos, especialmente na América do Norte, havia sido deliberadamente apagada. Ou, em outras palavras, estudiosos, artistas e ativistas negros que visam o futuro não estão apenas reivindicando o direito de contar suas próprias histórias, mas também criticando a classe digital europeia/americana em suas narrativas sobre outras culturas, o passado, o presente e o futuro, e desafiando sua suposta autoridade de serem os únicos intérpretes da vida e do futuro dos negros. (ANDERSON, 2016, p. 230. Tradução nossa)²⁰

Com isso, podemos dizer que o afrofuturismo está conectado à busca pela autonomia de narrativas. Enquanto movimento, estética ou qualquer outro tipo de determinante, alguns de seus pilares, construídos por pessoas negras, são a ancestralidade e o protagonismo negro. A ancestralidade, aqui, diz respeito a muito do que somos e não sabemos. No

¹⁹ No Original: Speculative fiction that treats African-American themes and addresses African-American concerns in the context of twentieth-century technoculture—and, more generally, African-American signification that appropriates images of technology and a prosthetically enhanced future might, for want of a better term, be called "Africanfuturism."

²⁰ No Original: Afrofuturism 2.0 is the beginning of both a move away and an answer to the Eurocentric perspective of the 20th century's early formulation of Afrofuturism that wondered if the history of African peoples, especially in North America, had been deliberately erased. Or to put it more plainly, future-looking Black scholars, artists, and activists are not only reclaiming their right to tell their own stories, but also to critique the European/American digerati class of their narratives about cultural others, past, present and future and, challenging their presumed authority to be the sole interpreters of Black lives and Black futures.

afrofuturismo buscamos compreender quem somos e reconhecer as contribuições dos povos africanos e afro-diaspóricos para a história e as mudanças sociais antes de definir para onde vamos.

Desta forma, buscamos a sabedoria ancestral africana, enraizada nas culturas e tradições ancestrais do continente africano, que sempre entrelaçou uma compreensão profunda do tempo, do destino e da conexão entre as gerações passadas, presentes e futuras, como discutido no início deste capítulo. Um símbolo que tem se tornado forte nas discussões sobre afrofuturismo é o adinkra sanfoka (Imagem 1) que sua tradução diz "não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu", que ressalta a compreensão de que o passado, o presente e o futuro são interconectados, gerando um fluxo temporal.

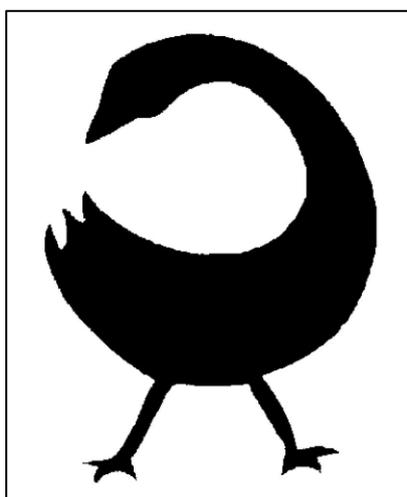


Imagem 1- Símbolo Sankofa

fonte: <https://ocupacao.icnetworks.org/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/>

A compreensão de nosso destino futuro está intrinsecamente ligada ao conhecimento de nossa identidade. O próprio questionamento sobre quem somos estabelece o afrofuturismo como antagônico ao futurismo europeu. Isso se deve, em parte, à forma como o símbolo utilizado nesse contexto proporciona um exercício de resgate, envolvendo a desconstrução da vergonha associada ao passado. Tal abordagem torna-se especialmente relevante em nossa sociedade contemporânea, onde questionar alguém sobre sua autodeclaração racial continua a ser uma pauta urgente.

Derrubar o tabu sobre o passado vai de encontro ao segundo pilar, o protagonismo negro. Ser protagonista de nossas próprias histórias, o que seria isso quando passamos tanto tempo sendo o Outro? Ter autonomia narrativa é poder falar sobre si da perspectiva do Eu, para que outras pessoas como o Eu não se vejam mais como o Outro.

Nesta dissertação analisamos dois romances que confrontam a primeira definição de Afrofuturismo: (1) nenhum deles é sobre pessoas negras se relacionando com a tecnocultura do século XX; (2) nenhum dos dois romances é sobre histórias que se passam no futuro, e sim no passado. Um desafio para essa pesquisa foi pensar os motivos pelos quais o romance *The Underground Railroad: Os Caminhos para a Liberdade* seria uma narrativa afrofuturista. Essa resposta não veio só com a leitura do romance, mas sim com a forma como a História dos Estados Unidos é recontada.

O romance em questão se assemelha a um dos mais importantes livros da literatura afro-brasileira, *Um Defeito de Cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves. São livros que recontam histórias de pessoas negras no período escravocrata e que são essenciais para se desconstruir a ideia de que a pessoa negra naquela época era apenas uma mão de obra, considerada não-humano. Afinal, como a história de alguém que foi escravizada poderia render mais de 600 páginas? Assim, é imperativo reconhecer que indivíduos submetidos à escravidão eram dotados de sentimentos, culturas, aspirações e demais elementos humanos, análogos aos nossos na contemporaneidade, embora enfrentassem os sistemas opressores que permeavam a sociedade da época.

Os romances que descendem do modelo das narrativas de escravizados, não são obras afrofuturistas apenas pelo protagonismo negro, autonomia narrativa e ancestralidade, mas por serem escritos e publicados com o caráter de dismantlar a ordem natural da intelectualidade narrada pelo branco e suas conquistas. Isso contrasta totalmente com a ideia eurocêntrica de que o progresso é alcançado apenas olhando para frente. Com isso, o afrofuturismo não encara o “voltar ao passado” como um retrocesso, mas como um ato de resgate, empoderamento e conhecimento.

Quando olhamos para a literatura especulativa, mais especificamente a ficção científica, o que podemos encontrar em grande parte são narrativas sobre um futuro que possui os mesmos problemas da nossa sociedade, porém remodelados dentro de um ambiente ultra tecnológico. Mas isso não é tudo, uma vez que não há personagens negros na maioria das narrativas que compõem o cânone ocidental da ficção-científica. Se não há personagens negros, quem dirá escritores negros. Lisa Yaszek (2013), refletindo sobre a problemática, introduz uma perspectiva abrangente sobre a ficção científica como um fenômeno global e não uma fabricação europeia, como estamos acostumados a pensar devido aos clássicos do gênero.

Uma das coisas mais interessantes sobre as quais os estudiosos estão falando agora é o fato de que a ficção científica tem sido um fenômeno global desde o seu início. Vemos a ficção científica saindo do Brasil já na década de 1830 e saindo da China e

do Japão na década de 1860. Resumindo, parece que sempre que uma nação ou um grupo étnico começa a participar da cultura industrial, seus autores naturalmente se voltam para a ficção científica como a principal forma de história da modernidade tecnocientífica [...] Mais especificamente, o que descobrimos é que autores de todas as cores – e eu certamente incluiria autores brancos nisso – usam a ficção científica para explorar as relações necessárias entre ciência, sociedade e raça e reivindicar para si mesmos e para suas comunidades no imaginário futuro global. Como veremos, isso é especialmente importante no caso do afrofuturismo. E é exatamente isso que veremos hoje: a tradição de 150 anos de ficção especulativa escrita por negros chamada Afrofuturismo. (YASZEK, 2013, p.1, tradução nossa)²¹

Essa perspectiva é especialmente relevante para examinarmos o afrofuturismo, um movimento que cria uma nova ramificação na tradição de ficção especulativa e oferece uma visão única sobre as experiências e aspirações da comunidade afro-americana no contexto do passado, presente e futuro.

Há um caso interessante para pensarmos sobre o não reconhecimento de escritores negros ou de narrativas não ocidentais na ficção-científica. Na década de 1930 enquanto Aldous Huxley lançava *Admirável mundo novo*, no continente africano, Jean-Louis Njemba Medu, um autor camaronês lançava seu livro *Nnanga Kon*, tornando-se um pioneiro do romance moderno africano. *Nnanga Kon* foi escrito em Bulu, língua nativa do autor. A narrativa de Njemba Medu retrata os colonizadores brancos como seres sobrenaturais tecnologicamente avançados, resultando em uma história de primeiro contato que inspirou contos populares no país.

Qual das duas obras é conhecida mundialmente? Será que o continente africano não possuía escritores negros de ficção científica, assim como Mark Dery pensava no início de sua pesquisa sobre os Estados Unidos? Ou será que nós não somos estimulados a procurar e ler obras de escritores negros e obras que carreguem outros parâmetros culturais e estéticas literárias? Ou será ainda que há uma desvalorização, um senso comum, que coloca como inferior essas produções através do próprio mercado literário?

Primeiramente, é essencial considerar a importância do contexto literário e do mercado editorial na circulação de uma obra. *Nnanga Kon* possui uma tradução para o francês, o que já demonstra o potencial de expandir sua presença em outros idiomas, caso haja interesse do mercado editorial em explorar essa narrativa. A questão-chave aqui está na disposição e no

²¹ No original: One of the most interesting things that scholars are talking about now is the fact that science fiction has actually been a global phenomenon since its inception. We see science fiction coming out of Brazil as early as the 1830s and coming out of China and Japan by the 1860s. So in short, it seems that any time a nation or an ethnic group begins to participate in industrial culture, its authors naturally turn to science fiction as the premiere story form of technoscientific modernity; [...] More specifically, what we find is that authors of all color – and I would certainly include white authors in this – use science fiction to explore the necessary relations of science, society, and race and to stake claim for themselves and for their communities in the global future imaginary. As we're going to see, that is especially important in the case of Afrofuturism. And so that's exactly what we're going to look at today: the 150 years old tradition of speculative fiction written by black people called Afrofuturism.

investimento das editoras em promover a diversidade cultural e linguística por meio da tradução de obras menos conhecidas, mas que são de caráter histórico importante para a cultura do país. O fato de *Admirável mundo novo* ter sido traduzido para mais de 25 idiomas ilustra como o mercado literário pode moldar a disseminação de uma obra literária. Portanto, acreditamos que a existência de uma tradução para o francês e uma crescente do movimento afrofuturista podem abrir possibilidade para que *Nnanga Kon* seja posteriormente traduzido e apreciado em outros idiomas, se houver um comprometimento em ampliar a visibilidade de vozes e histórias diversas africanas e afro-diaspóricas no cenário literário global.

O conhecimento mais abrangente e difundido sobre autores e produções europeias e ocidentais indica também a violência antinegra e africana presente no campo das ciências que negam as contribuições dos conhecimentos de povos africanos para a história mundial. Este é um ponto fundamental para distinguir o afrofuturismo, conforme classificado por Dery, de sua transformação a partir de 1998.

Nessa época, Alondra Nelson, escritora negra estadunidense, e atualmente diretora interina do Escritório de Política Científica e Tecnológica da Casa Branca, criou uma comunidade online chamada *Afrofuturism* que reuniu diversos artistas e pensadores de diferentes áreas. Posteriormente em 2002 essa movimentação serviu para a publicação da coleção *Afrofuturism* na revista *Social Text* onde ela afirma que:

[...]essas contribuições, reunidas sob o termo Afrofuturismo, oferecem abordagens da cultura digital que não caem na armadilha dos neocríticos ou dos futuristas de cem anos atrás. Esses trabalhos representam novas direções no estudo da cultura da diáspora africana que se baseiam nas histórias das comunidades negras, em vez de buscar cortar todas as conexões com elas. (NELSON, 2002, p. 9, tradução nossa.)²²

O artigo de Nelson foi muito importante para o futuro das discussões e pesquisas em torno de manifestações afrofuturistas²³ pois foi a primeira pesquisadora que refletiu sobre o quanto as narrativas de escritores negros de ficção especulativa e ficção científica diziam muito sobre a relação entre cultura, ancestralidade e tecnologia. O afrofuturismo enquanto um movimento essencialmente de autoria negra rompe diversos estereótipos acerca da produção não apenas literária, mas também acadêmica de pessoas negras, tendo como preocupação mostrar as contribuições desse grupo para a história mundial.

²² No original: these contributions, gathered under the term Afrofuturism, offer takes on digital culture that do not fall into the trap of the neocritics or the futurists of one hundred years past. These works represent new directions in the study of African diaspora culture that are grounded in the histories of black communities, rather than seeking to sever all connections to them.

²³ A escolha de “manifestações afrofuturistas” diz respeito a diversas manifestações artísticas e culturais que vieram antes do termo afrofuturismo e que passaram a ser conhecidas como afrofuturismo. Também diz respeito a artistas que estão descobrindo seus trabalhos como afrofuturistas a partir do avanço de pesquisas na área.

Seu surgimento e categorização são de suma importância não apenas para mostrar a existência de autores negros de ficção científica, mas também para propor uma diferença em relação ao futurismo europeu, ou seja, uma forma de dizer que o que as pessoas negras estavam escrevendo não era o mesmo que o movimento futurista pregava. O afrofuturismo passou a ser então um lugar para as obras que estavam no “não lugar”, fora do que se esperava sobre fabulações do futuro e revisão do passado.

O futurismo europeu que emergiu no início do século XX, principalmente na Itália, era caracterizado por uma ênfase na velocidade, na máquina, na guerra e no progresso científico. Os futuristas europeus focavam na ideia de uma sociedade tecnologicamente avançada e procuravam romper com as convenções estéticas e sociais do passado. Por outro lado, o afrofuturismo surge como uma resposta à experiência afrodescendente e à necessidade de contar histórias que reflitam a diversidade e as realidades das comunidades negras.

Enquanto o futurismo europeu tende a destacar a visão ocidental do progresso linear e tecnológico, o afrofuturismo oferece uma perspectiva alternativa, incorporando mitologia africana, símbolos culturais e experiências históricas, para criar narrativas que desafiam estruturas dominantes, principalmente quando escolhem recontar a história de pessoas negras em relação ao passado escravista ou de luta por direitos civis.

3. 1 O Futuro pertence ao senhor: colonialismo e liberdade

Ytasha Womack, em 2013, publica seu livro *Afrofuturism: The World of Black Sci-Fi and Fantasy Culture*, onde amplia as discussões sobre afrofuturismo, afirmando que este é uma abordagem artística e cultural que combina elementos da ficção científica, da fantasia e da cultura afro-americana. Ao imaginar futuros afrocentrados, o afrofuturismo rejeita estereótipos e resgata a voz e a agência da diáspora africana. Para Womack, “ser imaginativo e criativo, e até mesmo projetar a cultura negra no futuro, fazia parte de uma linhagem de resistência a estruturas de poder assustadoras” (WOMACK, 2013. p.22)²⁴. Ao reconhecer a importância da memória e da ancestralidade, o afrofuturismo busca tecer narrativas de futuro para o povo negro a partir de uma base sólida de identidade e história.

Diante disso, e levando em consideração os romances que são objetos de estudo dessa pesquisa, onde ambas narrativas se desenvolvem no período escravocrata, podemos pensar: o que seria o futuro para o sujeito negro no período colonial escravocrata?

Womack, no capítulo “*Evolution of a space cadet*”, traz alguns pontos de discussão sobre o surgimento do afrofuturismo, pautando não apenas teóricos que vieram antes dela, mas também artistas que deram sua definição sobre o tema. A autora rememora episódios de sua vida onde se percebe uma afrofuturista mesmo antes do termo existir e afirma que, “o afrofuturismo estende a imaginação muito além das convenções do nosso tempo e dos horizontes de expectativa, e chuta a caixa de normalidade e ideias preconcebidas de negritude para fora do sistema solar” (WOMACK, 2013. p. 20)²⁵. Diante disso podemos observar que o afrofuturismo se faz necessário por auxiliar na busca por uma identidade negra positiva, onde a negritude seja reconhecida para além da demarcação temporal e social do período colonial.

O tempo, a história e o poder andam juntos se levamos em conta que quem detém o poder narra a história do mundo e quem narra essa história delimita como demarcar o tempo a partir de suas conquistas. Por essa razão, tem-se as demarcações pré-colonial e pós-colonial, onde o negro é lembrado apenas como aquele que foi tirado do continente africano com o propósito de servidão.

Para entender a relação entre afrofuturismo e colonialismo é necessário considerar as reflexões de Achille Mbembe em seu livro *Crítica da Razão Negra* (2014), onde aborda o

²⁴ No original: being imaginative and creative, and even projecting black culture into the future, was part of a lineage of resistance to daunting power structures.

²⁵ No original: Afrofuturism stretches the imagination far beyond the conventions of our time and the horizons of expectation and kicks the box of normalcy and preconceived ideas of blackness out of the solar system.

colonialismo como uma estrutura de poder que se baseia na exploração, na violência e na desumanização das pessoas colonizadas. Ele destaca como o colonialismo afetou profundamente a experiência e a identidade dos africanos e da diáspora africana, resultando em uma desvalorização de suas culturas e conhecimentos.

Diante disso, o afrofuturismo surge como uma resposta ao colonialismo, apresentando uma narrativa que valoriza a história e a imaginação afrocentradas. Essa abordagem desafia a visão eurocêntrica, que historicamente marginalizou e oprimiu as culturas e as pessoas de ascendência africana. Ao reimaginar o futuro a partir de uma perspectiva afrocentrada, o afrofuturismo busca subverter as narrativas dominantes, oferecendo uma visão empoderadora e transformadora.

Mbembe nos convida a uma análise sobre a colonialidade e seus desdobramentos para o sujeito negro na contemporaneidade, a partir de pensadores como Fanon, Césaire e Garvey e afirma que “estamos, portanto, a anos-luz de viver numa era pós-racial onde as questões de memória, justiça e reconciliação deixaram de ter fundamento” (MBEMBE, 2014. p. 289). Isso implica no fato de até hoje surgirem movimentos em que a população negra reivindica seus direitos, seja na época do movimento dos direitos civis ou no movimento Vidas Negras Importam, ambos provocam que a sociedade estadunidense seja reestruturada, uma vez que esta progrediu às custas do trabalho e hostilização dos negros.

O autor aborda o futuro de duas maneiras no que diz respeito à dinâmica entre senhor e escravizado. Ele examina criticamente a exploração, a violência e a opressão presentes no sistema escravista e questiona as implicações dessas estruturas na construção do futuro coletivo, onde primeiro coloca que:

O que pautava as relações entre o senhor e os seus escravos era principalmente o monopólio que o senhor pretendia ter sobre o futuro. Ser negro, e, portanto, escravo, significava não ter futuro próprio, em si/para si. O futuro do Negro era sempre um futuro delegado que o seu senhor lhe oferecia como uma dádiva, a alforria. Por isso, a questão do futuro enquanto horizonte a atingir, através de um trabalho seu, que lhes permitia a autoprodução de sujeitos livres, responsáveis por si e para com o mundo, era central nas lutas de escravos. (MBEMBE, 2014. p.259)

Não apenas nas lutas de escravos, como o autor cita, mas posteriormente nos movimentos sobre direitos civis. Ao costurar a liberdade e o futuro como pautas centrais, esses movimentos buscam promover mudanças estruturais duradouras e abrir caminhos para a transformação social. Sobre isso o autor ainda declara que:

Tal como os movimentos operários do século XIX, ou ainda as lutas das mulheres, a nossa modernidade foi, portanto, assombrada pelo desejo de abolição que, outrora, os escravos também tiveram. A este sonho, no início do século xx, darão continuidade

às grandes lutas pela descolonização, que se inserem, desde as origens, numa dimensão planetária. (MBEMBE, 2014, p.289)

A busca por liberdade não se limita apenas à libertação física, mas também à conquista da liberdade de expressão, igualdade de oportunidades e respeito pelos direitos humanos. A realização de futuro para a população negra está diretamente ligada ao alcance dessa liberdade. Trazendo outro pensador para esta reflexão, Molefi Kete Asante, em seu livro *Afrocentricidade* aborda a questão da liberdade de uma perspectiva afrocentrada, resgatando a história, a cultura e a identidade africanas como elementos fundamentais para libertar a mente e a consciência da diáspora africana das amarras impostas pelo eurocentrismo.

A afrocentricidade é um modo de pensamento e ação no qual a centralidade dos interesses, valores e perspectivas africanos predominam. Em termos teóricos é a colocação do povo africano no centro de qualquer análise de fenômenos africanos. [...] Finalmente, a Afrocentricidade procura consagrar a ideia de que a negritude em si é um tropo de éticas. Assim, ser negro é estar contra todas as formas de opressão. (ASANTE, 2014, p.3)

Do mesmo modo que colonialismo, eurocentrismo e escravidão se relacionam enquanto estruturas opressoras de poder, que se desenvolvem simultaneamente. O afrofuturismo e a afrocentricidade se relacionam enquanto resposta direta a essas estruturas, se construindo também como forma de empoderamento.

Quando Womack diz que “a imaginação é uma ferramenta de resistência. Criar histórias com pessoas de cor no futuro desafia a norma” (WOMACK, 2013. p. 26)²⁶, a autora confirma o quanto era perigoso para a população negra falar sobre o futuro, e como isso está ligado a uma violência antinegra. Assim, a segunda forma que Mbembe nos apresenta o pensamento sobre o futuro para o sujeito negro colonizado é justamente pela violência:

A violência colonial era, por fim, uma violência fenomênica. Nessa medida, tocava tanto os domínios dos sentidos como os domínios psíquicos e afetivos. Provocava problemas mentais difíceis de curar e de tratar. [...]Uma das suas funções era esvaziar o passado do colonizado de qualquer substância e, pior ainda, privá-lo de futuro. (MBEMBE, 2014. p.272)

Mbembe dialoga com Asante (2014, p.66) quando diz que “A escravização da mente é o tipo de escravização mais pernicioso” Quando Mbembe nos apresenta esse contexto de violência e se utiliza de palavras como “esvaziar” e “privar”, fica evidente que a dominação colonial é o oposto do que busca o movimento afrofuturista e a afrocentricidade em sua

²⁶ No original: The imagination is a tool of resistance. Creating stories with people of color in the future defies the norm.

essência. O esvaziamento causado por esse período é preenchido pelo resgate da história do povo negro e africano, e o pensamento sobre futuro é o elemento norteador da procura de uma existência digna e positiva para os afrodescendentes.

A afrocentricidade propõe uma rejeição das perspectivas eurocêntricas dominantes e uma reafirmação das raízes africanas, destacando a importância de uma reconstrução epistemológica e ontológica. Nesse contexto, o afrofuturismo é uma expressão da afrocentricidade, pois ambos buscam reimaginar a experiência africana e afro-americana, empoderando a comunidade negra e subvertendo as estruturas coloniais.

A identificação desempenha um papel crucial na desconstrução dos estereótipos que foram impostos à população negra. A forma como a história dos negros é contada nas narrativas oficiais muitas vezes afasta e desencoraja as pessoas negras a se conectarem com sua própria negritude. Isso resulta em um afastamento da valorização de suas identidades e uma negação do encontro com sua história e cultura.

Mbembe também destaca a importância do ato de identificação como um ponto fundamental na construção da identidade e da existência individual e coletiva ao afirmar que:

Tudo começa, portanto, por um ato de identificação: Eu sou um negro. [...] Revelar a sua identidade é também reconhecer-se (auto-reconhecimento), é saber quem se é e dizê-lo ou, melhor, proclamá-lo, ou também dizê-lo a si mesmo. O ato de identificação é igualmente uma afirmação de existência. (Eu sou) significa, desde logo, eu existo. (MBEMBE, 2014. p.255)

Nessa reflexão, Mbembe enfatiza que o processo de identificação é mais do que uma simples declaração de pertencimento étnico, mas também uma afirmação de ser e existir no mundo. Esse reconhecimento e proclamação da identidade são fundamentais para a formação de uma consciência coletiva e para o fortalecimento das lutas por igualdade e justiça.

Nesse contexto, o afrofuturismo ganha relevância ao desafiar esses padrões e fornecer visões que possibilitam a identificação positiva de pessoas negras. Assim sendo, ao retratar experiências e histórias autênticas, a literatura afrofuturista contribui para romper com estereótipos, fortalecendo a autoimagem e a autovalorização da população negra. Ao invés de uma utopia, como muitas vezes conceitos rasos sobre o afrofuturismo podem sugerir, essas narrativas se encontram na reflexão crítica, na conscientização e no convite à sociedade para confrontar e superar os preconceitos arraigados que moldam as narrativas históricas.

Diante disso, faz-se necessário que o afrofuturismo alcance cada vez mais essas pessoas que necessitam de exemplos positivos sobre negritude. Essas consequências das estruturas de opressão vividas pelo povo negro vêm sendo desconstruídas a partir de pessoas negras que conseguiram acesso ao estudo e que lutam para reverter esses efeitos através de suas

próprias conquistas; porém esses mesmos efeitos, que vêm em forma de estereótipos e racismos, dentre outros, ainda são largamente reproduzidos, ensinados e praticados em nossa sociedade.

Em outras palavras, a relação entre as estruturas de opressão e as formas de discriminação presentes na sociedade continua a exercer influência significativa em nosso cotidiano. Isso se conecta ao conceito de "casta" apresentado por Isabel Wilkerson em seu livro *Casta, as origens do nosso mal-estar* (2021), onde ela explora como esses sistemas sociais moldam as vidas das pessoas.

Se é possível uma saída, então trata-se de classe, não de casta. Ao longo dos anos, a riqueza e a classe podem ter resguardado algumas pessoas nascidas na casta subordinada nos Estados Unidos, mas não as protegeram de tentativas humilhantes de colocá-las em seu lugar ou se lembrá-las de sua posição de casta. (WILKERSON, 2021, p.115)

Ao discutir as relações raciais no período escravocrata, torna-se claro que o negro não era considerado um sujeito social pleno, mas sim uma figura subjugada e desumanizada. A ênfase nas relações raciais ressalta a desigualdade e a violência inerentes ao sistema escravocrata, revelando a existência de uma hierarquia social baseada na raça. A compreensão dessa diferença é crucial para a análise de como as relações entre povos foram construídas e perpetuadas.

As consequências desses períodos se mantêm em todos os setores da sociedade contemporânea, o que transforma a experiência de pessoas negras, em qualquer posição que deseje ocupar, em uma vivência de subalternização imposta pelos resquícios de uma sociedade colonial e escravocrata.

Outro ponto interessante a se destacar é sobre o poder e a linguagem, uma vez que estamos pesquisando literatura, uma das formas de arte que se faz pelo uso da linguagem, e nosso recorte é o período escravocrata, ao qual houve uma proibição do uso de línguas africanas ao mesmo tempo que o escravizado também não poderia aprender a língua do colonizador. Segundo Asante, a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um instrumento de dominação e resistência.

A primeira regra para a liberdade da mente é a liberdade da linguagem. Como Lorenzo Turner disse, a linguagem é essencialmente o controle do pensamento. Não será possível direcionar nosso futuro sem primeiro controlarmos nossa linguagem. [...] Se nos deixarmos aprisionar pelos conceitos dos outros, então sempre falaremos e agiremos como eles. (ASANTE, 2014, p.52)

Ao enfatizar a importância da linguagem, Asante ressalta a necessidade de uma mudança de paradigma, onde as comunidades afrodescendentes sejam protagonistas de suas

próprias histórias e representações. Ele defende a utilização da linguagem como uma ferramenta de empoderamento, reafirmando a identidade cultural, questionando estereótipos e desmantelando as estruturas de poder que historicamente marginalizaram e subalternizaram as culturas africanas e afrodiáspóricas.

Por fim, o colonialismo deixou um legado de desigualdade estrutural e trauma histórico que continua a impactar profundamente as comunidades afrodescendentes em todo o mundo. Portanto, buscar a afrocentricidade que coloca a perspectiva africana no centro, é se reconectar com as raízes ancestrais e rejeitar as formas de opressão e marginalização impostas pelo colonialismo. Acreditamos que o afrofuturismo e a afrocentricidade juntos são conceitos essenciais para o fortalecimento de identidades negras e para a luta contra a opressão e a desigualdade historicamente impostas às comunidades afrodescendentes em todo o mundo.

4 CAPÍTULO 3: CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NEGRAS NAS PERSONAGENS DANA E CORA

Octavia Butler e Colson Whitehead são escritores que assumem posições significativas no campo da literatura ao abordarem relações étnico-raciais e de gênero em suas obras. Butler é conhecida por sua abordagem inovadora na ficção científica, que desafia convenções e oferece uma visão única sobre questões de raça, identidade e poder. Por sua vez, Whitehead se destaca por sua habilidade de mesclar história, realidade e elementos fantásticos em suas narrativas, explorando diferentes perspectivas da experiência negra e confrontando questões de opressão e liberdade.

Octavia Butler (1947-2006) nasceu na Califórnia, em 1947, filha de um engraxate e uma empregada doméstica e foi criada pela mãe e pela avó, após a morte de seu pai, quando tinha apenas 7 anos. É reconhecida como a grande dama da ficção científica, sendo também uma das autoras mais citadas nos livros sobre afrofuturismo. Para Womack (2013), Butler inspirou as novas gerações de mulheres afrofuturistas não só na literatura, mas também no cinema.

Em um espaço de ficção científica hiper masculinizado, onde ciência e tecnologia dominam, Butler forneceu um modelo de como as mulheres, especialmente as mulheres de cor, podem operar nessas realidades distorcidas e mundos distantes. Butler preparou a cena para mulheres negras multidimensionais em mundos complexos, [...] que são vulneráveis em suas vitórias e valentes nos riscos que carregam para iluminar a humanidade. (WOMACK, 2013, p. 82. Tradução nossa)²⁷

Butler iniciou sua carreira literária com o livro *Patternmaster*, lançado em 1976. No entanto, foi a partir de 1984 que sua trajetória ganhou reconhecimento significativo, marcada pela conquista dos prêmios *Hugo*, *Locus*, *Science Fiction Chronicle Reader* e *Nebula*. Esses reconhecimentos consolidaram Butler como uma escritora proeminente na literatura de ficção científica, destacando-se pelo impacto de suas narrativas e contribuições para o gênero. Embora tenha se dedicado principalmente à escrita de séries, é importante destacar que *Kindred* é um dos poucos livros de volume único de sua carreira, sendo também um dos mais famosos. Lançado em 1979, o livro ganhou sua primeira edição brasileira em 2017, publicado pelo editora Morro Branco e traduzido por Carolina Caires Coelho.

²⁷ No original: In a hypermale sci-fi space where science and technology dominate, Butler provided a blueprint for how women, particularly women of color, could operate in these skewed realities and distant worlds. Butler set the stage for multidimensional black women in complex worlds, [...] women who are vulnerable in their victories and valiant in their risky charge to enlighten humanity.

Desta forma, Butler criou diversas personagens negras de diferentes mundos, sendo a primeira mulher negra a ganhar espaço dentro da ficção científica, trazendo para o gênero novos elementos e temáticas que estavam relacionadas à diáspora sofrida pelos povos africanos.

Colson Whitehead, por sua vez, nasceu em 1969, foi criado em Manhattan e se formou em literatura comparada na Universidade de Harvard. É o único ganhador de dois prêmios Pulitzer consecutivos, o primeiro com seu romance *The Underground Railroad* (2016), traduzido como *The Underground Railroad: Os Caminhos para a liberdade*, por Caroline Chang, e o segundo com o romance *The Nickel Boys* (2019), que recebeu o título *O Reformatório Nickel* na tradução brasileira de Rogerio Galindo, ambos publicados no Brasil pela editora Harper Collins.

Whitehead é conhecido por seus romances inovadores sobre temas sociais, incluindo o racismo, e por vezes mesclado a elementos fantásticos e da ficção científica. Seu primeiro romance, *The Intuitionist* foi publicado em 1999 e se utiliza do suspense e da fantasia. Seu segundo romance *John Henry Days* (2001), segundo o próprio autor, foi de onde surgiu a ideia para o romance, ou seja, cerca de dezesseis anos antes de sua publicação.

Kindred, de Octavia Butler, e *The Underground Railroad*, de Colson Whitehead, possuem como protagonistas mulheres negras que vivenciam a escravização. O primeiro romance aborda as dinâmicas de poder entre mulheres negras, escravizadas ou não, e brancos durante o período de escravidão nos Estados Unidos, provocando reflexões sobre a construção histórica dos estereótipos que cercam as mulheres negras até os dias atuais, incluindo a persistência de trabalhos subalternos impostos a esse grupo.

Para que possamos compreender o enredo e motivações de *Kindred*, devemos levar em conta que o romance é uma obra que desafia categorizações simplistas ao apresentar uma narrativa que envolve viagens no tempo. Para Dubey e Goldberg:

O uso do dispositivo de viagem no tempo por Octavia Butler marca *Kindred* como um exemplo da "narrativa pós-moderna de escravos", definida por Timothy Spaulding como o subgênero em proliferação dos romances sobre escravidão do final do século XX que violam as convenções do realismo narrativo. O realismo documental era um componente obrigatório das narrativas de escravos fugitivos do período anterior à guerra; transmitir a verdade nua e crua da escravidão era fundamental para seu objetivo político (pressionar pela abolição). (DUBEY, GOLDBERG, 2011. p. 600, tradução nossa)²⁸

²⁸ No original: Octavia Butler's use of the time-travel device marks *Kindred* as an example of the "postmodern slave narrative," defined by Timothy Spaulding as that proliferating sub-genre of late twentieth-century novels of slavery that violate the conventions of narrative realism. Documentary realism was a required component of the antebellum fugitive slave narratives; relaying the unvarnished truth of slavery was crucial to their political goal (of pressing the case for abolition).

Embora seja frequentemente classificado como ficção científica, devido a consagração de Octavia Butler no gênero, o romance apresenta uma viagem temporal não baseada em explicações científicas ou tecnológicas, mas sim em um elemento misterioso e sobrenatural, que no decorrer da narrativa pode ser visto como ancestralidade.

Kindred é fantasia. Quero dizer, literalmente, é fantasia. Não há ciência em Kindred. Quer dizer, se me dissessem que algo era ficção científica, eu esperaria encontrar algo que tratasse da ciência. [...]. Com Kindred não há absolutamente nenhuma ciência envolvida. Nem mesmo a viagem no tempo. Eu não uso uma máquina do tempo ou algo assim. A viagem no tempo é apenas um dispositivo para trazer a personagem de volta para confrontar de onde ela veio. (BUTLER, 1991, p.2, tradução nossa)²⁹

Dessa forma, a obra pode ser compreendida como um híbrido entre a fantasia e o realismo histórico, que explora questões sobre identidade, poder e opressão racial através da perspectiva da protagonista, que é lançada ao passado escravocrata.

Já *The Underground Railroad* (2016), é uma narrativa acerca da “ferrovia subterrânea”, termo nos Estados Unidos utilizado para mencionar uma série de rotas de fuga pelo país organizadas por abolicionistas. Na ficção de Whitehead a ferrovia subterrânea é feita por trens que cruzam o país transportando matérias primas, e nesse tráfego entre os estados americanos transportam escravizados a partir da ajuda de abolicionistas que detém o acesso a tais pontos dos trilhos.

Perante o exposto, propomos um estudo de aproximação das duas obras, enfatizando os elementos que compõem as identidades das protagonistas enquanto personagens negras que vivenciam o período escravocrata estadunidense. Por ser um estudo comparativo entre obras que revisitam um período histórico, concordamos com a pesquisadora Tania Carvalho (2006, p.7), que em seu livro *Literatura Comparada*, afirma que “comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura.” É sabido que países que passaram pelo processo de escravização, principalmente nas Américas, possuem uma construção cultural e social moldada pelas consequências desse período. Um exemplo são as cotas raciais aqui no Brasil que estão em conexão com o fato da população negra ter tido ao longo da história menos oportunidades de acesso à educação.

A comparação entre duas obras de autoria negra também destaca uma busca fundamental pela descolonização dos estudos literários. A ausência de escritores negros nas

²⁹ No original: Kindred is fantasy. I mean literally, it is fantasy. There's no science in Kindred. I mean, if I was told that something was science fiction, I would expect to find something dealing with science in it. [...] With Kindred there's absolutely no science involved. Not even the time travel. I don't use a time machine or anything like that. Time travel is just a device for getting the character back to confront where she came from.

obras *O Cânone Americano* (2017) e *O Cânone Ocidental* (1994), do renomado escritor estadunidense Harold Bloom, levantam questões significativas. Por que não encontramos representantes negros na seleção de autores que compõem esses espaços literários? Essa omissão não é só um detalhe, mas sim um reflexo das estruturas que historicamente moldaram a literatura de acordo com os privilégios brancos ou europeus, um fenômeno que se estende a diversos campos socioculturais.

A exclusão de autores negros nessas obras ecoa a marginalização persistente que os escritores negros enfrentaram por muito tempo na academia. Suas histórias e perspectivas foram sistematicamente subestimadas e negligenciadas, perpetuando a hegemonia de uma literatura eurocêntrica e branca. Portanto, a análise a partir dessa lacuna é essencial para o processo de descolonização dos estudos literários, que busca expandir as fronteiras da literatura convidando-nos a questionar as estruturas de poder e privilégio que influenciam a construção dos cânones literários e a reconhecimento da importância de diversificar as narrativas literárias para refletir a pluralidade das experiências da humanidade.

Os questionamentos levantados estão em concordância com Carvalhal (2006, p.82), em seu livro *Literatura Comparada*, quando registra que “o apanágio da literatura comparada tradicional era o "eurocentrismo", fortalecido pela identificação de dependência cultural dos países frutos da colonização, que tinham seus olhos voltados para a Europa, matriz e modelo.” Diante dos questionamentos levantados, afirmamos que o estudo comparativo de obras que confrontam o ponto de vista de narração da história pela ótica do colonizador ou senhor escravocrata, vai além da comparação das personagens, e se torna um meio para que possamos traçar um estudo acerca das manifestações raciais e sociais através da literatura. Deste modo, concordamos ainda com Carvalhal (2006) a respeito da colaboração do comparativismo para a história das formas literárias e sua evolução:

O estudo comparado de literatura deixa de resumir-se em paralelismos binários movidos somente por "um ar de parença" entre os elementos, mas compara com a finalidade de interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas. Daí a necessidade de articular a investigação comparativista com o social, o político, o cultural, em suma, com a História num sentido abrangente. (CARVALHAL, 2006, p.87)

Do mesmo modo, Gerhard B. Kaiser em *Introdução à literatura comparada*, reflete acerca da necessidade de reavaliação do conjunto temático-metodológico tradicional da literatura comparada:

A correção do conjunto temático-metodológico tradicional da literatura comparada e a integração de novos temas constituem, para o frisar mais uma vez, um único

processo, com o qual só se poderá avançar através da insistência nas questões da literatura geral. [...], Mas a «mudança de paradigmas da literatura comparada» que elas devem ajudar a fundamentar, não é coisa que se possa fazer a curto prazo. (KAISER, 1980, p. 414)

A integração de novos temas é considerada importante para impulsionar essa mudança e fundamentar uma nova abordagem na literatura comparada. A insistência nas questões da literatura geral é apontada como uma estratégia para avançar nesse processo de transformação. Assim sendo, defendemos que uma pesquisa acerca do estudo comparativo das duas narrativas apresentadas, bem como suas relações com a história, especificamente a estadunidense, mostra-se de enorme relevância, tendo em vista a atualidade e a urgência das temáticas que discutem. Neste sentido, ao propormos como objeto de pesquisa a literatura produzida por dois autores negros referenciais, cujas narrativas neo-escravas apresentam outras perspectivas da história, defendemos também outros olhares e outras perspectivas para a investigação literária, de forma que possa ser cada vez mais ampla, inclusiva, e em constante sintonia com seu tempo.

4.1 Identidade negra e contexto racial no período escravocrata estadunidense em *The Underground Railroad*

O termo “Ferrovia Subterrânea” representou uma rede de apoio humanitário, envolvendo abolicionistas brancos e negros livres, que arriscaram suas vidas para facilitar a fuga de escravizados e conduzi-los em direção à emancipação durante a Pré-Guerra Civil norte-americana. Neste contexto, o romance *The Underground Railroad: Os Caminhos para a liberdade*, de Colson Whitehead, emerge como uma contribuição literária significativa que recontextualiza a Ferrovia Subterrânea sob uma lente contemporânea. Publicado em 2016, o romance não apenas presta homenagem à coragem dos que participaram da rede, mas também a utiliza como abordagem literária para explorar a temática.

Whitehead transcende a metáfora histórica, conferindo à ferrovia subterrânea uma existência física nas páginas de seu romance. Nesse contexto literário, a ferrovia subterrânea se torna muito mais do que um símbolo; ela emerge como uma entidade concreta, uma ferrovia subterrânea literal, completa com trilhos e trens que se movimentam através de uma intrincada rede de túneis e estações secretas.

A coisa chegava em toda sua pesada estranheza. Caesar vira trens na Virgínia; Cora apenas ouvira falar das máquinas. Não era como ela imaginara. A locomotiva era preta, uma geringonça desajeitada que começava com o focinho triangular do limpatrilhos, embora houvesse poucos animais no local para onde a máquina se dirigiria. O bulbo da chaminé era o que vinha a seguir, uma haste coberta de fuligem. O corpo principal consistia de uma enorme caixa preta encimada pela cabine do maquinista. Abaixo disso, pistões e cilindros grandes se engajavam numa dança incansável com as dez rodas, dois conjuntos de rodas pequenas na frente e três atrás. A locomotiva puxava um só vagão — um vagão dilapidado, de cujas paredes faltavam várias tábuas. (WHITEHEAD, 2017, p. 17)

Essa reimaginação literária desafia fronteiras, introduzindo um elemento de realismo mágico que une o mundo real e o simbólico. Nesse cenário, Whitehead dá vida a algo que não é meramente uma criação do subconsciente coletivo ou uma representação abstrata da esperança; ela é palpável e transporta os fugitivos, mas assim como na realidade, nem todas as rotas garantem que estas pessoas irão conseguir a liberdade como destino ao fim dos trilhos.

Ao incorporar essa dimensão de realismo mágico, o autor ressalta a invisibilidade e a clandestinidade que permeavam a luta dos escravizados em busca da liberdade. A ferrovia subterrânea não é uma construção física comum, mas sim um elemento transformador que desafia a lógica da realidade. Nesse universo literário, as fronteiras entre o concreto e o simbólico se tornam porosas, permitindo que a narrativa explore as experiências dos fugitivos. A ferrovia subterrânea de Whitehead é, portanto, uma representação da busca por liberdade que

ultrapassou as barreiras do tempo e do espaço, redefinindo nossa compreensão da História e da narrativa.

No romance em questão, as dinâmicas de poder do sistema escravista vão para além dos trabalhos nas plantações. Ele nos conduz por cotidianos opressivos nas cidades, a brutalidade física e os aspectos da supremacia branca instaurados em instituições como os estudos médicos³⁰, que chegaram a utilizar corpos negros como objetos de experimentos científicos e até mesmo exposições em museus, mostrando assim diferentes formas da exploração racial em estados e períodos, evidenciando a violência psicológica e a estrutura racista presente em diversas esferas da sociedade.

O sr. Fields explicou como funcionavam os museus. Naquele, o foco era história americana[...] Cora trabalhava em três salas. [...] ignorar os visitantes do museu era uma tarefa prodigiosa. As crianças batiam no vidro e apontavam de um jeito desrespeitoso, deixando todos alarmados enquanto fingiam se ocupar com nós de marinheiro. Os visitantes às vezes gritavam coisas para as pantomimas, comentários que as moças não conseguiam distinguir, mas que davam todas as indicações de serem rudes. (WHITEHEAD, 2017, p. 118)

Outro ponto a se notar é como o autor desafia a narrativa linear tradicional, incorporando uma estrutura fragmentada que se alinha com a própria natureza da Ferrovia Subterrânea, que era uma rede de caminhos não lineares, sem uma única rota ou destino fixo e também com a estrutura das narrativas de escravizados. Além disso, essa estrutura fragmentada da narrativa pode ser relacionada com a própria identidade fragmentada da protagonista.

Narrativas de escravizados foram fontes de inspiração para o romance³¹, que apesar de ser narrado em terceira pessoa, não deixa de ser um relato de uma escrava fugitiva. A escolha do narrador, porém, nos permite uma visão ampla dos acontecimentos e nos ajuda a compreender as interações de outros personagens e os traumas de Cora, a protagonista desta história. Outro ponto em comum são os capítulos nomeados pelos estados que a personagem viaja. Em narrativas de escravizados, podemos acompanhar seus registros também organizados pelas cidades ou estados que estariam se escondendo. O movimento que se faz na fuga é o movimento de organização do texto, e no romance, isso também é perceptível.

Nesta pesquisa, tomamos a personagem como um ponto central de exploração da construção de identidade em um contexto histórico marcado pela brutalidade da escravidão nos Estados Unidos. Desta forma, a análise de sua identidade requer uma abordagem

³⁰ Tuskegee: Uma história americana. E de racismo: <https://www.geledes.org.br/tuskegee-uma-historia-americana-e-de-racismo/>

³¹ Oprah Talks to The Underground Railroad Author Colson Whitehead: <https://www.oprah.com/oprahsbookclub/oprahs-interview-with-colson-whitehead>

contextualizada com seu tempo. No caso de personagens que viveram durante o período escravocrata nos Estados Unidos é necessário reconhecer que as concepções de identidade eram significativamente influenciadas pelas estruturas opressivas e limitações da época.

Portanto, esta é a abordagem adotada para analisar a identidade da personagem, o que envolve a consideração das normas sociais, culturais e históricas do período para entender como as identidades eram formadas e negociadas em um ambiente de opressão. Em vez de aplicar diretamente os conceitos contemporâneos de Hall (1932-2014), teórico que usaremos na nossa análise em relação a personagem Dana, de *Kindred*, usaremos autores como Frederick Douglass, dentre outros que refletem sobre as condições de pessoas negras no período escravocrata estadunidense.

Whitehead começa a história de Cora pelo pontapé da configuração social que o tráfico negreiro gerou às Américas, narrando a vinda da avó da protagonista pelo Atlântico. Este ponto de partida contextualiza as raízes de Cora e nos convida a refletir sobre o impacto duradouro da escravidão e a evolução da sociedade estadunidense. Frederick Douglass em sua *Autobiografia de um escravo* cita o mito da maldição de Cam, muitas vezes usado para justificar a escravidão:

Que essa profecia seja cumprida ou não, é, no entanto, óbvio que uma classe de pessoas de aparência muito diferente daquelas trazidas originalmente da África para este país está sendo gerada no sul, e sendo mantida agora em cativeiro; e se seu aumento não tiver qualquer outra coisa de bom, minará a força do argumento de que Deus amaldiçoou Cam, e que por isso a escravidão americana é correta. [...] é certo que a escravidão no sul deve se tornar em breve não-escritural; pois milhares são trazidos ao mundo todo ano que, como eu mesmo, devem sua existência a pais brancos, e esses pais são no mais das vezes seus próprios senhores. (DOUGLASS, 2021, p.36)

A imposição de determinadas crenças religiosas e a deturpação da fé foram estratégias empregadas para garantir a submissão e a fidelidade dos escravizados aos seus senhores. Através da imposição de uma versão distorcida da religião, os senhores buscavam justificar sua autoridade divina sobre aqueles que exploravam, criando uma dinâmica na qual a submissão era reforçada como uma virtude religiosa.

Essa manipulação da fé não apenas serviu para legitimar a opressão, mas também moldou a mentalidade dos escravizados, muitas vezes levando-os a internalizar essas ideias e a enxergar sua própria subserviência como algo justificado ou inevitável. No início da obra, Whitehead ilustra a internalização da submissão e o processo transformador da perspectiva do escravizado, destacando a evolução por meio dos pensamentos de Ajarry, Mabel e Cora. Avó, mãe e filha, todas com pensamentos distintos sobre o que aquela terra significava para elas.

Ajarry morreu no meio dos algodoeiros, [...] sabia o seu valor e sabia o seu lugar na ordem das coisas. Escapar da servidão da fazenda era escapar dos princípios fundamentais de sua existência: impossível. Era sua avó falando, naquele domingo à noite, quando Caesar contou a Cora sobre a ferrovia subterrânea, e ela disse não. Três semanas depois, ela disse sim. Dessa vez, era sua mãe falando. (WHITEHEAD, p. 19, 2016)

A forma como Ajarry é definida dialoga com a ideia de submissão e controle que reflete o ensinamento passado de mãe para filha sobre a necessidade de aceitar a sua posição pré-determinada na sociedade e sugere uma rigidez das hierarquias sociais baseadas na raça durante o período da escravidão e remete à profecia já citada nesta pesquisa. Desta forma, a recusa inicial de Cora em aceitar uma oportunidade de fuga é um reflexo das emoções que muitos escravizados poderiam ter enfrentado ao considerar escapar. A partir do registro de Douglass podemos ver que o processo de aceitação de servidão era auxiliado também pela violência física:

Se um escravo era condenado por qualquer crime maior, ou se tornava incontrolável, ou evidenciava uma determinação de fugir, ele era trazido imediatamente para ali, chicoteado severamente, colocado a bordo da barcaça, levado a Baltimore e vendido a Austin Woolfolk ou algum outro negociante de escravos, como um aviso para os escravos remanescentes. (DOUGLASS, 2021, p. 40)

A transição de um “não” para um “sim” representa a evolução do pensamento de Cora e a influência das gerações passadas, evidenciando a maneira como as experiências e as palavras dos ancestrais moldaram as decisões individuais. A menção à mãe de Cora como a fonte do seu sim ressalta o papel das relações familiares e da transmissão de conhecimento e resistência ao longo das gerações.

Cora ainda era uma criança quando se viu sozinha no mundo e começou a acreditar que a escravidão era seu único futuro. Sua mãe foi a única escravizada a fugir e não deixar rastros, nunca ser capturada e nunca aparecer para buscar a filha.

Quando Mabel sumiu, Cora se tornou uma pária. Onze, dez anos de idade, por aí — não havia ninguém que pudesse dizer com certeza. No trauma de Cora, o mundo esmoreceu em impressões cinzentas. A primeira cor a voltar foi o marrom-avermelhado fervilhante da terra no lote da família. Isso a fez acordar outra vez para as pessoas e as coisas, e ela decidiu se aferrar ao seu canto, embora fosse jovem e pequena e não tivesse mais ninguém que cuidasse dela. (WHITEHEAD, 2017, p. 26)

Assim, a protagonista cresceu se questionando sobre abandono, afetos, condição eterna de escravizada e se há vida fora da fazenda. Cora não sabe sua idade, uma condição comum da pessoa escravizada segundo Douglas:

Não tenho conhecimento preciso de minha idade, nunca vi qualquer registro autêntico que a contivesse. A maior parte dos escravos sabe tão pouco de sua idade quanto os cavalos sabem a deles, e é o desejo da maioria dos senhores que conheço manter seus escravos ignorantes. (DOUGLASS, 221, p. 29)

Apesar de ser uma condição comum, na fazenda de Cora há um escravizado que faz aniversário, duas vezes por ano, e a narrativa de sua vida é contada a partir dos preparativos dessa festa, a qual Cora é questionada por uma amiga sobre sua idade:

“Se você pudesse escolher seu aniversário, como seria?”, perguntou Lovey.
 “Já falei quando foi que eu nasci”, disse Cora.
 [...]

 “Se você pudesse escolher”, dizia Lovey.
 “Não posso”, respondeu Cora. “É decidido por você.”
 (WHITEHEAD, 2017, p. 23-24)

Na fazenda de Cora, a condição de um escravizado celebrar dois aniversários anualmente é um aspecto que evidencia a ausência de controle sobre a própria identidade e a falta de autonomia no conhecimento de dados pessoais. Esta situação se destaca como uma alegoria da imposição de uma narrativa externa sobre as vidas dos escravizados. A conversa entre Cora e Lovey reflete essa limitação pois ao ser questionada sobre sua idade, Cora expressa a imposição desse controle externo, destacando que suas decisões pessoais são, na realidade, determinadas por outros, evidenciando a falta de autonomia e o cerceamento da liberdade individual dentro do contexto escravocrata.

Essa constante indagação sobre escolhas impossíveis ou restritas destaca a subalternidade dos escravizados, cujas vidas são regidas por imposições externas, negando-lhes a liberdade de determinar até mesmo aspectos tão básicos quanto sua própria idade. Essas situações ilustram o controle e a imposição sistemática sobre a vida e a identidade, reforçando a ideia da desumanização e a ausência de autonomia da população negra na época.

Além disso, a narrativa não se restringe a um período específico, abrangendo uma extensão de tempo que não é rigidamente datada, focando na experiência geral da escravidão em vez de um momento específico. A falta de marcações cronológicas é acentuada pela narrativa fragmentada, que cria um entrelaçamento de episódios conectados.

Ela nascera no inverno. Sua mãe, Mabel, reclamara bastante do parto difícil, a geada rara naquela manhã, o vento zumbindo por entre as ripas das paredes da cabana. Sua mãe sangrara por dias e Connelly não se deu o trabalho de chamar o médico até que ela parecesse uma morta viva. As vezes a mente de Cora lhe pregava truques e ela convertia a história em uma de suas lembranças, inserindo o rosto de fantasmas, todos escravos mortos, que a contemplavam com amor e indulgência. Até mesmo pessoas que ela odiava, as que a haviam chutado ou roubado sua comida quando sua mãe se fora. (WHITEHEAD, 2017, p. 24)

A estrutura narrativa que transita entre momentos e perspectivas na obra reflete a própria natureza fragmentada da história da escravidão, frequentemente apresentada de forma desarticulada. O filósofo Molefi Kete Asante (2014, p. 66) aponta que “a Europa só nos dá uma parte da história, e frequentemente não é nossa história.” Essa citação repercute na abordagem da obra, demonstrando como a história oficial muitas vezes omite ou distorce os relatos da experiência negra. A utilização do tempo como um cenário instável, a incerteza em relação à idade da protagonista e a narrativa fragmentada são elementos que se fundem para que possamos visualizar a experiência negra, ressaltando a inadequação das histórias dominantes em capturar a verdadeira extensão e profundidade dessa vivência.

Apesar de ser uma mulher atormentada pelo abandono de sua mãe, Cora também pensava em fugir da fazenda, mas ela vivia as consequências de sua condição, como um aceite por ter sido abandonada naquele lugar.

Ela se deu conta de que baniria sua mãe de sua mente não por tristeza, mas por raiva. Ela a odiava. Após experimentar a recompensa da liberdade, era incompreensível para Cora que Mabel a tivesse abandonado naquele inferno. Uma criança. A companhia da menina teria tornado a fuga de Mabel mais difícil, mas Cora não era mais um bebê. Se podia colher algodão, podia muito bem correr. Ela teria morrido naquele lugar depois de indizíveis brutalidades, se Caesar não tivesse aparecido. (WHITEHEAD, 2017, P. 108)

Porém, a história da mãe de Cora inspira outro personagem, Caesar, recém-chegado na fazenda e que escolhe Cora como um amuleto da sorte para sua fuga.

“Não quero que você me dedure”, disse ele. “Preciso confiar em você. Mas vou embora logo, e quero você comigo. Para me dar sorte.” Então ela entendeu. Não era uma peça que estavam pregando nela. Era uma peça que ele estava pregando em si mesmo. [...] “Não estou tentando que o Connelly me mate, nem os patrulheiros, nem cobras.” [...] O homem branco tentando matar você lentamente todos os dias, e às vezes tentando matar você rapidamente. Por que facilitar as coisas para ele? Esse era o tipo de trabalho que dava muito bem para recusar. (WHITEHEAD, 2017, p. 23)

Caesar assume um papel definido como um personagem condutor da ação, conforme conceituado por Beth Brait (2006, p. 50), baseando-se nos estudos de E. Souriau e W. Propp, é um “personagem que dá o primeiro impulso à ação; é o que representa a força temática: pode nascer de um desejo, de uma necessidade ou de uma carência”. Ele personifica a força temática proporcionando a Cora a oportunidade de fugir da plantação e introduzindo a perspectiva da ferrovia subterrânea. Como agente da ação, Caesar representa não apenas o anseio pela liberdade, mas também a necessidade de romper com a dominação da escravidão. Sua iniciativa impulsiona o enredo e serve como catalisador para a transformação de Cora,

incitando-a a embarcar em uma jornada em busca da emancipação e desencadeando uma série de eventos que mudarão sua trajetória.

O primeiro estado que Caesar e Cora desembarcam é a Carolina do Sul, o qual é retratado como um estado com questões avançadas e esclarecidas sobre o avanço racial:

Famílias brancas faziam as malas e acorriam para a Carolina do Sul atrás de oportunidades, partindo de lugares tão distantes quanto Nova York, de acordo com as gazetas. O mesmo faziam homens e mulheres livres, em uma onda de migração que o país jamais testemunhara. Parte das pessoas de cor era de fugitivos, embora não fosse possível precisar quantas delas, por razões óbvias. A maior parte das pessoas de cor no estado havia sido comprada pelo governo. Salvos do pelourinho em alguns casos ou comprados em leilões judiciais. Agentes observavam os grandes leilões. A maioria era comprada de brancos que haviam deixado as fazendas para trás. A vida do campo não era para eles, mesmo que tivessem sido criados desse modo e esse fosse seu legado familiar. Era uma nova era. O governo oferecia termos muito generosos e incentivos para mudarem para cidades grandes, empréstimos e isenção fiscal. (WHITEHEAD, 2017, p. 102)

Ao desembarcarem no estado, os dois recebem um emprego e conseguem uma vaga nos dormitórios para pessoas de cor, além disso recebem documentos com outros nomes. Ao questionar Caesar recebe a seguinte resposta de Sam, o abolicionista que os ajudou: “Agora vocês são essas pessoas. Precisam deixar seus nomes e suas histórias para a memória.” (WHITEHEAD, 2017, p.101) A instrução de Sam demonstra não apenas a transição física, mas também a transformação da própria identidade dos personagens, enfatizando a perda não só da identidade nominal, mas também da história pessoal e da conexão com o passado.

Essa cena pode representar a necessidade imposta aos fugitivos de renunciar não apenas aos seus nomes, mas também às suas narrativas individuais, destacando a necessidade de abdicar da própria identidade como um elemento integrante do processo em busca da liberdade. Uma realidade na qual a identidade própria é descartada em favor da sobrevivência e da fuga, o que mostra também as questões emocionais e psicológicas enfrentadas pelos fugitivos.

Após desembarcar na Carolina do Sul, Cora recebeu o nome de Bessie Carpenter, e seu primeiro trabalho foi na casa da família Anderson, onde “quando Maisie estava na escola ou com os amiguinhos, e o pequeno Raymond estava dormindo, Cora trabalhava sem ser importunada e sem supervisão. Era um pequeno tesouro no meio do dia.” (WHITEHEAD, 2017, p. 134) Além disso, percebemos que os dois passaram meses no estado, onde a necessidade de assimilação à sua nova identidade fica evidente:

Nos meses seguintes, Cora dominou sua postura. A escrita e a fala precisavam de mais atenção. Depois da conversa com a srta. Lucy, ela tirou sua cartilha do baú. Enquanto as outras moças fofocavam e se desejavam boa-noite umas às outras, Cora praticava

a escrita. Da próxima vez que assinasse a conta das compras dos Anderson, escreveria Bessie numa caligrafia cuidadosa. Ela apagou a vela quando começou a sentir câimbras na mão. (WHITEHEAD, 2017, p. 104)

Este período de transição, em que Cora assume a identidade de Bessie Carpenter, não representa apenas uma mudança superficial, mas marca o início da construção de sua identidade enquanto detentora de suas escolhas. Vivendo como uma mulher livre, em uma sociedade que não a pudessem como na fazenda, a personagem tem pela primeira, minimamente³², o poder de fazer escolhas em sua vida, como começar a estudar, mudar de emprego e até mesmo escolher o que vai vestir. Essa transformação externa, mostrada através da adoção do nome fictício e pelas habilidades aprimoradas, atua como a superfície visível de um processo mais profundo. Este é o ponto de partida, de uma jornada interna em que Cora se empenha ativamente na formação de uma identidade e inicia um processo de uma consciência mais sólida sobre questões raciais e sociais da época.

Nesse novo contexto podemos destacar três passagens em que percebemos uma autoconfiança e autoconsciência na personagem. As situações acontecem quando Cora está trabalhando em um Museu. A primeira, a personagem comparamos cenários do museu com os ambientes reais em que viveu.

“O que acha, Capitão John?”, perguntou Cora ao colega marinheiro. “Essa é a verdade sobre o nosso encontro histórico?” Ultimamente, ela havia se acostumado a inventar conversas com o boneco a fim de incrementar a encenação para o público. [...] Os coiotes empalhados nos suportes não mentiam, imaginava Cora. E os formigueiros e as pedras contavam a verdade sobre si. Mas os cenários dos brancos continham tanta imprecisão e contradições quanto os três habitats de Cora. Não havia meninos sequestrados esfregando o convés e recebendo tapinhas na cabeça de raptos brancos. O menino africano empreendedor cujas belas botas de couro ela usava teria estado acorrentado sob o convés, esfregando o corpo em seus próprios excrementos. O trabalho de um escravo às vezes era na roda de fiar, sim; na maioria das vezes, não. Nenhum escravo jamais havia caído morto de joelhos ao fiar nem fora assassinado por um emaranhado de fios. Mas ninguém queria falar sobre a verdadeira situação do mundo. E ninguém queria ouvir. Certamente não os monstros brancos do outro lado da exposição, que a todo momento enfiavam seus focinhos gordurosos junto ao vidro, zombando e gargalhando. (WHITEHEAD, 2017, p. 125)

Este exercício imaginativo, destaca uma nova dimensão de sua compreensão do mundo ao seu redor. Cora passa a ver os cenários brancos, anteriormente aceitos como verdades históricas, com um olhar crítico, o que a faz confrontar as distorções e contradições presentes nas representações brancas de eventos históricos. A consciência de Cora, aqui também representa a nossa própria consciência em questionar as narrativas hegemônicas sobre a escravidão, expondo a necessidade de encarar a verdade sobre o passado. A segunda passagem

³² Apesar de a Carolina do Sul oferecer diferentes oportunidades às pessoas negras, no romance, elas eram constantemente direcionadas a desenvolver específicas funções e atividades.

chega a ser complementação sobre a reflexão da personagem sobre o que é válido para os brancos, quando ela lembra que recitavam a Declaração da Independência na antiga fazenda que vivia.

Cora ouvira Michael recitar a Declaração da Independência lá na fazenda Randall muitas vezes, sua voz fluindo pela aldeia como um fantasma raivoso. Ela não compreendia as palavras, pelo menos não a maioria, mas *criados iguais* não eram termos que se perdiam para ela. Os homens brancos que escreveram aquelas palavras não as entendiam, se *todos os homens* não significava verdadeiramente todos os homens. Não se eles tomavam o que pertencia a outras pessoas, independentemente de ser algo que se podia segurar na mão, como a terra, ou não, como a liberdade. (WHITEHEAD, 2017, p. 125)

Embora ela não tenha compreendido completamente as palavras na época, agora ela consegue questionar o significado das palavras dos homens brancos que redigiram a Declaração da Independência, destacando a discrepância entre os ideais proclamados e as ações efetivas. A observação de que compreendiam verdadeiramente o alcance de "todos os homens" quando envolvia a apropriação indevida de propriedade, demonstra uma percepção assertiva de Cora sobre a hipocrisia que acompanha proclamações oficiais. Cora consegue agora ter um viés crítico em relação às contradições presentes na sociedade em que vive.

Por último, ainda na Carolina do Sul, a evolução de autoconfiança de Cora nos é mostrada através do humor:

Um dia ela decidiu contra-atacar uma mulher branca de cabelos ruivos que fizera cara feia para as tarefas de Cora "no mar". [...] A mulher a irritou. Cora a fitou bem nos olhos, resoluta e feroz, até que a mulher capitulou, quase correndo de junto ao vidro para a seção sobre agricultura. Dali em diante Cora selecionava um cidadão por hora para afugentar com o olhar. [...] Ela ficou boa no seu olhar assustador. Erguendo os olhos da roda do escravo ou do fogo de vidro da cabana para fulminar uma pessoa, como um dos besouros ou acarídeos na seção de insetos. As pessoas sempre cediam, surpresas com aquele ataque estranho, recuando, olhando para o chão ou forçando seus acompanhantes a irem embora. Era uma boa lição, pensou Cora, aprender que o escravo, o africano entre vocês, também está olhando para você. (WHITEHEAD, 2017, p. 134-135)

A capacidade de Cora desafiar pessoas brancas por meio de zombarias estereotipadas sobre si mesma marca uma evolução em sua autoconsciência e entendimento próprio. Expressando isso abertamente por meio de humor sarcástico, a personagem demonstra uma autoconfiança que transcende as limitações impostas pelo contexto opressor em que vive e que viveu anteriormente. Esse desenvolvimento indica que Cora está mais consciente de sua identidade e da narrativa que ela própria construiu ao longo de sua jornada. Essa habilidade de desafiar e redefinir as expectativas sobre si mesma também representa uma evolução de sua capacidade de compreender e afirmar sua própria identidade diante de um ambiente opressivo.

Cora, apesar de estar seguindo sua vida de forma relativamente livre, é abruptamente surpreendida pela chegada de um caçador de escravos, o que a força, junto a Caesar, a retomar a ferrovia subterrânea em fuga. Todavia, devido às diferentes rotinas que mantinham na vida urbana, Caesar não consegue alcançar o trem, deixando Cora seguir deste ponto da história mais uma vez sozinha.

“Onde fica este lugar?”, perguntou ela.
 “Carolina do Norte”, respondeu o rapaz. “Era uma parada bem popular, pelo que me falaram. Não mais.”
 “E o agente da estação?”, perguntou Cora.
 “Nunca o encontrei, mas tenho certeza de que é um sujeito legal.”
 (WHITEHEAD, 2017, p. 158)

Na transição da Carolina do Sul para a Carolina do Norte, a narrativa de Cora revela um contraste de vivência. Ao ingressar na Carolina do Norte, a personagem se depara com uma sociedade onde “as novas leis raciais proíbem homens e mulheres de cor de colocar os pés no território da Carolina do Norte. Homens livres que se recusaram a deixar sua terra eram escorraçados ou massacrados.” (WHITEHEAD, 2017, p. 173) Portanto, Cora é levada ao sótão da casa, onde:

A única fonte de luz e ar era um buraco na parede que dava para a rua. Cora engatinhou até ele, abaixando-se sob as vigas. O buraco chanfrado havia sido escarvado de dentro, o trabalho de um ocupante anterior que se incomodara com as condições da hospedagem. Ela se perguntou onde estaria aquela pessoa agora.
 (WHITEHEAD, 2017, p. 163)

Enquanto Cora experimentava uma notável evolução em sua autoconsciência na Carolina do Sul, na Carolina do Norte, esse progresso necessitou ficar em segundo plano. O novo ambiente impôs também uma diferença de tratamento por parte dos brancos, como podemos notar entre Ethel, esposa do agente da estação, e Cora.

Ethel olhou para Cora pela primeira vez, seu rosto rígido emoldurado pelo alçapão. “A empregada vem de tempos em tempos”, disse. “Se ela ouvir você, vai nos entregar e vão matar a todos nós. Nossa filha e sua família vão chegar hoje à tarde. Eles não podem saber que você está aqui. Está entendendo?” “Quanto tempo vai demorar?” “Sua estúpida. Não faça barulho. Nenhum barulho. Se alguém ouvir, estamos perdidos.” Ela puxou e fechou a porta. (WHITEHEAD, 2017, p. 163)

O tratamento de Ethel diz respeito ao risco que correm por abrigar Cora. Entretanto, durante uma conversa com Martin, agente da estação, torna-se evidente que, apesar de expressar apoio ao marido, a personagem não deseja essa situação para sua própria vida:

Mais uma vez, Martin pediu desculpas pelo comportamento da esposa. “Você entende que ela está morrendo de medo. Estamos à mercê do destino.”
 “Você se sente como um escravo?”, Cora perguntou.

Ethel não havia escolhido aquela vida, Martin disse.
 “Vocês nasceram nela? Como um escravo?”
 Isso pôs fim à conversa deles aquela noite. (WHITEHEAD, 2017, p. 176)

Na passagem, observamos também que Cora mantém sua disposição de contestar as afirmações feitas por pessoas brancas. A interação com Martin destaca o desenvolvimento da personagem em questionar as circunstâncias impostas. Ao indagar se o casal se sente como um escravo, Cora revela uma habilidade de reflexão que ultrapassa as superficialidades da interação casual. Ou seja, a personagem reflete sobre suas raízes, ancestralidade, história pessoal e como a discriminação racial influencia sua identidade e autoimagem. O silêncio que toma conta de Martin é uma forma de mostrar não apenas que o personagem concorda com Cora, mas uma compreensão da divisão racial e social estadunidense a qual ele também não tem poder para modificar.

Enquanto permaneceu no sótão, Cora observou tanto o cotidiano da cidade como da casa. Às sextas feiras eram os dias que Cora se recusava a olhar pelo buraco na parede, era nesse dia que a cidade se reunia para assassinar negros encontrados pela região, em uma cerimônia que todos os moradores participavam. Foi pela frequência dessas cerimônias, que Cora compreendeu a estrada por onde havia passado em seu caminho junto a Martin para sua casa.

A estrada principal estava silenciosa, apinhada em ambos os lados pela proteção da floresta. Ela viu uma forma, então outra. Cora saiu da carroça. Os corpos pendiam de árvores, como enfeites apodrecidos. [...]
 “Agora chamam essa estrada de Trilha da Liberdade”, disse Martin enquanto voltava a cobrir a carroça. “Os corpos se estendem por todo o caminho até a cidade.”
 Em que tipo de inferno o trem a fizera desembarcar?
 (WHITEHEAD, 2017, p. 162-163)

A escolha do nome Trilha da Liberdade para um local de tamanha brutalidade destaca a hipocrisia da sociedade branca que, ao mesmo tempo em que proclamava valores de liberdade e igualdade, perpetuava atos desumanos contra a população negra. Essa alegoria sugere também uma crítica à fachada de progresso e civilidade, apontando para a desconexão entre as palavras proclamadas e as ações realizadas. À medida que refletimos sobre a trilha na obra, somos inevitavelmente levados a considerar os índices persistentes de violência contra negros nos dias de hoje, revelando uma continuidade histórica.

Apesar de obedecer às imposições de Ethel quanto à sua permanência na casa, Cora é descoberta por Fiona, a empregada irlandesa, que a denuncia. Essa ação revela algumas camadas do sistema de castas estadunidense, como a exclusão seletiva e o racismo internalizado. A proibição da presença negra na Carolina do Norte abriu espaço para a inserção

de imigrantes no mercado de trabalho, onde recém-chegados europeus foram absorvidos no sistema de castas norte-americano. Esta mudança de cenário ressalta, conforme Wilkerson (2021) como os imigrantes também alimentaram as estruturas de opressão racial existentes nos Estados Unidos. O ato de Fiona é de desprezo em relação à casta mais baixa e pode ser interpretado como um rito de iniciação na cidadania norte-americana, funcionando como uma reafirmação das estruturas de poder preexistentes.

Ela viu a varanda de Martin e Ethel pela primeira vez. Era o palco de sua captura[...] A cidade enchia a calçada e a rua, acotovelando-se por um vislumbre daquela nova diversão. Uma moça ruiva abriu caminho.
 “Variola! Eu disse que eles estavam escondendo alguém lá em cima.” Então aquela era Fiona, finalmente. [...] Fiona chutou Cora levemente. [...] “Nós tratamos você bem”, Martin disse.
 “Vocês têm um jeito muito estranho, vocês dois”, Fiona disse. “E merecem qualquer coisa que acontecer com vocês.”
 (WHITEHEAD, 2017, p. 192)

Durante sua captura, a cidade é surpreendida pela chegada de Ridgeway, o mesmo caçador que a procurou na Carolina do Sul, “você pode ficar com a recompensa, disse a Fiona. Ele se debruçou levemente e levantou Cora pelo braço. Não precisa ter medo, Cora. Você vai para casa.” (WHITEHEAD, 2017, p. 194) Cora segue com Ridgeway e seus ajudantes. O caçador, antes de fazer a entrega de Cora, precisa realizar outras entregas e capturas, e durante esse percurso Ridgeway conta a Cora que Caesar está morto.

“Nós o pegamos na fábrica no final do seu expediente”, disse. “Aqueles grandes machos negros em volta, reencontrando o velho medo depois de pensar que o tinham superado. De início não foi nada de mais. Mais um fugitivo preso. Então se espalhou a notícia de que ele era procurado pelo assassinato de um menininho...”
 “Menininho, não”, rebateu Cora.
 Ridgeway deu de ombros.
 “Invadiram a cadeia. O xerife abriu a porta, para ser sincero, mas isso não soa tão dramático. Invadiram a cadeia e fizeram picadinho do corpo dele. As pessoas decentes da Carolina do Sul com suas escolas e crédito para sexta-feira à noite.”
 [...] Sentada no escuro, aninhada entre as vigas, Cora entendeu que estava sozinha novamente.
 (WHITEHEAD, 2017, p. 226)

A narrativa de vida de Cora é marcada por um ciclo constante de solidão, que é ao mesmo tempo, de cada mulher e cada homem escravizado. Começando com o misterioso abandono por parte de sua mãe. Esse evento inicial estabelece uma tonalidade de isolamento que permeia sua jornada ainda na fazenda. A morte prematura de Caesar representa mais uma volta nesse ciclo de perdas, deixando Cora novamente confrontando a solidão. Esse padrão cíclico, onde os vínculos são formados apenas para serem dilacerados cria uma constante e angustiante sensação de estar sozinha no mundo.

Apesar de Cora já se sentir sozinha na fazenda, ela possuía a companhia de sua amiga Lovely e que possivelmente, caso não fosse a fuga, cresceriam juntas e viveriam a expectativa de vida prevista para uma escravizada na companhia uma da outra. Lovely é morta logo no início da narrativa ao tentar fugir junto de Cora e Caesar, mas fica para trás durante um confronto, o mesmo que torna Caesar procurado.

Essa narrativa cíclica de solidão é um fio condutor que permeia sua identidade. É dentro desse ciclo de isolamento que Cora forja sua identidade. Cada reviravolta nessa jornada pela liberdade contribui para determinar quem ela é, delineando uma narrativa marcada não apenas pela ausência de laços duradouros, mas por sua persistência em continuar avançando, onde mesmo sem conseguir visualizar, a priori, formas de fuga ao lado de Ridgeway, essa opção não é descartada, como antigamente.

A terceira viagem de Cora pela ferrovia subterrânea é feita junto a Royal, um outro fugitivo que a ajuda a escapar de Ridgeway. Eles seguem para Indiana, onde ela permanece por mais de quatro meses na Fazenda Valentine, um refúgio vital para negros livres, escravos fugitivos e defensores do movimento abolicionista negro.

A fazenda inteira era algo além de sua imaginação. Os Valentine tinham logrado um milagre. Ela estava sentada em meio à prova desse milagre; mais que isso, ela era parte do milagre. Entregara-se facilmente demais às promessas da Carolina do Sul. Agora uma parte amarga dela recusava os tesouros da fazenda Valentine, mesmo à medida que, a cada dia, uma parte abençoada florescia. Uma menina pegando sua mão. Seu temor por um homem do qual passara a gostar.
(WHITEHEAD, 2017, p. 259-260)

Propriedade de John Valentine, um homem negro de pele clara, e sua esposa Gloria, a fazenda personifica a resistência e a solidariedade dentro da sociedade estadunidense construída pela opressão racial. Após o lançamento de *The Underground Railroad*, Whitehead respondeu algumas perguntas na plataforma *Goodreads*, e ao ser questionado sobre a inspiração para esse lugar afirmou que não era “nada real, mas é bom pensar que tal lugar existiu... e talvez existisse! Mas eu queria um refúgio e um palco para debates sobre a determinação negra que aconteciam há 150 anos e ainda continuam.” Apesar desta resposta, a fazenda Valentine, para nós brasileiros, poderia se assemelhar a uma representação dos quilombos.

Nos Estados Unidos, o termo quilombo não foi utilizado da mesma forma que no contexto brasileiro. No entanto, houve locais que serviram como refúgio para escravizados fugitivos, como as comunidades livres no norte do país ou as áreas remotas e pouco habitadas.

Adicionalmente, em 1850, a Lei dos Escravos Fugitivos³³ foi promulgada, proibindo a assistência a escravizados em fuga, o que dificultava consideravelmente o estabelecimento de comunidades análogas aos quilombos brasileiros.

Ao longo de sua estadia na fazenda, Cora apenas aprimora suas habilidades acadêmicas e absorve lições valiosas sobre respeito e entendimento mútuo.

“Você ensinou esses moleques pretos a falar direitinho, isso com certeza.”

A professora se certificou de que os alunos não tinham ouvido Cora.

“Aqui as chamamos de crianças”, respondeu.

[...]

Georgina disse que as crianças entendem o que podem. O que não entenderem hoje, talvez entendam amanhã. (WHITEHEAD, 2017, p. 247)

Nessa ocasião, a personagem age de maneira depreciativa, por desinformação. Quando a professora ressalta a importância de chamar as crianças pelo termo adequado, ela rejeita os estereótipos e promove uma linguagem inclusiva. Essa interação serve como um exemplo do racismo aliado à língua e cultura internalizado na sociedade. Portanto, a conquista do domínio da leitura, a leva também a reflexão mais profunda das nuances sociais que permeiam sua existência, como a compreensão das sutilezas nas interações entre diferentes membros da comunidade, as expectativas e normas culturais específicas e como se configuram as relações interpessoais em um determinado ambiente.

Para Frederick Douglass, o ato da leitura também desempenhou um papel fundamental na trajetória de fuga para a liberdade:

“Se você ensinar aquele preto (falando de mim) a ler, nada mais poderá detê-lo. Isso o tornaria inapto a ser escravo. Ele se tornaria inadministrável e sem qualquer valor para seu senhor. E para ele mesmo não faria nenhum bem, mas uma grande dose de mal. Isso o faria descontente e infeliz.”

Essas palavras calaram fundo em meu coração, despertaram sensações interiores que estavam adormecidas e fizeram surgir uma forma de pensar inteiramente nova. Era uma revelação nova e especial, que explicava coisas obscuras e misteriosas, com as quais meu entendimento infantil havia lutado, mas lutado em vão. Agora eu compreendi o que havia sido para mim uma dificuldade que me deixava perplexo –

³³ Section 7: And be it further enacted, That any person who shall knowingly and willingly obstruct, hinder, or prevent such claimant, his agent or attorney, or any person or persons lawfully assisting him, her, or them, from arresting such a fugitive from service or labor, either with or without process as aforesaid, or shall rescue, or attempt to rescue, such fugitive from service or labor, from the custody of such claimant, his or her agent or attorney, or other person or persons lawfully assisting as aforesaid, when so arrested, pursuant to the authority herein given and declared; or shall aid, abet, or assist such person so owing service or labor as aforesaid, directly or indirectly, to escape from such claimant, his agent or attorney, or other person or persons legally authorized as aforesaid; or shall harbor or conceal such fugitive, so as to prevent the discovery and arrest of such person, after notice or knowledge of the fact that such person was a fugitive from service or labor as aforesaid, shall, for either of said offences, be subject to a fine not exceeding one thousand dollars, and imprisonment not exceeding six months . . . and shall moreover forfeit and pay, by way of civil damages to the party injured by such illegal conduct, the sum of one thousand dollars for each fugitive so lost as aforesaid, to be recovered by action of debt, in any of the District or Territorial Courts aforesaid, within whose jurisdiction the said offence may have been committed. (The Fugitive Slave Law, Hartford, Connecticut, 1850)

entender o poder do homem branco para escravizar o homem negro. Era um grande feito, e eu o tinha em alta conta. A partir daquele momento, entendi o caminho da escravidão para a liberdade. (DOUGLASS, 2021, p. 62)

A habilidade de leitura conferiu a Frederick Douglass uma ferramenta para a compreensão da sociedade que viveu e, simultaneamente, constituiu-se como um veículo para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e analíticas fundamentais na concepção de seu plano de fuga. A valorização da leitura como uma ferramenta emancipatória, destacada por Douglass, encontra paralelos na jornada de Cora. Assim como Douglass, Cora reconhece na habilidade de leitura uma fonte de conhecimento e uma via para compreender as dinâmicas do ambiente que vive. Além disso, a conexão entre a importância da leitura na vida de Douglass e o papel semelhante desempenhado na narrativa destaca a universalidade do conhecimento como um instrumento de resistência e empoderamento frente às estruturas de opressão ocidentais.

Na fazenda Valentine, Cora também vivencia uma evolução em sua dimensão emocional e social. Apesar das oportunidades existentes na Carolina do Sul para essas interações, Cora, enquanto lá residia, se mantinha concentrada exclusivamente em suas responsabilidades laborais e estudo. Contudo, na fazenda Valentine, a personagem consegue estabelecer relações mais profundas, cultivando um envolvimento afetivo com Royal e fortalecendo vínculos com os demais residentes do local. Essa dimensão constitui o último aspecto abordado nesta pesquisa sobre a construção de sua identidade.

Após desenvolver sua leitura, autoconsciência e reflexão social, Cora retorna ao ciclo de solidão quando um massacre, perpetrado por um grupo de indivíduos brancos, ocorre na fazenda Valentine, levando à morte de Royal.

Cora segurou a cabeça de Royal no colo, exatamente como fizera na tarde do piquenique. Ela correu os dedos por seus cachos, o ninou e chorou. Royal sorriu por trás do sangue que borbulhava de sua boca. Disse-lhe para não ter medo, o túnel a salvaria novamente.

“Vá até a cabana na floresta. Você pode me dizer para onde leva.”

O corpo dele ficou mole.

(WHITEHEAD, 2017, p. 294)

Antes do massacre na fazenda, o proprietário expressava a intenção de vender as terras e mudar-se para Oklahoma. Essa decisão potencialmente indicava um desejo de escapar das crescentes tensões e ameaças que pairavam sobre a comunidade, mas também sugere uma possível conexão entre o massacre da Black Wall Street, em Tulsa, Oklahoma, no ano de 1921. Quando uma multidão de moradores brancos atacou e destruiu a comunidade negra de Greenwood, um próspero bairro afro-americano, conhecido por sua prosperidade econômica e cultural. O resultado foi a destruição de casas, empresas e a morte de muitos residentes negros.

Ambos os episódios revelam a brutalidade e violência dirigida contra comunidades negras. No contexto da narrativa de Whitehead, o massacre na fazenda Valentine simboliza a persistência do racismo e da opressão, manifestando-se através de ataques violentos que perpetuam o ciclo de sofrimento e solidão para Cora.

Durante sua fuga, Cora é novamente confrontada pelo caçador de escravos. Os eventos subsequentes a esse último encontro desencadeiam uma intensa luta entre os dois, resultando na debilitação do homem. Restou a Cora seguir a pé pelos trilhos da ferrovia em busca de uma rota de fuga segura. A dedução de que a personagem alcançou os estados livres é inferida a partir do título do último capítulo do livro, intitulado *Norte*. São fornecidas também informações temporais adicionais sobre a jornada da personagem através de um anúncio de fugitiva no início do capítulo.

FUGIDA de seu proprietário legal, mas não legítimo, há quinze meses, uma moça escrava chamada CORA; de altura média e pele marrom escura; tem uma marca estrelada na têmpora, de um ferimento; de uma natureza vivaz e ardilosa. Possivelmente usa o nome de BESSIE.
Vista pela última vez em Indiana, entre os fora da lei da fazenda John Valentine.
Ela parou de fugir.
A recompensa ainda não foi reclamada.
ELA NUNCA FOI PROPRIEDADE DE NINGUÉM.
23 de dezembro. (WHITEHEAD, 2017, p. 304)

Conforme o anúncio, ao rejeitar a designação de propriedade, Cora conquista uma liberdade que vai além do aspecto físico, alcançando autonomia sobre sua narrativa e identidade. O abandono do título de fugitiva reflete essa metamorfose, culminando na afirmativa assertiva de que ela nunca foi propriedade de ninguém. A fuga de Cora representa um processo de construção de identidade, onde seu percurso não é apenas físico, mas simbólico, evidenciando assim, uma transformação interna.

4.2 Cadeias opressivas que atravessam a identidade negra feminina em *Kindred*

Publicado nos Estados Unidos em 1979, *Kindred* é a obra mais famosa de Octavia Butler. Narrado em primeira pessoa, o romance apresenta Edana, uma escritora negra de 26 anos, que vive nos Estados Unidos em 1976 e prefere ser chamada pelo apelido de Dana, o qual será referenciada nesta pesquisa. A protagonista de *Kindred* é transportada através do tempo de maneira involuntária para a fazenda de escravos da família Weylin, situada em Maryland, nos Estados Unidos, durante o século XIX, em um período anterior à Guerra Civil, quando a escravidão ainda estava em vigor.

Kindred desafia a noção de que a literatura afrofuturista se limita a histórias futuristas ou distópicas. Apesar de se passar no passado, a obra continua a ser uma das primeiras referências de literatura afrofuturista. Ao escolher abordar o passado e a era escravocrata, Butler levanta questionamentos sobre as consequências duradouras desse período na sociedade estadunidense. Através das escolhas narrativas e de exposições do romance podemos identificar as maneiras pelas quais a mídia romantiza e suaviza narrativas sobre a escravidão, e a autora vai além ao utilizar a viagem no tempo como uma ferramenta narrativa para nos fazer refletir: quem realmente quer voltar ao passado?

Embora existam inúmeras histórias sobre viagens no tempo, é importante observar que a maioria dessas narrativas é contada a partir da perspectiva de personagens brancos. Quando períodos históricos envolvendo a escravidão são retratados, constantemente são apresentados como eventos naturais, sem aprofundamento crítico ou uma exploração que busque discutir ou desafiar o curso da história. Essa falta de perspectiva crítica contribui para a internalização de posições sociais e desigualdades raciais ao longo da história. Enquanto consumidores de literatura especulativa, é essencial identificar essa problemática e buscar narrativas que desafiem e redefinam as estruturas de poder estabelecidas e *Kindred* serve como um exemplo importante, abordando de forma contundente a história e as consequências da escravidão, enquanto simultaneamente nos força a questionar o papel do passado em moldar o presente e o futuro.

Ao levantar essas questões, Butler confronta as narrativas estabelecidas, apresentando injustiças históricas e considerando possibilidades de mudança e transformação social. Essa é sua abordagem afrofuturista neste livro, onde desafia as limitações do tempo e do espaço, proporcionando uma visão realista sobre a história e a experiência negra, principalmente as experiências de mulheres negras.

A partir deste ponto, iremos adentrar na análise da personagem Dana, que não apenas se torna uma testemunha dos horrores da escravidão, mas também uma figura que confronta e desafia as estruturas opressivas do passado. Propomos examinar suas experiências e as transformações da personagem ao longo do enredo, explorando como sua jornada no tempo revela camadas que atravessam a identidade negra feminina.

Dana passa por experiências angustiantes ao ser transportada sete vezes para o passado, onde se depara com seus próprios ancestrais vivendo em condições desumanas como escravizados. Posteriormente, ela descobre que essa viagem no tempo está intrinsecamente ligada a Rufus, uma criança herdeira da fazenda Weylin, o qual irá acompanhar seu crescimento até o fim do romance. De acordo com os acontecimentos da história, percebemos que as viagens acontecem da seguinte forma: sempre que a vida de Rufus está em perigo, Dana é convocada para o passado, e quando sua própria vida corre perigo, ela retorna à década de 1970, sua época presente.

Em sua primeira ida ao passado, Dana salva uma criança de um afogamento e recebe no lugar de um agradecimento, a mira de uma arma em sua cabeça.

Eu me virei, assustada, e encontrei o cano da espingarda mais comprida que já tinha visto. Ouvi um clique metálico e fiquei paralisada, achando que levaria um tiro por ter salvado a vida do menino. Eu ia morrer. [...] Então, o homem, a mulher, o menino, a arma, tudo desapareceu. (BUTLER, 2017, p.24)

O episódio cria uma atmosfera de mistério, pois Dana retorna ao presente encharcada e com muito medo. Seu marido então se pergunta como ela desapareceu e reapareceu em outro cômodo sem explicação. Nesta primeira cena, Butler não revela muito daquele ambiente e época, logo Dana não sabe que retornou para o período escravista e que naquela época pessoas negras não podiam ter certas interações com pessoas brancas, inclusive crianças. Apesar de não apresentar o ambiente, Butler apresenta o nome de um personagem que Dana vai acompanhar durante toda a narrativa, o menino Rufus.

Ao longo da narrativa, a autora emprega habilmente o personagem de Rufus para ilustrar e explorar diferentes cadeias de opressão à medida que o personagem cresce. Inicialmente retratado como uma criança de cerca de cinco anos, Rufus já manifesta atitudes de preconceito racial, mesmo sem compreender plenamente as razões por trás desse comportamento. Conforme a história avança essa progressão revela as múltiplas camadas de opressão que se interconectam, incluindo a exploração de trabalho e as violências impostas às mulheres negras e aos homens negros também.

Ao utilizar Rufus como um veículo para explorar essas cadeias de opressão, Butler nos lembra que as estruturas de opressão não são fixas ou imutáveis, mas sim moldadas e perpetuadas por aqueles que ocupam diferentes posições sociais e de poder. A primeira é a relação de poder estabelecida por meio da comunicação.

- Você tem que me chamar de senhor. - Ele estava muito sério. - Você quer que eu lhe chame de negra.
[...]
- Você tem que dizer- insistiu ele. - ou "senhorzinho" ou "senhor", como a Alice faz. Tem que fazer isso. (BUTLER, 2018, p. 49)

Essa dinâmica evidencia a forma como o poder pode ser exercido por meio da manipulação e limitação da comunicação, tornando-se um elemento central na construção das hierarquias de opressão que permeiam o romance. Segundo Morrison, "ninguém nasce racista e não há predisposição fetal ao sexismo; aprendemos uns sobre os outros não por meio de instruções ou sermões, mas através do exemplo" (MORRISON, 2017, p. 14). Pode-se afirmar que Rufus ao tentar exercer seu poder sobre Dana, está seguindo os exemplos transmitidos pela sociedade de sua época.

É através do relacionamento complexo e interdependente entre Dana e Rufus que exploraremos a maneira como o sistema influencia e molda sua identidade no período em que a personagem está no passado. Para tanto, inicialmente, recorreremos aos estudos de Stuart Hall acerca da identidade do sujeito. Hall (2006) conceituou três tipos de identidades do sujeito, a primeira seria o "Sujeito do Iluminismo" que representa uma concepção tradicional de identidade, forjada a partir da visão moderna de si como uma entidade unitária, coerente e autônoma. Esse sujeito é caracterizado por uma interioridade estável.

Já o "Sujeito Sociológico" manifesta-se como uma resposta a essa visão essencialista e individualista da identidade. Aqui, a identidade é considerada em relação às estruturas sociais e culturais nas quais o indivíduo está inserido. Hall destaca nessa concepção que as categorias sociais, como gênero, raça e classe, moldam a identidade e influenciam a forma como os indivíduos se veem e são percebidos pelos outros.

Esse conceito destaca a influência das estruturas de poder na formação da identidade, evidenciando como as identidades são construídas em relação a sistemas de opressão e privilégio. No entanto, o "Sujeito Sociológico" também é limitado ao tratar a identidade como determinada unicamente por fatores sociais. É aqui que o "Sujeito Pós-Moderno" aparece.

As identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão

entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2006, p. 13)

Nessa visão, a identidade é concebida como fluida, fragmentada e em constante fluxo. Essa identidade é marcada pela multiplicidade de identidades que uma pessoa pode assumir em diferentes contextos. Para Hall a identidade não é fixa, mas construída através de práticas discursivas e representações. Ele argumenta que as identidades são constantemente negociadas e reformuladas em relação ao contexto social e cultural.

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p. 13)

Dana experimenta um choque cultural e temporal, enfrentando desafios em relação à sua identidade, ao se confrontar com a brutalidade da escravidão e as normas sociais da época ao voltar ao passado. O conceito de "Sujeito Pós-Moderno" está alinhado à jornada de Dana, por ela se vê obrigada a navegar por múltiplas identidades devido à sua posição no tempo e nas circunstâncias. Ela transita entre ser uma mulher do século XX, com perspectivas e valores mais contemporâneos, e se adaptar e sobreviver em um ambiente hostil e altamente opressivo.

Mas ao mesmo tempo, Dana é influenciada pelas estruturas sociais da época, o que poderia ser associada ao "Sujeito Sociológico". No entanto, a natureza única de sua situação temporal e cultural a coloca em um lugar onde a fluidez da identidade se destaca mais. O enredo de *Kindred*, que se desenrola em torno da viagem no tempo, expõe a personagem a um impactante choque de realidade. Essa jornada temporal a leva a questionar sua identidade e seu papel na sociedade. A perda gradual de sua identidade se manifesta nas frequentes visitas ao passado, que se tornam cada vez mais prolongadas.

Desde o primeiro encontro, Dana é forçada a assumir um papel de protetora e guia de Rufus, o que cria uma dinâmica de poder desequilibrada entre eles. Essa relação se intensifica à medida que Dana é convocada repetidamente para o passado e se torna uma testemunha ativa das injustiças e violências cometidas contra os escravizados. Através desse vínculo, queremos examinar como as experiências de Dana ao lado de Rufus impactam sua própria percepção de si mesma, sua identidade racial e sua noção de liberdade.

Conforme a narrativa avança e a personagem interage com outros personagens homens e brancos, vai sendo revelado não apenas diferentes formas de opressão, mas também

outras configurações de relações raciais e de gênero. A segunda relação de poder apresentada no livro é estabelecida por meio da violência sexual, através da tentativa do abuso sexual quando Dana é vista e atacada por um capataz.

Ele estendeu o braço e rasgou minha blusa. Os botões voaram em todas as direções, mas eu não me mexi. Entendi o que o homem faria. [...] Eu me arrastei para sair de baixo do corpo pesado dele e tentei me levantar. No meio do movimento, senti que estava perdendo a consciência[...] caía, lentamente, ao que parecia, numa escuridão sem estrelas. (BUTLER, 2017, p. 68)

Nesta cena especificamente, quando Dana cai na escuridão ela retorna ao presente se salvando, mas e as mulheres que não podiam fugir através do tempo? A personagem experimenta, assim, a realidade vivenciada pelas mulheres escravizadas, compreendendo a dinâmica de poder estabelecida pelos homens brancos que vai além da exploração laboral. Em *Não sou eu uma mulher?* (2014), Bell Hooks argumenta que o sexismo foi um sistema social que protegeu a sexualidade dos homens negros³⁴, legitimando, por sua vez, a exploração sexual das mulheres negras.

O tema do abuso sexual se manifesta de maneira mais marcante na relação entre Rufus e Alice, sua melhor amiga, uma negra livre. Essa relação, cujos frutos são transmitidos através das gerações até culminar na família de Dana no futuro, destaca o papel do abuso como instrumento de dominação. Ainda conforme Hooks (2014, p. 14): “o sexismo era uma parte integral da ordem social e política que os colonizadores brancos trouxeram das suas terras da Europa e teve um impacto grave no destino das mulheres negras escravizadas”. A exploração sexual de Alice por Rufus sublinha a desigualdade inerente a essa época e repercute na persistente influência do abuso sexual como uma forma insidiosa de controle, que se estende ao longo do tempo e do espaço.

Apesar de Dana não chegar a ser violentada sexualmente, as tentativas que sofre a fazem começar a ter um cuidado maior quando sai sozinha pela fazenda. Mas Butler tem mais uma relação de poder para apresentar e que assim como as outras vão influenciar todas as atitudes da personagem e conseqüentemente moldar sua identidade e a forma como ela se reconhece: a violência física. Após assistir a um escravizado ser chicoteado, Dana começa a pensar sobre como deve se comportar na fazenda.

³⁴ Concordamos com Hooks sobre a vulnerabilidade sexual em que as mulheres escravizadas viviam, mas discordamos quanto a afirmação de que o sexismo protegeu os homens negros naquele período. Sobre isso recomendamos a leitura do artigo: *The Sexual Abuse of Black Men under American Slavery*, de Thomas A. Foster, onde o autor reúne uma ampla gama de fontes sobre a escravidão para argumentar que homens negros escravizados foram agredidos sexualmente por homens brancos e mulheres brancas.

Eu tomei cuidado. Conforme os dias se passavam, eu criei o hábito de tomar cuidado. Fiz o papel da escrava, prestava atenção a meus modos provavelmente mais do que precisava, pois não tinha certeza do que podia fazer sem ser punida. [...] As chicotadas cumpriram seu propósito, na minha opinião. Elas me assustaram, me fizeram tentar imaginar quanto tempo levaria até eu cometer um erro que fosse motivo para alguém me açoitar. (BUTLER, 2017. p. 148-149)

Através dessas palavras, a personagem revela um instinto de autopreservação que a força a adotar um comportamento cauteloso e subserviente. Ao criar um hábito de vigilância constante, ela passa a desempenhar um papel de uma escrava submissa, ciente de que suas ações estão sob constante observação. A incerteza em relação aos limites de sua liberdade a obriga a adotar uma postura defensiva, moldando seu comportamento de acordo com as expectativas impostas pelo sistema de opressão. Essa conformidade aparente é uma resposta ao medo das consequências físicas, representadas pelas chicotadas que ameaçam sua integridade. Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação* (2019), reflete sobre o caráter com o qual o indivíduo é violentamente separado de qualquer identidade legítima que possa ostentar.

No racismo o indivíduo é cirurgicamente retirado e violentamente separado de qualquer identidade que ela/ele possa realmente ter. Tal separação é definida como um trauma clássico, uma vez que priva o indivíduo de sua própria tonexão com a sociedade inconscientemente pensada como branca. (KILOMBA, 2019, p. 39)

Nesse contexto, Kilomba traz à tona uma oportunidade de análise das dinâmicas de poder, trauma e construção identitária em contextos coloniais e pós-coloniais. Através da perspectiva da personagem, observamos como a violência e a ameaça de punição funcionam como mecanismos impositivos moldando suas ações e moldando sua experiência naquele contexto. Além disso, aqui as chicotadas não apenas causam dor física, mas também introduzem um medo paralisante, minando a confiança da personagem em suas próprias habilidades e julgamentos. A incerteza sobre a possibilidade de incorrer em erros que resultam em castigos brutalmente físicos a mantém em um estado constante de ansiedade e alerta. Segundo Joyce Berth em seu livro *O que é Empoderamento?*:

Para grupos oprimidos, o desgaste na relação desenvolvida consigo mesmo é tremendamente afetado pela pressão social negativa, tanto pela ausência de sua autoimagem como reforço positivo, como pela insatisfação alimentada pela crença que assimilam das estratégias de grupos dominantes, de inferioridade e subalternidades “naturais”. (BERTH, 2018, p. 121)

Indivíduos negros que foram submetidos ao processo desumano da escravidão experimentaram uma deterioração de suas características positivas, uma vez que a única referência para semelhança era associada à subalternidade. Essa ameaça das chicotadas restringe sua agência e a força a conformar-se com as expectativas estabelecidas, o que a faz

pensar que “Não sabia que as pessoas podiam ser condicionadas com tanta facilidade a aceitarem a escravidão.” (Butler, 2027, p. 164) evidenciando como a violência e o terror eram armas eficazes de controle nas mãos dos opressores. Assim, o impacto psicológico das chicotadas transcende o sofrimento físico, influenciando profundamente sua psique e seu comportamento, num exemplo vívido da interação complexa entre poder, medo e resistência.

Mesmo mudando seu modo de se comportar na fazenda, Dana é punida com chicotadas. Esse episódio acontece quando ela retorna ao passado junto de seu marido, Kevin, um homem branco. Os capítulos aos quais narram a passagem de Kevin junto a Dana evidenciam ainda mais as relações de poder citadas anteriormente. Apesar de passarem grande parte do tempo juntos, Dana é punida quando Kevin não está por perto, por isso ele não consegue ajudá-la.

E então, fui levada para fora da cozinha. Weylin me arrastou por alguns metros e me empurrou com força. Caí, fiquei sem ar. Não sei de onde o chicote saiu, não vi que seria açoitada. Mas fui. Senti como se houvesse um ferro quente em minhas costas, ardendo em mim através da camisa fina, rasgando minha pele[...] Weylin bateu mais vezes até que eu não conseguisse me levantar nem mesmo sob a mira de uma arma. [...] Pensei que morreria no chão ali com a boca cheia de terra e sangue, com um homem branco xingando e me repreendendo enquanto me batia.[...] De repente, percebi o que estava acontecendo e gritei. Acho que gritei. Ele precisava me alcançar. Precisava! [...] E desmaiei. (BUTLER, 2017. p. 172-173)

A linguagem usada para descrever o ataque físico como o arrastar, o empurrar violento, a queda desesperada, cria uma cena visual que destaca a total falta de consideração pela dignidade humana. A ausência de aviso sobre o açoite, o choque da dor e o sentimento de um "ferro quente" em suas costas criam a imagem da tortura física. Além disso, o uso da metáfora do ferro quente intensifica a sensação de que seu corpo está sendo marcado e destruído e a continuação do açoitamento, mesmo quando ela está incapacitada e indefesa, ressalta a natureza impiedosa do agressor e a extrema vulnerabilidade da personagem. Refletindo sobre essa condição histórica e contemporânea da população negra, destaca-se a prática persistente da desumanização, uma estratégia que transcende as barreiras temporais e permeia as experiências de escravizados tanto no passado quanto no presente. Segundo Berth:

A população negra foi confinada entre outras práticas, na desumanização de escravizados de ontem e de hoje - ainda que a escravidão de hoje seja oculta e consequente de séculos de escravização fática, já que a abolição completa da escravização de pessoas negras nem foi processada de maneira correta pela sociedade e avançou pouco mais do que algumas mudanças de legislação. (BERTH, 2018, p.48)

Quando Dana solta um grito, este não é apenas como um grito de desespero, mas como um apelo em direção ao futuro que a aguarda no presente tido como seguro pela

personagem. Essa ação, que se origina de um impulso de sobrevivência e esperança, evidencia a firmeza psicológica da personagem em meio ao contexto de violência e trauma. Essa cena também é um lembrete das terríveis realidades que indivíduos escravizados enfrentavam, ao mesmo tempo em que revela o profundo impacto da violência sistemática em suas vidas, marcando-as de maneira duradoura.

A volta de Dana ao presente não é acompanhada por seu marido, Kevin. Apesar de ter passado apenas duas semanas no tempo atual, ao retornar ao passado, ela descobre que, para ele, se passaram cinco anos. Durante esse retorno, Dana empreende esforços para se comunicar com Kevin, mas suas tentativas são sabotadas por Rufus, que propositalmente deixa de enviar suas cartas. Esse engano leva Dana a desenvolver pensamentos de fuga, alimentados pela crença de que essa é a única oportunidade de reencontrar Kevin.

Eu já tinha ouvido falar de escravos fugidios que tinham morrido de fome antes de alcançar a liberdade, ou que tinham se envenenado porque eram tão ignorantes quanto eu e não sabiam quais plantas podiam comer na mata. Na verdade, eu havia lido e ouvido falar de muitas histórias assustadoras a respeito do destino dos fugitivos, o que me fez permanecer com os Weylin por mais muitos dias além do que eu pretendia. (BUTLER, 2017, p. 271)

A dualidade entre o conhecimento que Dana traz do futuro e os desafios concretos que ela enfrenta no passado, marcados pelas realidades da escravidão que ela acaba vivenciando, constitui um elemento central da sua dúvida. Por um lado, Dana é dotada de uma perspectiva única e privilegiada, ciente das atrocidades históricas que permeiam a instituição da escravidão. No entanto, esse conhecimento é limitado pelas brutalidades tangíveis que ela pode vir a enfrentar se for capturada, o que acaba acontecendo.

Os olhos de Rufus foram melhores. Ele ignorou o pai e foi direto a mim. Não poderia ter me visto, não poderia ter visto nada além de um possível esconderijo. Ele direcionou o cavalo para dentro dos arbustos que me escondiam, fez isso para passar em cima de mim ou para me forçar a sair. E me forçou a sair. [...] Ela está aqui! - gritou Rufus. - Consegui achar! (BUTLER, 2017, p. 277)

Durante a volta para a fazenda, Rufus a informa das consequências pela sua fuga:

- Você vai ser chicoteada - disse ele. - Você sabe disso.
De certo modo, eu não sabia. A gentileza dele havia me enganado. Agora, pensar em ser ferida me assustava ainda mais. O chicote, de novo.
- Não!
Sem pensar e sem querer, eu joguei uma das pernas para fora e escorreguei do cavalo. Meu corpo doía, minha boca doía, meu rosto ainda sangrava, mas nada disso era tão ruim quanto o chicote. Corri em direção às árvores distantes. Rufus me pegou com facilidade e me segurou, xingando, machucando-me.
- Aguarde as chibatadas! - sibilou. - Quanto mais teimar, mais ele vai te machucar! (BUTLER, 2017, p. 280)

Essa passagem evidencia a dominação que se manifesta por meio da violência física. A ameaça iminente de chibatadas como punição pela fuga ilustra a natureza opressiva do sistema escravocrata, onde a violência é uma ferramenta essencial para manter os escravizados subjugados. Em sua primeira agressão com chicotadas, Dana em poucos minutos volta para sua época natural, porém, desta vez ela não consegue retornar e é agredida igualmente a uma escravizada:

Ele me bateu até eu tentar me fazer acreditar de que ele me mataria. Eu disse isso em voz alta, gritei, e os golpes pareciam enfatizar minhas palavras. Ele me mataria. Com certeza, ele me mataria se eu não escapasse, se não me salvasse, se não fosse para casa! Não deu certo. Aquilo era só castigo, e eu sabia. Nigel havia enfrentado. Alice enfrentara coisa pior. Os dois estavam vivos e saudáveis. Eu não ia morrer, mesmo que, conforme a surra continuava, eu tivesse desejado morrer. Qualquer coisa para parar a dor! Mas não houve nada. Weylin teve muito tempo para acabar de me chicotear. (BUTLER, 2017, p. 281)

Percebe-se que Dana parece aceitar o castigo físico e até mesmo internaliza essa brutalidade como algo comum, como uma parte da sua realidade como escravizada. Ao mencionar os demais personagens, Dana busca encontrar consolo na ideia de que outros escravizados passaram por experiências semelhantes e sobreviveram. Essa comparação sugere uma espécie de normalização da violência física dentro do contexto da escravidão, onde a brutalidade era uma prática cotidiana. Além disso, nos mostra a constante mudança de personalidade da personagem. A capacidade de Dana de ser transportada entre eras distintas leva não apenas a uma fragmentação temporal, mas também a uma fragmentação identitária. Com isso, Dana passa também por uma instabilidade identitária, moldada por fatores intrínsecos e por forças externas que a personagem não tem o poder de controlar.

Após esses eventos, o Sr. Weylin, se comunica com Kevin, que retorna à fazenda e reencontra Dana. Os dois conseguem voltar para o presente após uma ameaça de morte proferida por Rufus, porém, o presente para Dana não parece ser sua época natural.

Já fazia mais de dois meses que eu tinha ido ajudar Rufus. Eu estivera em casa em 1976, nessa casa, e não parecera muito um lar. E não parecia agora. Em parte, porque Kevin e eu tínhamos vivido juntos aqui por menos de dois dias. O fato de eu ter passado oito dias a mais aqui, sozinha, não ajudava muito. A data, o ano, estava certo, mas a casa simplesmente não era suficientemente familiar. Era como se eu estivesse perdendo meu lugar aqui, em minha própria época. A época de Rufus era uma realidade mais pungente, mais forte. O trabalho era mais pesado, os cheiros e os gostos eram mais fortes, o perigo era maior, a dor era pior... a época de Rufus exigia coisas de mim que nunca tinham sido exigidas antes, e com facilidade poderia ter me matado se eu não satisfizesse suas exigências. Era uma realidade intensa e poderosa que as leves conveniências e os luxos dessa casa, do agora, não alcançavam.

O caráter involuntário dessas mudanças revela as camadas de sua experiência e a maneira como sua própria identidade é submetida a uma constante redefinição. A internalização

das dinâmicas e violências vividas no passado como parte da vida cotidiana representam as profundas marcas psicológicas deixadas pela escravidão. Ou seja, a desconexão emocional e a sensação de estranhamento em relação ao seu presente, evidenciadas pelo sentimento de que sua casa não se assemelha mais a um lar, indicam uma metamorfose substancial em sua percepção de si mesma. A comparação com as "leves conveniências e luxos" da sua época atual enfatiza a desconexão entre a Dana do presente e a mulher que foi moldada pelo rigor e pelas demandas da escravidão. Esse distanciamento sugere uma destruição identitária, na qual Dana parece ter desconstituído sua identidade enquanto mulher negra contemporânea para se transformar, de certa forma, numa versão escravizada de si.

Além dos aspectos anteriormente mencionados, é imprescindível abordar a opressão manifestada pela proibição do acesso ao conhecimento. Enquanto, na seção anterior, destacamos como esse elemento empodera Cora, para Dana, o acesso ao conhecimento assume uma natureza perigosa, obrigando-a a negar essa habilidade. Essa divergência ilustra as diferenças das experiências das personagens em relação à educação e à leitura.

Enquanto Cora a encontra como uma forma de fortalecimento, para Dana, entretanto, a leitura assume um aspecto perigoso, já que o "saber ler" representava uma afronta direta à estrutura escravista, especialmente no contexto das fazendas.

Tom Weylin não queria que eu lesse para mim, mas tinha me dado a ordem de ler para seu filho. Uma vez, tinha dito a Rufus na minha presença: - Você deveria se envergonhar! Uma preta consegue ler melhor do que você!
- Ela consegue ler melhor do que você também - respondera Rufus. (BUTLER, 2017, p. 165)

Nesse trecho fica evidente o quanto a habilidade de Dana é perigosa para si e vista como perigosa pelos brancos. Tom Weylin, o senhor da plantação, revela seu preconceito ao expressar surpresa e desaprovação por uma mulher negra, possuir habilidades superiores de leitura em comparação com seu filho branco, Rufus. A censura de Weylin à leitura para Dana, refletida em sua recusa em permitir que ela leia para si mesma, destaca o medo do conhecimento nas mãos dos escravizados. No entanto, a retaliação de Rufus, ao apontar que Dana também lê melhor do que seu próprio pai, subverte momentaneamente a hierarquia de poder.

A estrutura social da época ditaria que uma pessoa branca, especialmente um proprietário de escravos, fosse considerada intelectualmente superior a uma pessoa negra, como Dana. No entanto, a resposta de Rufus desafia essa norma ao reconhecer as habilidades superiores de Dana em relação à leitura. Essa inversão momentânea sugere uma brecha nas expectativas sociais e simboliza as relações de poder na narrativa, onde as hierarquias podem ser temporariamente desafiadas devido a condição única da personagem.

Ao longo do romance, Dana é repreendida tanto por pessoas brancas quanto por escravizados por sua habilidade de ler.

Preta médica - disse ela, com desdém. - Pensa que sabe muito. Preta que lê. Preta branca! Por que não achô que era melhô me deixá morrê?
Eu não disse nada. Ela estava ficando cada vez mais irritada, gritando comigo. Eu me virei de costas para ela com tristeza. (BUTLER, 2017, p. 257)

Essa dinâmica evidencia como os escravizados internalizavam as violências sistêmicas, chegando ao ponto de rejeitar habilidades como a leitura, que eram consideradas características associadas aos brancos. A resistência à educação por parte dos próprios escravizados ilustra a profunda influência da ideologia escravista na formação de suas identidades, levando-os a negar práticas que eram percebidas como elementos distintivos da cultura branca, mesmo que essas habilidades pudessem servir como ferramentas de resistência e emancipação.

Inicialmente concebida como um artifício para garantir sua sobrevivência até o nascimento dos ancestrais que fundamentam sua linhagem familiar, a transformação de Dana assume um emaranhado de camadas diante das intensas opressões vivenciadas. A experiência de acessar o passado por meio da leitura, em comparação com a vivência direta da violência histórica, revela uma mudança profunda na trajetória de Dana. O desdobramento dessa transformação, que inicialmente seria um disfarce temporário, se perde em meio a brutalidade do contexto escravista. Por fim, a narrativa de Dana sugere uma alteração que transcende a mera estratégia de sobrevivência, culminando em uma reconfiguração mais profunda de sua identidade perante a realidade histórica enfrentada.

4.3 Identidade negra e representatividade próspera

A herança de normas morais e sociais forjadas durante o período da escravidão ecoa na atualidade, perpetuando narrativas distorcidas acerca da identidade e da experiência negra. Esses valores, que datam de séculos atrás, continuam a impactar a representação e o tratamento de homens e mulheres negros, assim como a comunidade negra em sua totalidade, distorcendo de maneira significativa suas percepções de si mesmos. Nesse contexto, é fundamental compreender o papel desses valores históricos e sua persistência nas representações contemporâneas, a fim de promover uma abordagem mais precisa e equitativa das experiências e identidades afrodescendentes em nossa sociedade.

Diante dessa realidade, nasce uma indagação significativa: será que a sub-representação dos negros nas esferas da literatura e nas diversas formas de expressão artística e consumo exerce uma influência substancial na capacidade de identificação e afirmação da identidade negra, sobretudo no contexto das mulheres negras? Essa questão levanta preocupações sobre o impacto da representatividade, sua ausência ou maneira a qual está sendo utilizada e como os indivíduos negros concebem e reivindicam suas identidades em uma sociedade profundamente influenciada por representações culturais e artísticas.

Nesse contexto, explorar essa interconexão entre representação e identidade torna-se um caminho interessante para se compreender as camadas do processo identitário afrodescendente.

A partir disso, iniciaremos por um ponto que é relacionado mais diretamente às mulheres negras, a introdução precoce aos estereótipos eurocêtricos de beleza, que muitas vezes ocorre durante a infância, quando as crianças têm o primeiro contato com bonecas que incorporam predominantemente os traços associados a esse padrão. É notável que a indústria de brinquedos nem sempre se empenhou em desenvolver produtos que promovam a identificação e o conforto das crianças, tanto em relação às suas atividades lúdicas quanto em relação à construção de sua autoimagem. Até porque, durante anos, pessoas negras não eram vistas como dignas do mesmo tratamento que pessoas brancas.

Essa observação ressalta a importância de considerar o impacto das representações iniciais de beleza na formação das percepções de identidade. As personagens Dana e Cora, dos romances *Kindred*, de Octavia Butler e *The Underground Railroad*, de Colson Whitehead, exemplificam os desafios enfrentados pelas mulheres negras na construção de suas identidades em uma época em que sociedade que promovia um estereótipo eurocêntrico de vida e beleza.

Primeiramente, Dana, ao viajar no tempo e encontrar-se em diferentes períodos históricos, é confrontada com uma realidade onde a sua identidade negra é constantemente desafiada e rejeitada pelos valores eurocêntricos predominantes de cada época. Deste modo, sua jornada revela como as mulheres escravizadas eram forçadas também a negar seus padrões estéticos de origem africana, o que afetava sua autoestima e autoimagem. Cora, por outro lado, ao tentar escapar da escravidão através da ferrovia subterrânea e que simboliza a busca pela liberdade e pela própria identidade, também enfrenta a influência do estereótipo eurocêntrico de beleza. À medida que ela viaja por diferentes estados dos Estados Unidos, a personagem experimenta diferentes níveis de aceitação e discriminação, apresentando os desafios enfrentados pelas mulheres negras na busca por uma identidade em meio a uma sociedade que as marginaliza.

A questão levantada acima faz parte de um discurso de poder maior proferido pela hegemonia branca. Michel Foucault é essencial para estabelecer uma base teórica que nos ajuda a entender a complexa interação entre discurso e poder.

O tipo de análise que pratico [...] examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicado, e para qual o poder funciona. Portanto, o poder não é nem fonte nem origem do discurso. O poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder (FOUCAULT, 2006, p. 253)

Nesse contexto, Foucault argumenta que o poder não é uma entidade separada que controla o discurso, mas sim uma força que opera dentro do próprio discurso e que é inerentemente ligada a ele. A análise proposta por Foucault visa investigar como o discurso desempenha um papel crucial dentro de um sistema estratégico de relações de poder, onde o poder é exercido, mantido e negociado, essa perspectiva nos permite explorar como o poder se manifesta através do discurso, revelando as dinâmicas sutis e muitas vezes invisíveis que moldam a forma como as sociedades funcionam e como as identidades são construídas e contestadas.

Sueli Carneiro, que estabelece uma relação com os estudos de Foucault examina como a identidade racial está entrelaçada com sistemas de poder e controle ao conceituar o que seria um dispositivo de racialidade.

Pode-se dizer que o dispositivo de racialidade instaura, no limite, uma divisão ontológica, uma vez que a afirmação do ser das pessoas brancas se dá pela negação do ser das pessoas negras. Ou, dito de outro modo, a superioridade do Eu hegemônico, branco, é conquistada pela contraposição com o Outro, negro. (CARNEIRO, 2023. p. 13)

Carneiro argumenta que a ideia de superioridade associada ao Eu hegemônico, representado pelo branco, é sustentada pela contraposição com o Outro, o negro. Essa divisão não apenas perpetua hierarquias raciais, mas também evidencia como a identidade branca foi historicamente construída em oposição à negritude, nos levando a refletir sobre como as relações de poder e a identidade são moldadas e mantidas por meio desse dispositivo.

A partir disso, podemos refletir também sobre a ideologia do branqueamento na formação da identidade racial. Essa ideologia, historicamente disseminada em diferentes contextos sociais, sugere que as pessoas racializadas, muitas vezes negras, internalizem imagens negativas de si mesmas enquanto valorizam positivamente os traços culturais e sociais do grupo racial dominante, frequentemente branco, como afirmam as pesquisadoras Anete Abramowicz e Fabiana Oliveira (2006):

A ideologia do branqueamento se efetiva no momento em que internalizando uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do outro, o indivíduo estigmatizado tende a se rejeitar, a não se estimar, e procurar a aproximar-se em tudo do indivíduo estereotipado positivamente e dos seus valores, tido como bons e perfeitos. (ABRAMOWICZ, OLIVEIRA, 2006, p. 51)

Esse processo de autorejeição e busca por assimilação é uma resposta às pressões sociais que perpetuam a ideia de que os padrões brancos são superiores e ideais. Para compreender completamente essa dinâmica, é importante considerar não apenas as implicações psicológicas individuais, mas também as raízes históricas e culturais dessa ideologia, bem como seu impacto nas representações raciais na literatura e na mídia. Essa análise nos permite examinar como as narrativas literárias e midiáticas podem contribuir para a internalização desses estereótipos e, ao mesmo tempo, questionar e desafiar essas normas prejudiciais de representação racial, como os romances do nosso objeto de estudo.

Dito isto, durante o nosso processo de pesquisa, ambos os romances foram adaptados para séries de televisão, o que pode ter proporcionado maior visibilidade às obras e a narrativas do gênero, uma vez que, além dessas, também tivemos uma nova adaptação de *A Cor Púrpura* (1982). Esta é uma oportunidade de discutir como as adaptações de obras de autoria negra e que revisitam o passado são importantes para os processos de identidade e compará-las a produções não negras que carregam o tema da representatividade.

Trazendo nossa discussão para as mídias contemporâneas como esta, bell hooks (2019) no capítulo *O Olhar opositor: mulheres negras espectadoras*, em seu livro *Olhares Negros: raça e representação*, aborda de maneira crítica a relação da população negra, especialmente as mulheres negras, com a mídia cinematográfica e televisiva nos Estados Unidos. O texto examina como esses grupos enfrentaram o desafio de assistir a filmes e

programas de televisão que, em sua maioria, perpetuavam a supremacia branca, marginalizando ou apagando a representação negra. Para a autora, o acesso à mídia de massa revelou-se um sistema de conhecimento e poder que, em sua essência, contribuía para a manutenção das estruturas raciais existentes. O cerne do problema residia na negação sistemática da representação negra, que tornava necessária uma forma de engajamento crítico por parte dos espectadores negros.

O trabalho de hooks revelou uma denúncia enfática ao racismo inerente às representações midiáticas, destacando a ausência de mulheres negras nesse cenário. A questão do reconhecimento racial surge como um ponto central, uma vez que a imagem negra estava sendo moldada de tal forma que contribuía para seu apagamento na sociedade. No entanto, o artigo também aponta para um aspecto de resistência: a falta de representação na mídia serviu como uma motivação para que a comunidade negra começasse a criar sua própria mídia e a promover seu próprio discurso, desafiando assim as narrativas hegemônicas.

Isso se deu também por questões históricas estadunidenses como a segregação, que forçou a comunidade negra a construir suas próprias indústrias, pois não podiam usufruir dos mesmos serviços que as pessoas brancas³⁵. Ainda sobre essa questão, Borges (2012, p. 198) em *Mídia, racismos e representações do outro* ressalta a estrutura das narrativas midiáticas e seu impacto nas representações raciais, enfatizando como essa estrutura frequentemente recorre a fórmulas de sucesso que perpetuam imagens desumanizantes do negro. Dessa maneira, a hegemonia branca se manifesta através da indústria cultural, exercendo uma influência manipuladora sobre os indivíduos. Na busca por aceitação e validação social, muitos indivíduos são levados a adotar os ideais brancos veiculados pela mídia e demais produtos da arte.

Porém, ainda que a indústria cultural contemporânea, em alguns momentos, adote um discurso de inclusão e diversidade, Borges sugere que essa aparente mudança de direção é passageira, uma vez que a estrutura narrativa midiática, moldada pela hegemonia branca, tende a voltar ao seu padrão dominante. Esse ciclo de representações estereotipadas e retornos à fórmula de sucesso dificulta a desconstrução das imagens desumanizantes do negro na mídia e contribui para a contínua reprodução de estereótipos prejudiciais.

Diante disso, apontamos nosso olhar para uma questão contemporânea: a representatividade. O aparecimento de pessoas negras em campanhas publicitárias e em produtos da arte como livros, filmes e videogames atrai não apenas esse público como também o faz consumir esses serviços e produtos. Mas até que ponto a representatividade vendida na

³⁵ É importante ressaltar o contexto histórico para desmistificar que nos Estados Unidos a indústria cultural sempre foi bem estabelecida independente da raça e por isso se tornou uma das maiores do mundo.

indústria cultural é próspera sobre o destino desses personagens? Adiante, vamos levar em consideração duas obras recentes de fantasia e ficção científica que foram adaptadas para a televisão e posteriormente faremos uma relação com os romances do nosso objeto de estudo para buscar compreender as diferenças da representatividade entre obras produzidas e protagonizadas por pessoas negras e conseqüentemente afrofuturistas e obras de autoria branca que possuem personagens negros.

Nos últimos anos, temos testemunhado uma mudança significativa no cenário das produções cinematográficas e televisivas, especialmente em adaptações de obras literárias renomadas de ficção especulativa. Um exemplo notável dessa transformação é a série *Casa do Dragão* (2022) baseada na obra *Fogo e Sangue* (2018), de George R. R. Martin, que tem chamado a atenção ao apresentar uma abordagem diversificada no elenco, incluindo a troca de personagens originalmente concebidos como brancos por atores negros. Outro exemplo é a série *Os Anéis do Poder* (2022), que se inspira nas clássicas obras de *O Senhor dos Anéis* (1954), de J.R.R. Tolkien. Além desses, outro que podemos citar e analisar é a adaptação recente do jogo de videogame *The Last of Us* (2023), considerado uma das melhores adaptações de jogos de todos os tempos e que trouxe um elenco diverso mantendo personagens que originalmente eram negros e implementando outros na adaptação.

Não iremos adentrar em análises sobre adaptação e semiótica, pois o foco aqui é utilizar *The Last of Us* e *a Casa do Dragão* como exemplos de obras bem-sucedidas da indústria cultural e que prometeram representatividade negra em suas narrativas. Essas adaptações refletem uma crescente conscientização sobre a importância da representação e da diversidade nas narrativas, desafiando convenções prévias e ampliando as possibilidades de interpretação e conexão do público com as histórias. Mas existe um problema, que pode ter passado despercebido não apenas nessa narrativa, mas em diversas outras que possuem personagens negros: a falta de prosperidade dos personagens no decorrer das histórias.

Enquanto tanto Dana quanto Cora personificam os desafios enfrentados pelas mulheres negras na luta contra a imposição de opressões e finalizam seus caminhos de forma positiva, as narrativas do nosso exemplo não garantem nenhuma prosperidade aos personagens negros, mas são vendidas como obras representativas. Isso nos leva a seguinte pergunta: Por qual motivo pessoas negras irão criar identificação com personagens que não possuem prosperidade, se todos os personagens negros de ambas as séries são assassinados e de formas brutais?

O afrofuturismo, embora frequentemente associado à exploração de futuros alternativos, não se configura como um movimento em busca de utopia. Em vez disso, ele

mantém uma relação estreita com o afropessimismo, um conceito que destaca as persistentes estruturas de opressão enfrentadas pela comunidade negra. Desta forma, o afrofuturismo não ignora realidades difíceis e muitas vezes desumanas da experiência negra, como podemos ver nos romances aqui estudados, mas, em vez disso, as utiliza como material para especulações criativas e críticas reconhecendo a importância de confrontar as barreiras sistêmicas que moldam a experiência negra, ao mesmo tempo em que imagina novos caminhos e possibilidades para tal.

O encerramento de *Kindred* nos convida a refletir sobre essa questão através de uma relação entre futuro e liberdade. Devido a última vez que Dana foi chamada ao passado ser no dia 4 de julho e aproximadamente 30 anos antes do início da Guerra Civil nos Estados Unidos. Essa data, o Dia da Independência dos Estados Unidos, que deveria celebrar a liberdade e a igualdade, adquire uma ironia no contexto da narrativa pois para os afro-americanos, a independência e a liberdade foram negadas e adiadas.

O fato de Dana ser chamada ao passado nesse momento específico ressalta a brutalidade e a injustiça da escravidão que persistiram por décadas antes do início da guerra que supostamente colocaria um fim a essa instituição. Esse ponto é afirmado também por Frederick Douglas (2021, p. 176) em seu discurso no 4 de julho de 1852 quando responde sobre “O que significa para o escravo o 4 de julho? eu respondo: um dia que revela para ele, mais do que todos os outros dias do ano, a enorme injustiça e crueldade das quais ele é a vítima constante”. Portanto, a escolha dessa data pela autora ressalta como os feriados e símbolos nacionais podem ter significados distintos para diferentes grupos de pessoas, dependendo de sua experiência histórica e social.

Sua última viagem ao passado é também onde sua conexão com Rufus termina no sentido da interdependência. Nesse ponto do romance, Rufus e Alice já haviam tido seus filhos e a personagem havia se suicidado. As ações seguintes da narrativa levam Dana e Rufus a um combate mortal, ao qual o personagem morre e ela retorna ao presente. Apesar de ter vivenciado aquela época, Dana e o marido decidem visitar Maryland e entender o que se deu após o conflito entre os dois.

Fomos à zona rural, onde ainda só havia mata e roça, e encontramos algumas das casas antigas. [...]A única pista que encontramos, mais do que uma pista, na verdade, foi uma matéria antiga de jornal; uma nota de que o sr. Rufus Weylin tinha morrido quando sua casa foi incendiada e parcialmente destruída. [...]Nigel provavelmente o havia causado para cobrir o que eu tinha feito, e ele cobriu.
(BUTLER, 2017, p. 421- 422)

A descoberta da morte de Rufus e da destruição de sua casa é simbólica para o destino da personagem, que encerra os chamados ao passado, e repercute também sobre o colapso de um sistema que permitiu a perpetuação da escravidão e de suas injustiças.

O afrofuturismo presente em *Kindred* não se exime da realidade, assim como ocorre em *The Underground Railroad*, mas, em vez disso, explora maneiras de transformá-la. Ambas as obras não hesitam em enfrentar a realidade da experiência negra, mesmo que essa seja por vezes devastadora. No entanto, o que as destaca como verdadeiros exemplos de representatividade é a maneira como recriam e reescrevem essa experiência. Funcionam como exercícios de *sankofa*, um retorno ao passado para resgatar e aprender sobre a cultura e identidade próprias. Os romances retratam e constroem narrativas que devem ser encaradas como inspiradoras. Ao abordarem as verdades da História, promovem um conhecimento e uma compreensão mais profunda das raízes culturais negras. Portanto, são construções do saber histórico e identidade negra, encorajando uma conexão mais íntima com a própria herança cultural.

Cora e Dana são personagens que refletem o próprio ciclo de crise de identidade em que a população negra se encontra há anos. Enquanto Cora é forçada a questionar quem ela é e a que lugar pertence, para que ela possa sobreviver em diferentes estados, mudando seu nome ou origem. Dana por sua vez precisa equilibrar suas conexões com o passado e o presente forçando o apagamento de sua identidade de mulher negra, conhecedora de seus direitos, formada em um período pós-abolição.

Perante o exposto, a frase de Frederick Douglass (2021, p. 173) “A América é falsa com o passado, falsa com o presente e, solenemente, destina-se a ser falsa com o futuro”, ilustra como a identidade negra é intrinsecamente ligada ao passado, ao presente e ao futuro, e essas personagens representam questionamentos e desafios que ecoam ao longo da história da população negra não só nos Estados Unidos, mas em outros países da América. O afrofuturismo rompe com essa falsidade, mantendo um compromisso constante com a reconstrução de uma história e um futuro mais inclusivo e equitativo, onde a identidade negra possa prosperar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Kindred e *The Underground Railroad* são exemplos de obras afrofuturistas que desafiam o próprio senso comum do que seria afrofuturismo, uma palavra que implica futuro. Mas para onde ir se não sabemos de onde viemos? Que caminho seguir quando nossas representações não nos dão a possibilidade de existir no futuro? Por isso, o afrofuturismo cria um caminho de existência em meio a narrativas negras e por vezes dolorosas que contribuem para uma identidade positiva de negritude, pois entrega a possibilidade da imaginação no sentido de imaginar a si e sua negritude em diferentes lugares.

Se antes pessoas negras se imaginavam alcançando um padrão eurocêntrico para serem aceitas, com o afrofuturismo elas não precisam mais negociar sua identidade para fazerem parte do mundo. Além disso, as duas obras utilizam o afrofuturismo como um movimento de *sankofa* justamente para nos dizer de onde viemos, não apenas sobre o nosso passado na América, mas sobre um tempo e uma terra anterior a essa. Nesse lugar estavam identidades, valores e costumes que foram forçadas ao apagamento e negadas.

No entrecruzamento dessas narrativas, conseguimos mapear os elementos que atravessam e configuram as identidades das personagens Cora e Dana. Para Cora, o ciclo de solidão é uma constante, tornando-se o principal motivo das mudanças e trajetória de fuga, uma jornada solitária permeada pela ausência de conexões duradouras e pela busca incessante por pertencimento. O isolamento emocional que a acompanha simboliza também a história “coletiva” dos escravizados, frequentemente privados de laços familiares e comunitários. Esse isolamento poderia moldar sua visão de si mesma como uma pessoa destinada a viver à margem, reforçando a ideia de que a solidão é uma condição intrínseca à sua existência.

Dana demonstra a habilidade de cultivar amizades estáveis na fazenda durante suas viagens temporais, uma capacidade que pode ser atribuída ao contexto de seu presente, situado na década de 1970. A experiência de Dana na sociedade dos anos 70 permitiu-lhe compreender a importância das relações interpessoais e desenvolver habilidades sociais que transcendem as barreiras temporais. Em contraste, Cora, cuja narrativa está intrinsecamente ligada à época escravocrata, encontra desafios na formação e manutenção de vínculos duradouros, dada a brutalidade e instabilidade inerentes ao seu contexto histórico. A questão do tempo entre as experiências de Dana e Cora contribui para as distintas dinâmicas sociais vivenciadas por cada personagem.

Entretanto, Cora mantém seu foco nos estudos independentemente deste movimento, e o letramento aparece como o segundo elemento que a acompanha em sua

construção de identidade, desempenhando papéis distintos para as duas personagens. Para Cora, a habilidade de ler representa um meio de escapar para a liberdade ao possibilitar a criação de autoconsciência e autoconfiança. Essa competência a leva a refletir sobre sua condição, compreender a sociedade à sua volta e desafiar as pessoas que a oprimem. O letramento se torna, assim, uma ferramenta essencial para o empoderamento da personagem, proporcionando-lhe não apenas conhecimento, mas também uma ferramenta assertiva na busca por sua própria emancipação.

A relação de Dana com a educação, ao retornar ao passado, evidencia a razão pela qual os brancos proibiam os escravizados de aprender a ler ou ter acesso ao conhecimento. Esse aspecto da leitura, destacado em *Kindred*, encontra paralelos em *The Underground Railroad*. Ambas as obras abordam a questão do conhecimento como uma ferramenta de empoderamento e resistência, revelando como a educação representava uma ameaça à estrutura de poder escravista, resultando na proibição sistemática dos escravizados de adquirirem habilidades literárias e intelectuais. Essa conexão entre as duas narrativas sublinha a persistência das estratégias de controle social implementadas pelos brancos para manter a dominação sobre os escravizados.

Por fim, a violência física aparece como um fio condutor que atravessa ambas as narrativas, unindo as cadeias opressivas e as experiências de Cora e Dana. A brutalidade dos castigos físicos e a coerção violenta permeiam suas vidas, que nos mostra não apenas as circunstâncias individuais das personagens, mas também denuncia a crueldade inerente ao sistema escravista. Esses elementos transversais enfatizam as interconexões entre as histórias individuais das personagens e a narrativa coletiva da luta por liberdade. O ciclo que permeia a trajetória de Dana é marcado pelo medo e pela agressão, fatores que a impulsionam a retornar ao seu tempo presente. O medo constante de enfrentar a violência, tanto física quanto psicológica, se torna uma força motriz que molda suas ações e decisões. O retorno ao presente representa uma fuga física do passado e uma busca por refúgio diante do ciclo perturbador de agressão que ameaça consumi-la.

A partir da leitura e análise dos romances surgiram diferentes reflexões sobre a experiência da população negra nos Estados Unidos, desde os tempos da escravidão até a luta por liberdade e igualdade nos tempos contemporâneos. Ambas as obras proporcionam um mergulho nas camadas da identidade negra feminina. Através de uma fusão entre passado, presente e futuro, Octavia E. Butler e Colson Whitehead conseguiram trabalhar aspectos fundamentais da história e cultura afro-americana, destacando o papel do conhecimento e das relações sociais na construção das identidades negras.

No entanto, mesmo diante das reflexões proporcionadas por esta análise, é evidente que ainda há muito a ser desbravado e compreendido. As experiências afro-americanas continuam a desafiar nossos entendimentos convencionais, incentivando-nos a continuar explorando a literatura afro-americana em pesquisas futuras, que podem aprofundar ainda mais nossa compreensão das dinâmicas sociais, culturais e literárias que permeiam as narrativas afrofuturistas e a identidade das mulheres negras.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. A escola e a construção da identidade na diversidade. In: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVÉRIO, Valter Roberto (orgs.). **Educação como prática da diferença**. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2006.
- ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALAKIJA, Ana. Mídia e Identidade Negra. In: **Mídia e Racismo**. Roberto Carlos da Silva Borges e Rosane Borges (org.). Brasília: ABPN, 2012. p. 108-150.
- ANDERSON, Reynaldo. Afrofuturism 2.0 & The Black Speculative Art Movement: Notes On A Manifesto. In: **Obsidian: Literature & Arts in the African Diaspora**, Department of English, Illinois State University, Vol. 42, No. 1/2, p.230-238, 2016. Disponível em: https://monoskop.org/images/a/a9/Anderson_Reynaldo_2016_Afrofuturism_2.0_and_the_Black_Speculative_Arts_Movement.pdf. Acesso em: 8 de novembro de 2023.
- ANJOS, Silvana Oliveira. Mídia, Racismo e Sociedade Brasileira. In: **Revista Querubim, Coletânea Alecrim**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2014. p. 83-88.
- ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**: a teoria de mudança social. Tradução de Ana Monteiro-Ferreira, Ama Mizani e Ana Lucia. Afrocentricity International, 2014.
- BERTH, Joyce. **O que é Empoderamento?**. São Paulo: Pólen, 2018.
- BORGES, Rosane da Silva. Mídia, racismos e representações do outro. In: **Mídia e Racismo**. Roberto Carlos da Silva Borges e Rosane Borges (org.). Brasília: ABPN, 2012. p. 180-202.
- BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias. Acesso em: 25 de junho de 2023.
- BUTLER, Octavia E. **Kindred**: laços de sangue. Tradução de Carolina Caires Coelho. São Paulo: Editora Morro Branco, 2017.
- BUTLER, Octavia E. An Interview with Octavia E. Butler [Entrevista concedida a] Randall Kenan. In: Callaloo, n. 14.2, p. 495-504, 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2931654>. Acesso em: 20 de março de 2023.

- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. *In: ANTONIO CANDIDO e tal. A personagem de ficção*. 6. ed. São Paulo: perspectiva, 1976. p. 51-80.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. São Paulo: Zahar, 2023.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 2006.
- CROSSLEY, Robert. Introduction. BUTLER, Octavia. **Kindred**, Boston: Beacon, p.9-27, 1988.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo:1990-2004. *In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S. l.]*, n. 26, p. 13–71, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 19 de maio 2024.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S. l.]**, n. 31, p. 87–110, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9434>. Acesso em: 19 de maio 2024.
- DERY, Mark. Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose. *In: Flame Wars: the discourse of cyberculture*. Durham: Duke University Press, p. 179-222, 1994.
- DOUGLASS, Frederick. **Frederick Douglass**: Autobiografia de um escravo. Tradução de Oséias Silas Ferraz. São Paulo: Vestígio, 2021.
- DUBEY, Madhu; GOLDBERG, Elizabeth Swanson. New frontiers, cross-currents and convergences In: GRAHAM, Maryemma; WARD JR, Jerry W. (org.). *In: The Cambridge History of African American Literature*, Cambridge University Press, p. 21 – 38, 2011.
- Eu não sou seu negro**. Direção: Raoul Peck. Produção: Rémi Grellety, Raoul Peck, Hébert Peck. Suíça / França / Bélgica / Estados Unidos: Velvet Film, 2017. 1 DVD (95 min.).
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FOUCAULT, Michel. Diálogo sobre o poder. *In: Estratégia, Poder, Saber*. Manoel Barros da Motta (Org.) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 253-266.
- GONÇALVES, Ana. Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- GOODREADS. Colson Whitehead. 2017. Disponível em: https://www.goodreads.com/questions/835361-was-valentine-farm-based-on-a-real-place_. Acesso em: 15 de novembro de 2023.
- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *In: Revista do IPHAN*, Ministério da Cultura, v. 24, p. 68-75, 1996.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOOKS, Bell. **Não sou eu uma mulher**. Tradução livre para a Plataforma Gueto. Plataforma Gueto, 2014. Disponível em: <https://plataformagueto.files.wordpress.com>. Acesso em: 15 de junho de 2023.

HOOK, Bell. **Olhares Negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Tradução de Fábio Fernandes. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

IRELE, F. Abiola. Sounds of a tradition: the souls of black folk. In: GRAHAM, Maryemma; WARD JR, Jerry W. (org.). *In: The Cambridge History of African American Literature*, Cambridge University Press, p. 21 – 38, 2011.

KAISER, G. R. **Introdução à literatura comparada**. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa, Portugal: Editora Antígona, 2014.

MORRISON, Toni. **The origin of others**. Cambridge: Harvard University Press, 2017.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul**. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MORRISON, Toni. **Amada**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NELSON, Alondra. Introduction: Future Texts. In: **Afrofuturism**. Social Text, vol. 20.2, 2002.

SILVA, Ana Célia. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. *In: MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola*. Brasília: MEC/BID/UNESCO, 2005. p. 21-37.

SHAWKI, Ahmed. **Black Liberation and Socialism**. Chicago, IL, USA: Haymarket Books, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

THE FUGITIVE SLAVE LAW OF 1850. *In: Bill of Rights in Action*, vol. 34.2, Constitutional Rights Foundation, 2019. Disponível em: <https://www.crf-usa.org/images/pdf/Fugitive-Slave-Law-1850.pdf>. Acesso em: 20 de dezembro de 2023.

THE FUGITIVE SLAVE ACT (1850). **National Constitution Center**. Disponível em: <https://constitutioncenter.org/the-constitution/historic-document-library/detail/the-fugitive-slave-act-1850>. Acesso em: 20 de dezembro de 2023.

THOMPSON, Tade. Please Stop Talking About the “Rise” of African Science Fiction. *Literary HUB*, 2018. Disponível em: <https://lithub.com/please-stop-talking-about-the-rise-of-african-science-fiction/> Acesso em: 10 de dezembro de 2023.

WILKERSON, Isabel. **Casta: As origens de nosso mal-estar**. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2021.

WHEATLEY, Phillis. To the University of Cambridge, in New England. In: HILL, Patricia L. (Ed). **Call and Response: the Riverside Anthology of the African American Literary Tradition**. New York: Houghton Mifflin Company, 1997. p. 98

WHITEHEAD, Colson. **The Underground Railroad: Os Caminhos para a liberdade**. Tradução de Caroline Chang. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

WOMACK, Ytasha. **Afrofuturism: The world of black sci-fi and fantasy Culture**. Chicago: Lawrence Hill Books, 2013.

YASZEK, Lisa. Race in science fiction: The case of afrofuturism and new hollywood. *In: A Virtual introduction to science fiction*. Ed. Lars Schmeink, 2013. Disponível em: http://virtualsf.com/?page_id=372. Acessado em: 20 de maio de 2023.

YUNES, Eliana. **A experiência da leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.